



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIRIO - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

Programa de Pós-Graduação em História



JOÃO VICTOR DE OLIVEIRA CALEGARI

**FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DO
PASSADO EM MEIO A CRISE DE
HISTORICIDADE: A BRASIL
PARALELO E SUA CRUZADA
CONTRA A HISTÓRIA**

2024

JOÃO VICTOR DE OLIVEIRA CALEGARI

**FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DO PASSADO EM MEIO A CRISE
DE HISTORICIDADE: O BRASIL PARALELO E SUA CRUZADA
CONTRA A HISTÓRIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Patrimônio, Ensino de História e Historiografia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Turin

Rio de Janeiro

Programa de Pós-Graduação em História

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

2024

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

C148 Calegari, João Victor de Oliveira
 FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DO PASSADO EM MEIO A CRISE DE
HISTORICIDADE: A BRASIL PARALELO E SUA CRUZADA CONTRA A
HISTÓRIA / João Victor de Oliveira Calegari. -- Rio de
Janeiro : UNIRIO, 2024.

128 f.

Orientador: Rodrigo Turin.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História,
2024.

1. Negacionismo histórico. 2. História como serviço. 3.
Teoria da História. I. Turin, Rodrigo , orient. II. Título.

JOÃO VICTOR DE OLIVEIRA CALEGARI

**FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DO PASSADO EM MEIO A CRISE
DE HISTORICIDADE: O BRASIL PARALELO E SUA CRUZADA
CONTRA A HISTÓRIA**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção
do grau de Mestre em História pela Universidade Federal
do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Rodrigo Turin

Orientador – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO

Prof. Dr. Fernando Felizardo Nicolazzi

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Prof^ª. Dr^ª. Sônia Maria de Meneses Silva

Universidade Regional do Cariri – URCA

À minha família e todas as demais pessoas que ao longo da minha vida possibilitaram a educação como ferramenta de transformação social.

Agradecimentos

Aos meus pais, Vandreia Calegari e João Carlos de Oliveira Calegari, por terem apoiado e influenciado que me dedicasse ao máximo à educação e aos estudos. Foram eles também os grandes responsáveis em momentos que precisei de carinho, atenção ou mesmo um puxão de orelha, além de darem todo o suporte financeiro quando o momento se mostrava complicado. Meu muito obrigado desde a alfabetização até os dias que me questionavam sobre os próximos passos desta pesquisa e minhas sinceras desculpas pelos momentos em que me fiz ausente.

À minha irmã, Priscilla Calegari, que sempre foi a mais inteligente da família, a primeira a se formar em uma faculdade federal e a primeira a concluir um mestrado, sempre grande influenciadora dos meus sonhos acadêmicos. Um grande obrigado por todas as discussões, desde o café da manhã até o boa noite antes de dormir. Se eu consegui argumentar com uma advogada dentro de casa, posso passar pelas mais duras arguições que ainda virão.

Aos meus avós, Maria Aparecida e José Ruela, *in memoriam*, que sempre demonstraram grande orgulho e felicidade ao tomarem conhecimento das minhas pequenas conquistas.

À minha companheira, Julia Ferrarezi Petrato, que se tornou, além de uma grande amiga, uma eterna namorada e hoje companheira de pesquisa e profissão. É simbólico que nos conhecemos na minha última semana da graduação e na sua primeira semana de aulas, ambos em História. Alguns bons anos se passaram e seu incentivo foi essencial para que eu entrasse e permanecesse nessa pesquisa. É praticamente impossível descrever em palavras o quão importante você foi nessa caminhada.

Ao meu grande amigo Edmo Videira, colega de área de pesquisa, que conheci ainda na graduação, e tenho o grande prazer de poder dividir os louros e os momentos de crise da História, essa mestra que atravessa nossas vidas e nos conecta desde 2014. Foi grande influência para que eu pudesse ir para o Rio de Janeiro, além de um grande companheiro durante os momentos de isolamento, principalmente na escrita, um bom papo e uma cerveja, melhoram todo o processo.

Aos colegas, Ricardo Junior, novamente Edmo Videira, Álvaro Saluan, Henrique Silveira, Beto Damata, Felipe Dias e Raphael Santorio, os *Falsos Profetas*, por todos os eventos, apontamentos e *sobe e desce* pela vida acadêmica.

Agradecimento aos colegas que fazem parte do LETHE – Unirio e GEPACEH – UFJF. A querida pesquisadora e hoje amiga Mayara Balestro, com quem pude dividir bons momentos durante a pesquisa e a todos aqueles que encontrei pelos diversos eventos acadêmicos pelo Brasil. Meu muito obrigado, de certa forma todos vocês participaram de discussões que influenciaram na pesquisa e escrita deste trabalho.

Ao meu orientador, Rodrigo Turin, que era grande influência nos textos e tornou-se um grande orientador. Desde as primeiras trocas de e-mail até o momento em que nos conhecemos pessoalmente, cada reunião, apontamento, crítica e elogio fez total diferença neste trabalho, foi um grande prazer e honra ter tido esta oportunidade.

Aos membros da Banca na qualificação, Sonia Meneses e Arthur Ávila, que mesmo com suas tarefas e pesquisas diárias foram atenciosos desde o momento do convite, realizaram excelentes apontamentos e acrescentaram novas camadas ao presente trabalho.

Um agradecimento especial à banca de defesa, novamente a professora Sonia Meneses e o professor Fernando Nicolazzi, que aceitou a missão de substituir o professor Arthur Ávila, que não pôde estar presente.

A todos os alunos que tive o privilégio de dar aulas durante estes últimos dois anos. A sala de aula é como um elixir para os professores, é onde encontramos o verdadeiro horizonte de grande parte do nosso ofício e sem os alunos isso jamais seria possível. Agradeço ainda a toda equipe da Escola Municipal Waldomiro de Magalhães Pinto, bem como aos demais locais em que lecionei, que me deram suporte nos momentos em que foi necessário estar ausente para comparecer aos compromissos do mestrado.

A todos os funcionários que tive contato na UNIRIO, a própria instituição e principalmente aos professores que fizeram parte desta longa caminhada. A oportunidade de assistir aulas e realizar minha pesquisa em um programa de pós-graduação como o da UNIRIO era algo inimaginável em um passado não tão distante da minha vida e tornou-se possível também por incentivos e financiamentos possibilitados pela instituição. Como discente não bolsista durante todo o mestrado, cada aporte financeiro que consegui fez total diferença para que eu pudesse apresentar e participar de eventos acadêmicos pelo Brasil.

No sentido etnológico e quase religioso do termo, a escrita representa o papel de um rito de sepultamento; ela exorciza a morte introduzindo-a no discurso. Por outro lado, tem uma função simbolizadora; permite uma sociedade situar-se, dando-lhe, na linguagem, um passado, e abrindo assim um espaço próprio para o presente: “marcar” um passado é dar um lugar a morte, mas também redistribuir o espaço das possibilidades, determinar negativamente aquilo que está por fazer e, conseqüentemente, utilizar a narratividade, que enterra os mortos, como um meio de estabelecer um lugar para os vivos (Certeau, 2015, p. 109).

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar o caso da empresa Brasil Paralelo e sua narrativa na produção audiovisual de nome “Brasil – A última cruzada”, que segundo os autores, é sua principal obra de conteúdo histórico e educacional. A escolha da empresa, em meio a diversos autores ou criadores de conteúdo, nem sempre historiadores, que produzem materiais que se dizem históricos e hoje surgem nas *timelines* de usuários das mais diversas redes, se dá pelo seu crescimento e *modus operandi* na Internet, buscando delimitar que será em suas produções que o usuário encontrará a verdade, algo que lhe foi escondido principalmente por professores de história da escola. Partiremos dos conceitos empregados por Certeau em “A Escrita da História” para analisarmos a *Operação historiográfica* da empresa e como ela se utiliza de um *Lugar*, uma *Prática* e uma *Escrita*, para produzir seus materiais audiovisuais. Será necessário para o presente trabalho pensar conceitos pertinentes dentro da temática e em meio a diversificação de usos, escritas e produções com conteúdo histórico. Como definir, como classificar essas produções? Pensaremos hipóteses a partir da histórica pública, a história como serviço e o negacionismo histórico contemporâneo.

Palavras-chave: Brasil Paralelo; História como Serviço; Negacionismo Histórico; Operação historiográfica

ABSTRACT

The dissertation aims to analyze the case of the company Brasil Paralelo and its narrative in the audiovisual production “Brasil - A última cruzada”, which according to the authors, is its main work of historical and educational content. The company was chosen because of its growth and *modus operandi* on the Internet, seeking to establish that it is in its productions that the user will find the truth, something that has been hidden from them mainly by school history teachers. We will use the concepts employed by Certeau in “The Writing of History” to analyze the company's historiographical operation and how it uses a Place, a Practice and a Writing to produce its audiovisual materials. It will be necessary for this work to think about pertinent concepts within the theme and amidst the diversification of uses, writings and productions with historical content. How can we define and classify these productions? We will consider hypotheses based on public history, history as a service and contemporary historical denialism.

Keywords: Brasil Paralelo; History as a Service; Historical Negationism; Historiographical Operation

SUMÁRIO

Introdução.....	12
Capítulo 1: Produto de um lugar: história pública e história como serviço, em meio ao negacionismo histórico.....	17
1.1 - Lugar social hoje: a História Pública em meio a diversificação de usos e produções de conteúdo.....	22
1.2 – O que permite e o que proíbe: o Negacionismo Histórico contemporâneo.....	29
1.3 - A instituição histórica de mercado: a história como serviço em meio ao negacionismo histórico e sua publicidade.....	39
Capítulo 2: Uma prática: a articulação entre os procedimentos de produção de verdade e as fontes.....	54
2.1 – Novas Direitas e debates historiográficos.....	62
2.2 – O estabelecimento de Fontes e a relação de Verdade nos públicos conspiratórios.....	65
2.3 – O trabalho sobre uma prática análoga a História.....	70
Capítulo 3: Uma escrita: O lugar de produção do texto se transforma em lugar produzido pelo texto.....	87
3.1 - A lei mascarada: a escrita e sua relação político e cultural.....	89
3.2 – A Construção como negacionismo: Imagens e Músicas utilizadas na obra da Brasil Paralelo.....	99
Conclusão.....	116
Referências Bibliográficas.....	121

Introdução

Iniciar a introdução de um trabalho de pesquisa pode ser tão complicado quanto concluir, por vários motivos. O mais delimitador de todos, acredito, é a relação temporal em que ele começou a ser escrito e agora se conclui. Por várias vezes outras introduções já foram escritas, bem como alteradas, por perceber que aquela vestimenta já não cabia mais. Em meio a estes dois anos de pós-graduação muitas coisas aconteceram e cada uma delas influenciou no trabalho que apresento agora. Entretanto, durante uma conversa com meu orientador, Rodrigo Turin, percebi que eu estava um tanto quanto incomodado com meu afastamento da sala de aula, logo no início do mestrado. Entre estágios e colégios, lecionando desde 2017, durante a pandemia de COVID-19 acabei me afastando presencialmente e, em 2022, ano que entrei no PPGH-UNIRIO, fui levado a me ausentar por incompatibilidade de horários e questões que a realidade do momento impusera. Felizmente, em 2023 consegui um novo local para trabalhar e confirmar que o espaço da sala de aula é amplo, diverso e me fazia ter reflexões que conversavam diretamente com meu objeto de estudo e projeto de pesquisa. Em um desses momentos de reflexão escrevi um texto que saiu completo pela revista *Palavras Abertas*¹ e optei por trazer parte dele para a introdução deste trabalho, afinal de contas, em uma das diversas inquietações de sala de aula pude perceber o alcance do meu objeto de pesquisa.

O ano era 2019, fui convidado a substituir uma amiga professora que estava se afastando por motivo de saúde da escola na qual lecionava, já ao fim do ano letivo. Uma das tarefas que a colega havia passado para as alunas e alunos era a de um trabalho bimestral com a ampla temática de “independências na América”. Era uma turma de 2º ano de ensino médio de uma escola privada, no início do quarto bimestre letivo, cujo conhecimento prévio e informações não eram ainda suficientes para mim. Enquanto recebia os trabalhos, aproveitei para me apresentar. Junto a isso, seguia lendo o nome dos grupos, em cada nova entrega, indagando “quem eles eram”, buscando uma forma descontraída de conhecer aqueles jovens.

Percebi logo de início a tristeza da maioria dos discentes com o afastamento da antiga professora, muito elogiada quando perguntava se os estudantes gostavam da disciplina. “De História não, mas da professora sim” ou, então, que gostavam de História, mas mais ainda da minha colega de profissão, até que um jovem disse uma coisa diferente, daquelas que fazem

¹CALEGARI, João Victor de Oliveira. Internet e sala de aula: um breve relato sobre negacionismo histórico e consumo dos alunos em rede. *Palavras Abertas*, n. 8 (2024): 60 Anos do Golpe Militar no Brasil e o Ensino de História, ISSN2764-0922

acender uma luz amarela de atenção. Ele afirmou que gostava de História, principalmente guerras e história do Brasil, e até gostava da antiga professora, apesar de ser muito “esquerdista”. Até o momento nenhum outro aluno tinha dito coisa parecida. Após a frase, um pequeno grupo de 3 ou 4 garotas começou a contradizê-lo, afirmando que o aluno era sem noção, ou “de direita”, e por isso se ofendia com tudo. Os colegas do outro lado começaram a rebater as meninas. Minha primeira reação foi a de pedir calma e buscar um afastamento do tom de briga que estava iniciando. Voltei às apresentações e segui o script da aula, planejado anteriormente.

Esse ocorrido me chamou a atenção para a própria disposição dos adolescentes em sala: existia uma espécie de divisão. Uma fileira vazia foi formada ao centro da sala de aula, e parte dos jovens agrupados à esquerda e outra parte à direita, mantendo o espaço vazio como uma espécie de fronteira. Na chamada, estavam todos presentes. Em algum momento a fileira de carteiras foi “criada”. A grande divisão que rondava o Brasil de 2018-2019 estava também à minha frente, nessa manifestação da sala de aula, e ela foi barulhenta. Ainda na mesma semana, corrigindo os trabalhos, observei que um dos grupos utilizava como referência a empresa Brasil Paralelo. Não me admirou a participação, nesse grupo, do aluno que havia feito o comentário sobre a professora. No trabalho, não eram notadas afirmações erradas ou mesmo um indicativo de que os jovens tivessem tirado informações de alguma produção da empresa. A princípio, imaginei que era um movimento no sentido de afrontar a antiga professora, ou um acréscimo de site para a lista de referências obrigatórias no trabalho escolar. Fato era que aquela empresa, que já era conhecida para mim, também era conhecida pelo aluno e rendia-lhe um conjunto de representações fortes o suficiente para se tornarem fontes em seu trabalho.

Nesse mesmo ano, alguns meses antes, eu havia tomado a decisão de estudar a Brasil Paralelo e como suas produções atuavam sobre o pensamento histórico daqueles que buscavam vídeos e séries de história na internet para se informar. Agora eu tinha um exemplo direto do discurso da Brasil Paralelo chegando também nas escolas. A empresa tinha como meta acessar um grande número de consumidores e ampliar os seus planos na educação brasileira². Naquele momento, já não me parecia correto simplesmente a ideia de reprimir o curso desse processo, ou mesmo pautar as aulas por dogmas, como o da existência de uma verdadeira história; somente ela dizia a verdade e somente ela seria considerada fora dos círculos acadêmicos. Era necessário

²BRITO, Karina Oliveira, JUNIOR, Osvaldo Rodrigues. A cruzada “alternativa” da Brasil Paralelo: a história como instrumento de guerra cultural. *SÆCULUM – Revista de História* [v. 26, n. 45]. João Pessoa, p. 231-246, jul./dez. 2021, ISSN 2317-6725. p. 235

entender todo o emaranhado de tentáculos que fizeram com que uma produção de não historiadores surgisse nas redes quando alguém busca conhecimentos nitidamente concatenados à disciplina História. O que foi iniciado com uma apresentação de trabalho na Semana de História da Universidade Federal de Juiz de Fora enveredou-se nos anos seguintes, em meio à vida de professor e uma pandemia, até a condição de pesquisador precarizado, construindo um projeto de mestrado no campo da Teoria da História na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, a UNIRIO.

Foi preciso um certo tempo para de fato entender o que eu analisaria, afinal de contas, mesmo que não fosse como é no atual momento, o escopo de produções da Brasil Paralelo já era amplo. De tal forma optei por delimitar minha pesquisa no que era até então a maior produção da empresa, o documentário de nome *Brasil – a última cruzada*, que contava com sete episódios que buscavam narrar a história brasileira a partir de cavaleiros templários e a relação da cristandade portuguesa até o período contemporâneo, com o que a própria empresa denominaria de *marxismo cultural*. Os episódios são divididos da seguinte forma: o primeiro capítulo visa apresentar detalhes da chamada “Guerra de Reconquista”, onde os cristãos conseguem recuperar territórios perdidos para os Mouros. O episódio ainda promete explicar quem foram os Templários, analisar os efeitos da Guerra dos 100 anos em Portugal, abordar as grandes navegações e o descobrimento do Brasil por Pedro Álvares Cabral. O segundo capítulo é dedicado à colonização do Brasil. Tem como assuntos abordados o encontro entre portugueses e indígenas, as intenções de Portugal, falas sobre a escravidão e até a ideia de miscigenação. A terceira produção, chamada de “A Guilhotina da Igualdade”, tem como tema central a vinda da família real portuguesa para o Brasil. Além disso, faz contextualização sobre o governo de Napoleão, da construção do reino unido, das intenções de civilizar o território. O quarto episódio trata da independência do Brasil e o primeiro reinado, com grande foco inclusive em José Bonifácio e se encerra com o tema do período regencial. O quinto capítulo trata do segundo reinado até o período de proclamação da República, citando ainda questões como a Guerra do Paraguai, a política e a questão religiosa do período. O sexto episódio tem como tema central o período de Vargas na presidência, indo da revolução de 1930 até a morte de Getúlio. A sétima parte trata do material de maior sucesso da empresa, com nome “1964 O Brasil entre armas e livros”, que busca abordar o período entre 1964 a 1985, entretanto passa mais tempo abordando o período de guerra fria e encerra-se afirmando a suposta influência do marxismo cultural no período pós 1988, principalmente nos governos petistas.

A obra audiovisual é longa, com muitos episódios, sendo um desafio analisar toda sua totalidade. Entretanto, a separação entre obra e empresa é importante, pois nosso trabalho é dotado de historicidade em sua produção. O fio narrativo que analisamos tem data de início, meio e fim, e

as produções retratam como a empresa via os temas abordados entre os anos de 2017 e 2019, anos de lançamento do primeiro e último episódio respectivamente. Não poderíamos nos prender a uma lógica de tentar estar em constante atualização ou em busca de responder a cada passo que a Brasil Paralelo dava, pelo contrário, acreditamos que o processo de análise do documentário ***Brasil – a última cruzada***, sob as hipóteses e objetivos traçados, possa servir de modelo heurístico para estudo de outras obras e materiais com temática semelhante, sendo utilizado aqui como um caso em meio a tantas outras produções chamadas de negacionistas ou revisionistas.

Em meio às análises e reuniões de orientação, optamos por seguir com a categoria de análise delimitada pelo historiador francês Michael de Certeau de *operação historiográfica*. Essa escolha se mostrou interessante pois Certeau apontava quase que didaticamente como a operação histórica moderna havia se firmado e estabelecido uma forma de comunicação narrativa baseada em um *lugar*, uma *prática* e uma *escrita*; mas poderia ela ser usada também para analisar produções contemporâneas, produtos esses que tinham relação intrínseca com a Internet e os meios de comunicação que não estavam previstos nas ideias do francês? Essa foi então nossa primeira questão, pensar o conceito de operação historiográfica para analisar o caso de ***Brasil – a última cruzada***, para tanto, seguimos o caminho que Michael de Certeau realizou em *A escrita da história*, separando essa dissertação em três partes.

Nosso primeiro capítulo foi voltado para o lugar de produção da empresa, como ela surgiu e se inseriu em uma lógica de mercado ligada às produções audiovisuais de conteúdo histórico. Para tanto, foi necessário abrir nossa discussão para espaços distintos da historiografia, como as definições de história pública, negacionismo histórico contemporâneo e principalmente a história como serviço, conceito que se mostrou também como uma grande lente de análise. É neste capítulo também que introduzimos o uso da internet e das redes como algo extremamente importante para a Brasil Paralelo. No segundo, nos dedicamos a analisar a prática enquanto constituição de fontes, falas e a construção dos episódios do documentário. Observamos principalmente como ocorre a articulação entre os procedimentos de produção de verdade em ***Brasil – a última cruzada***, como os entrevistados são apresentados e colocados em cena, as falas de voz *off* e o processo de pesquisa que envolvem os episódios, quando isso é possível de se ver.

Por fim, no terceiro capítulo, seguimos com a lógica da divulgação, a escrita e características audiovisuais estéticas, que, ao nosso ver, influenciam muito na percepção que os espectadores têm do material da Brasil Paralelo. Foram selecionadas falas que delimitam a construção narrativa da produção, mas, além disso, que balizam práticas de discurso do grupo que chamamos em nosso trabalho de *Novas Direitas*. Optamos, na parte final da escrita, por trazer uma

lista de músicas e imagens usadas pela empresa, bem como os momentos em que são elencadas, para traçar o repertório dramático muito importante dentro da estética audiovisual.

Na conclusão desta dissertação tentei construir uma dinâmica de reflexão que possa, entre outras possibilidades, discutir as batalhas que nos rondam enquanto profissionais da História, mas também defender que existem muito mais janelas abertas do que portas fechadas quando se trata da grande área de teoria da história. Muito além da Brasil Paralelo, à utilização de material de cunho negacionista, o uso mercadológico da história e das redes como forma de organização de todo esse interregno precisa e merece ser discutido a partir da lógica de pluralidade histórica, da ética e da honestidade.

Capítulo 1: Produto de um lugar: história pública e história como serviço, em meio ao negacionismo histórico

A obra “A Escrita da História”, do historiador francês Michel de Certeau, lançada originalmente em 1975, reúne estudos que buscam versar sobre a prática historiográfica, as formas como elas foram abordadas no tempo e as características basilares que regulam a escrita historiográfica. Nos interessa especificadamente aqui um dos textos mais conhecidos do autor, o segundo capítulo, chamado “a operação historiográfica”, onde o Certeau afirma logo na introdução que “encarar a história como uma operação será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como a relação entre um *Lugar, procedimentos de análise* e a construção de um *texto*”³, admitindo que ela faz parte da atividade humana e que essa realidade pode ser apropriada, tanto como atividade quanto enquanto prática. Certeau afirma no prefácio à segunda edição que “a escrita da história remete a uma história moderna da escrita”⁴, um sistema chamado por ele de atual, que teria como articulação principal o lugar socioeconômico de produção e uma busca pela racionalidade escriturária, frente a uma oralidade regionalizante. Se levarmos em consideração que seu ofício é uma escrita dotada de historicidade, como poderíamos utilizar sua categoria de análise, *A Operação Historiográfica*, para pensar a sociedade contemporânea e o momento de crise do tempo ou mesmo um diferente regime de historicidade e a produção de conteúdo histórico de uma certa empresa?

Certeau aponta que a chamada história “objetiva” perpetuava a ideia de “verdade” num modelo misturado de filosofia com teologia, contentando em traduzir, criar, “fatos históricos”; entretanto, toda interpretação histórica depende de um sistema de referências, que esse sistema permanece uma “filosofia” implícita particular; que, infiltrando-se no trabalho de análise, organizando-o à sua revelia, remete à subjetividade do autor, ou seja, uma forma de desconfiança. Os “fatos históricos” já são constituídos pela introdução de um sentido na “objetividade”. O autor reitera, utilizando as discussões de Popper, que tais fatos enunciam, na linguagem de análise, “escolhas” que lhe são anteriores, que não resultam, pois, da observação e que não seriam nem mesmo “verificáveis”, mas apenas “falsificáveis”, graças a um exame crítico⁵. Essas subjetividades tinham como efeito direto, ainda assim reservado, de manter uma

³CERTEAU, Michael de. *A escrita da História*; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2015, p. 46-47.

⁴Ibid., p. XII

⁵Ibid., p. 48

posição distinta para os intelectuais, “um silêncio era o postulado dessa epistemologia”⁶, não se perturbava a paz nessa relação. Negava-se desta forma a pertinência epistemológica dos historiadores e de sua função social.

Uma nova ideia de autoridade precisou ser construída durante a modernidade, normas, processos, métodos, e por vezes leis, passaram a tomar conta da história, que inclusive foi disciplinarizada. Certeau advoga que a instituição histórica é uma instituição do saber, a relação entre uma instituição social e a definição de um saber, instituições “políticas”, eruditas. Não se tratando mais neste caso numa ausência, mas num lugar particular na redistribuição do espaço social. Uma retirada de certos assuntos, públicos ou religiosos, que se organizavam em outros círculos particulares, constitui um “lugar científico”. O saber torna-se indissociável de uma instituição social e nesta permanece como a condição de uma linguagem própria. Cada “disciplina” mantém sua ambivalência de ser a lei de um grupo e a lei de uma pesquisa científica. A instituição dá estabilidade, mas também determina a doutrina⁷. E desses pontos pergunta-se: o que seria uma obra de valor em história? Seria aquela reconhecida pelos pares, “os verdadeiros leitores”⁸.

Essa afirmação de Certeau é importante para a lógica historiográfica, porque nesse sentido os trabalhos mais bem avaliados teriam um espaço maior para com o restante do público, teriam passado por esses pares e conseqüentemente teriam um suporte maior, estariam de alguma forma mais próximos da verdade. Esse discurso, e o grupo que o produz, faz o historiador, mesmo que a ideologia atomista de uma profissão “liberal” “mantenha a ficção do sujeito autor e deixe de acreditar que a pesquisa individual constrói a história”⁹. O grupo, o “nós” do historiador, funciona como um laboratório, é o desdobrar de um grupo, é *produto de um lugar*¹⁰. Essa categoria pensada por Certeau nos anos 1970 é definidora então do modelo disciplinar e ou acadêmico da História, ou mesmo do modelo estabelecido na modernidade, busca com esse processo uma autoridade.

O leitor tomará ciência de que, assim como os capítulos do presente trabalho são organizados em relação aos subcapítulos de Michael de Certeau em *A Escrita da História*, as

⁶CERTEAU, Michael de. *A escrita da História*; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2015, p. 49

⁷Ibid., p. 51-54

⁸Ibid., p. 56

⁹Ibid., p. 56

¹⁰Ibid., p. 57

três partes que dividem este primeiro capítulo são inspirados nas temáticas abordadas pelo autor nos tópicos dentro destes capítulos. Abordaremos neste primeiro capítulo especificadamente a questão do *Lugar*, e desta forma na primeira parte buscará definir o que é a História Pública hoje, em meio às diversas produções de conteúdo histórico; na segunda, a possibilidade de olhar o mercado como uma instituição de produção de sentido histórico, uma definição de história como serviço em meio a um regime de historicidade neoliberal¹¹; e, por fim, o terceiro ponto, buscando classificar qual o lugar de produção da empresa Brasil Paralelo na sociedade.

Em uma consulta pública pelo nome da empresa na Rede Nacional para a Simplificação do Registro e da Legalização de Empresas e Negócios – Redesim, é possível identificar que o grupo surgiu em 9 de agosto de 2016, com o nome de BRASIL PARALELO ENTRETENIMENTO E EDUCAÇÃO S/A, sob o CNPJ 25.446.930/0001-02, tendo como nome fantasia apenas Brasil Paralelo, de natureza jurídica como Sociedade Anônima Fechada. Como atividade econômica principal é aplicada a descrição de Portais, provedores de conteúdo e outros serviços de informação na internet e como atividades secundárias descrições como Edições de livros, Produção Cinematográfica, Atividades de ensino não especificadas anteriormente, Promoção de vendas e etc¹².

Pensando no *Lugar* como algo físico, a empresa surgiu em Porto Alegre, sul do país¹³, mas hoje a sede está localizada no centro de São Paulo, mais especificamente na Avenida Paulista, no edifício Eluma. Em uma pesquisa na internet é possível encontrar anúncios de alugueis de salas comerciais neste mesmo edifício. Em um dos anúncios, uma área de 510m², tem o valor de R\$ 44.000,00 por mês, mais a taxa de condomínio de R\$ 12.000,00 e IPTU de R\$ 9.900,00, ambos por mês¹⁴.

Já no espaço da internet, a empresa tem duas grandes frentes: o canal no Youtube e o Site.

¹¹TURIN, Rodrigo. Presentismo, neoliberalismo e os fins da história, in: AVILA, A. (Org.); NICOLAZZI, F. F.; TURIN, R. (Org.). A História (in)Disciplinada. Teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico. 1. ed. Vitória: Milfontes, 2019.

¹²Dados de pesquisa no site do Governo Federal, na área de consulta de CNPJ. Disponível em: <https://consultacnpj.redesim.gov.br/>. Acesso em: 27 de Fevereiro de 2023.

¹³Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/sobre>. Acesso em: 16 de Fevereiro de 2023.

¹⁴Disponível em: <https://webescritorios.com.br/alugar/conjunto-corporativo-bela-vista-sao-paulo-sp-185898>. Acesso em: 27 de Fevereiro de 2023.

Presente no Youtube desde 2016, a Brasil Paralelo é descrita em sua página como uma produtora de vídeos que trabalha “para fortalecer em nossa cultura os valores e tradições, que notoriamente, ao longo da história conduziram a humanidade à paz e prosperidade”¹⁵. A empresa conta atualmente com mais de 230 milhões de visualizações e cerca de 3,3 milhões de inscritos em seu canal, onde grande parte do material é compartilhado de forma gratuita. Quando ocorrem *lives* elas também são transmitidas e ficam salvas no canal. Sempre que um novo filme ou vídeo é lançado, os inscritos recebem notificação em seus perfis. É válido dizer que os números do canal podem variar de um dia para o outro, seja porque quando algum vídeo é excluído ou colocado como privado a plataforma tira as visualizações daquele material, seja porque houve alguma peça publicitária e ou polêmica envolvendo a empresa e consequentemente os números subiram.

A nossa principal fonte, o documentário *Brasil – a Última Cruzada*, foi postado na íntegra no Youtube a partir de 2017 e, em 2022, alguns episódios foram retirados do ar, sendo relançados de forma íntegra somente no site da empresa. Pesquisando o nome dos episódios ou da empresa no Youtube é possível encontrar postagens realizadas por terceiros ou por outras empresas, como no caso da Jovem Pan News, canal da emissora de rádio e tv na internet¹⁶.

Já no site da Brasil Paralelo, é possível ver um pouco do que a empresa apresenta como “nossa história”, na aba “sobre”. Eles afirmam ter começado pequenos, apenas três amigos, Felipe Valerim, Henrique Viana e Lucas Ferrugem, com câmeras emprestadas, “conseguindo entrevistas de quem poderia explicar o cenário brasileiro naquele momento”¹⁷. Com os dados da Redesim, podemos ver que o grupo possuía na declaração um capital social de trinta mil e quinhentos reais, e apesar de os três se colocarem como “amigos” nas entrevistas e na sua história no site, são sócios, e com cargos diferentes. Henrique Viana é figurado como Diretor, enquanto Filipe Valerim e Lucas Ferrugem são conselheiros de administração¹⁸.

Dentre as pessoas que eles buscaram entrevistar para explicar o cenário brasileiro estavam, por exemplo, figuras como Arthur do Val, conhecido na internet como “mamãe falei”, youtuber e membro do grupo MBL – Movimento Brasil Livre, que recentemente teve o seu mandato de deputado estadual cassado em maio de 2022, após dizer que as refugiadas

¹⁵Disponível em <https://www.youtube.com/c/BrasilParaleloOficial/about>. Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

¹⁶ Disponível em <https://www.youtube.com/@jovempnews/search?query=%22Brasil%20Paralelo%22>. Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

¹⁷Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/sobre>. Acesso em: 16 de Fevereiro de 2023.

¹⁸Disponível em: <https://consultacnpj.redesim.gov.br/>. Acesso em: 27 de Fevereiro de 2023.

ucranianas eram “fáceis, porque elas são pobres”¹⁹. O youtuber ganhou fama na internet filmando as ocupações de escolas e universidades pelos alunos e outras manifestações da esquerda. Ele utilizava de discurso afrontoso para intimidar as pessoas que filmava e recorrentemente era acusado de editar os vídeos para ridicularizar os entrevistados.

O clã Bolsonaro, principalmente Jair Bolsonaro, na época deputado, e seu filho, Eduardo Bolsonaro, também estiveram presentes desde as primeiras produções. Na época, o agora ex-presidente, era famoso por falar o que pensava, e estava acostumado a ir em programas como CQC – Custe o que custar, da emissora Band, e Super Pop, na Rede Tv, supostamente debater temas polêmicos. Na verdade, o que ocorria era um ataque central aos direitos humanos e a diversas minorias, como ocorrido no ano de 2010, no contexto de discussão da lei 7672/10, conhecida popularmente como “Lei da Palmada”, em que o deputado, contra a medida, afirmou que “se o filho começa a ficar assim meio gayzinho, leva um couro e ele muda o comportamento dele”²⁰.

Outra figura de destaque desde a primeira produção do grupo foi Olavo de Carvalho. Falecido em 2022, foi tido como “guru” da extrema direita no Brasil. Atuou como jornalista e astrólogo, se auto intitulado como Filósofo. Ele quem teria inclusive dado o modelo de negócio para a empresa, uma vez que um dos fundadores, Henrique Viana, afirmou durante uma palestra que Olavo de Carvalho é quem teria alertado o grupo de que eles deveriam ter uma militância, além da venda dos produtos²¹.

Essa mistura de militantes com consumidores encontra-se para a empresa na figura do *Assinante*, que até pode acompanhar os lançamentos gratuitos da produtora, mas é convidado a todo momento para ser um “financiador” dos projetos da empresa, pagando para consumir os produtos exclusivos do site. Os planos e valores dessa assinatura mudam com certa frequência, seja por uma promoção ou por atualização de novos produtos para os assinantes. Atualmente estão disponíveis três planos, sendo eles, o plano “Acesso Total 4k”, onde o usuário paga um

¹⁹RODRIGUES, Rodrigo. Alesp aprova cassação de Arthur do Val, que perde os direitos políticos por oito anos; é o 1º mandato cassado em 23 anos. G1, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/05/17/alesp-aprova-cassacao-do-ex-deputado-arthur-do-val-que-perde-os-direitos-politicos-por-oito-anos.ghtml>. Acesso em: 16 de Fevereiro de 2023.

²⁰CÂMARA DOS DEPUTADOS. Comissão vai debater declaração de Bolsonaro sobre punição a filho gay. Brasília, 2010. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/144388-comissao-vai-debater-declaracao-de-bolsonaro-sobre-punicao-a-filho-gay/>. Acesso em: 16 de Fevereiro de 2023.

²¹Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6BF83wbervI&ab_channel=Parlat%C3%B3rioLivre. Acesso em: 16 de Fevereiro de 2023.

valor mensal de R\$59,00 por mês, conseguindo acesso as séries originais da Brasil Paralelo, filmes selecionados por eles, diversas entrevistas e ao chamado núcleo de formação, onde são oferecidos cursos para a área de história, arte, filosofia e educação, material de estudos, além de convites para encontros presenciais nos eventos da empresa. O plano “Básico”, por R\$ 19,00 mensais, tendo acesso às produções da empresa, filmes com análises dos membros e até conteúdo infantil. O outro plano é chamado de “Intermediário” e é vendido por R\$ 39,00 mensais, que oferece o mesmo conteúdo que o plano anterior, mas permitindo acesso simultâneo em duas telas e conteúdo *full hd* de imagem²². Este formato de assinatura e diversos planos disponíveis se assemelham muito a plataformas de serviços de *streaming* de filmes e séries.

Seguiremos adiante usando o *Lugar* como categoria analítica, e utilizando essa ferramenta heurística buscaremos definir o que é a História Pública hoje, para delimitar o lugar de produção da empresa Brasil Paralelo, em meio às diversas produções de conteúdo histórico.

1.1 - Lugar social hoje: a História Pública em meio a diversificação de usos e produções de conteúdo

Nos últimos anos é possível perceber que a história vem se fazendo cada vez mais presente nas diferentes mídias como a Televisão, em documentários, novelas, filmes, séries e serviços de *streaming*. A historiadora Jill Linddington, ao tentar explicar o que é História Pública, ou pelo menos onde esse termo tem sido usado, afirma que “o entusiasmo pela história viva domina a nação”²³. A partir dessa afirmação, sustentamos que o mesmo ocorre na Internet. Através de likes, seguidores, números que pulam dos milhares para os milhões, as narrativas históricas vão se popularizando nesse universo digital. Mediados por propagandas e interesses diversos, temas complexos alcançaram o grande público, em muitas das vezes, por um discurso raso e pouco problematizado acerca do passado. Em uma busca rápida no Youtube é possível encontrar uma infinidade de vídeos que possuem uma abordagem histórica e educacional,

²²Disponível em: https://site.brasilparalelo.com.br/seja-membro/?src=976f0de0e9454614a9f095dacf449703&utm_source=search&utm_medium=ads&utm_campaign=ppt_geral&utm_term=00%20-%20%5BKW%5D%20Brand&utm_content=Responsivo_simples&gclid=EAIaIQobChMIxtyX_daK_QIVZkFIAB1cHQoLEAAYASAAEgLZePD_BwE. Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

²³LIDDINGTON, Jill. O que é história pública? In: ALMEIDA, Juliene Rabêlo de. & ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Introdução à História Pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011, p. 31

realizados por historiadores de formação ou não. Conteúdos com as mais variadas produções e roupagens. A autora questiona se este conceito seria tão “acolhedor” ao ponto de que todos aqueles que se debruçarem de alguma forma sobre o passado, com uma preocupação com o público, ou o mercado, seriam historiadores públicos. Linddington acredita que sim, embora considere “escorregadia” a conceituação, uma vez que a expressão é utilizada em sentidos diferentes a depender da historiografia que observamos ou mesmo o país que observamos.

Se esse conceito pode ser utilizado em diferentes momentos cabe aqui definirmos o que é, ou vem sendo, História Pública no Brasil e na Universidade brasileira hoje, ou pelo menos nos últimos anos. Podemos pensar se História Pública é um *Lugar*, ou qual o seu lugar na sociedade contemporânea, e como poderíamos utilizar a definição de Certeau para pensar essa modalidade de histórica.

Ricardo Santhiago, que relaciona o conceito como uma “prima-irmã” da História Oral, afirma que existe um caráter polissêmico na expressão, ou seja, pode ter pelo menos três grandes instâncias definidas, sendo elas o *fazer* história pública, o *pensar* sobre e a reunião em torno da história pública, um *campo* propriamente dito, sendo este último o mais novo e estruturante, que seria um espaço de debates, produções concretas e um esforço de divulgação e discussão insistente²⁴. Pensado dessa forma, o curso ocorrido em 2011 na Universidade de São Paulo com o nome de “Introdução à História Pública”²⁵ foi um importante marco, que gerou posteriormente um livro, fruto direto das reflexões ocorridas no curso, organizado pelas historiadoras Juniele Rabêlo e Marta Rovai, onde uma vertente voltada para a ideia de uma história feita para o público, afim de ampliar audiências, é privilegiada. As autoras, logo na introdução do texto, definem sua noção de história pública:

[...] fazer história pública não é só ensinar e divulgar certo conhecimento. Pressupõe uma pluralidade de disciplinas e integração de recursos diversos. É um novo caminho de conhecimento e prática, de como se fazer história, não só pensando na preservação da cultura material, mas em como colaborar para

²⁴SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados. Alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In. História pública no Brasil: Sentidos e itinerários. MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabêlo de, SANTHIAGO, Ricardo (Orgs). São Paulo, Letra e Voz, 2016, p. 26

²⁵Para ler mais sobre o curso SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados. Alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In. História pública no Brasil: Sentidos e itinerários. MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabêlo de, SANTHIAGO, Ricardo (Orgs). São Paulo, Letra e Voz, 2016, p. 23-35

a reflexão da comunidade sobre sua própria história, a relação entre passado e presente. Enfim, como tornar o passado útil para o presente.²⁶

Essa relação do conceito com a interdisciplinaridade e com a ideia final de tornar o passado útil ao presente transmite um panorama de como preocupações específicas são empenhadas pelas autoras brasileiras em sua obra. Nos parece interessante ainda que mais adiante elas se perguntam se é exclusividade dos historiadores lidar com a história pública fora da universidade²⁷, deixando explícito que existe um processo acadêmico, realizado por historiadores nas universidades e, concomitante a isso, uma prática da história pública externa a historiografia acadêmica. Sobre isso, Santhiago expõe que o processo de rejeitar o trabalho de história pública realizado por profissionais não historiadores, no geral jornalistas, é comum em diversos países, sob justificativa geral de que essas produções são malconduzidas metodologicamente, representando muito mais juízos de valor do que uma análise²⁸.

No caso brasileiro, autores como Laurentino Gomes, Eduardo Bueno, Leandro Narloch²⁹, são apenas alguns exemplos de sucesso de vendas, lançando diversos livros com temática histórica, usando e abusando do passado. Poderíamos prosseguir com esse fio condutor trabalhando a ideia das produções vinculadas nos últimos anos a canais de Youtube e demais serviços de streaming na internet, como no caso trabalhado aqui da empresa Brasil Paralelo. Observados os deslocamentos entre a variedade de discursos históricos possíveis e a própria ideia de *Lugar* da produção, quanto do que existe ali é de fato análise, pesquisa ou mesmo discussão crítica sobre os assuntos abordados? Essa é uma questão importante diante da discussão que buscamos trazer para o presente trabalho.

Logicamente essa não é uma condição que surgiu da noite para o dia, ela tem ligação direta com nosso mundo contemporâneo, estritamente digital e consumidor de tecnologias. Não é possível pensar hoje em um modelo de história e historiador dissociados do aumento vertiginoso de um consumo difuso de narrativa histórica, muito menos excluir ou ignorar a emergência do campo da história pública³⁰. Percorrer um pouco mais desta estrada sinuosa,

²⁶ALMEIDA, Juliene Rabêlo de. & ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Introdução à História Pública. São Paulo: Letra e Voz, 2007, p. 8

²⁷Ibid., p. 9

²⁸SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados. Alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In. História pública no Brasil: Sentidos e itinerários. MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabêlo de, SANTHIAGO, Ricardo (Orgs). São Paulo, Letra e Voz, 2016, p. 29

²⁹Ressaltamos que existem diferenças importantes entre esses autores, na escrita e uso de fontes, entretanto se destacam aqui por não serem historiadores de formação e serem sucesso de vendas de livros de história

³⁰TURIN, Rodrigo. Entre o passado disciplinar e os passados práticos: figurações do historiador na crise das humanidades. Tempo [online]. 2018, vol.24, n.2, pp.186-205

dentro do nosso campo, torna-se necessário e mesmo que a empresa a qual nosso olhar se volta não esteja apenas na Internet, a ampla maioria do seu material está. Ela é intrinsecamente ligada aos meios digitais e se estrutura muito em torno de seu marketing *online*. É preciso que este *Lugar* seja delimitado em nossa pesquisa.

No espaço da Internet, o historiador encontra uma espécie de dissociação desse Lugar, como dito por Bruno Carvalho, se analisarmos a inversão entre o mundo analógico, no qual temos certa hegemonia, e o digital, onde essa autoridade existe, mas está fragmentada³¹; percebemos a discrepância do momento atual, entre aqueles historiadores profissionais e os não profissionais, sem formação na área, que produzem conteúdo histórico nas redes. Na visão do autor, esse processo ocorre pela razão de que a Internet deu certa voz, permitiu que os usuários fossem menos consumidores e mais produtores deste conteúdo³², afirmando que não ocorre com todos os *users*, mas possibilita. Desta forma, o que autoriza essas produções realizadas por não historiadores seriam dois fatores. O primeiro deles seria a capacidade de alcançar grandes públicos e, o segundo, a capacidade de dominar com naturalidade a linguagem dessas redes, garantindo uma comunicação eficaz com o público. Estes pontos seriam o discurso de credibilidade destes produtores, em contraponto às produções realizadas fora das redes. Os historiadores então deveriam focar em desenvolver uma autoridade chamada por Carvalho de “tradicional” ou, então, buscar essa mesma legitimidade dos não historiadores, de alcançar públicos mais amplos e com a linguagem específica das redes?

Esta não é uma discussão fácil de ser solucionada, e nos capítulos seguintes falaremos sobre as relações de valores, publicidade e mercado que envolvem grandes produções dessas empresas, como no próprio caso da Brasil Paralelo, que entre agosto de 2020 e agosto de 2021 gastou R\$ 3,8 milhões em anúncios políticos vinculados principalmente ao *Facebook* - agora chamado de *Meta* – e outros sites que utilizam o sistema *Google AdSense*, serviço de publicidade online, sendo a empresa líder disparada em relação a este tipo de propaganda³³, como mostra uma matéria da Folha de São Paulo, que teve acesso ao relatório de transparência

³¹CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Onde fica a autoridade do historiador no universo digital? In. MAUAD, Ana Maria, SANTHIAGO, Ricardo, BORGES, Viviane Trindade. Que história pública queremos? São Paulo, Letra e Voz, 2018, p. 173

³²Ibid., p.171

³³MORAES, Carolina, PORTO, Walter. FOLHA DE SÃO PAULO. Produtora Brasil Paralelo é quem mais paga anúncios políticos do Google. 23 de junho de 2022. https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/06/produtora-brasil-paralelo-e-quem-mais-paga-anuncios-politicos-do-google.shtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=twfolha Acesso em: 05 de agosto de 2022

do *Google*. Esses anúncios colocam os materiais da empresa na frente de outros conteúdos que não pagaram a publicidade, ou mesmo nas telas daqueles que nem procuraram o conteúdo, mas passam por alguma propaganda enquanto estão em suas redes sociais ou navegando na Internet. Somente esse fator já seria uma espécie de limitador na ideia de que qualquer consumidor, historiador profissional ou não, pode se tornar produtor de conteúdo e buscar essa legitimidade através da capacidade de atingir grandes públicos.

Os mundos que antes pareciam distintos, público e privado, agora passam a se confundir. Essa figura do empreendedor de si mesmo faz com que seja necessário, ou pelo menos cria um padrão, da lógica de performar cada vez mais na Internet, ou no mínimo, nas redes sociais e fóruns consumidores de certo assunto. Como Letícia Cesarino indica³⁴, a digitalização dissolve o arranjo moderno da chamada esfera pública, delimitado antes como público e privado, fã e celebridade, neste caso citado anteriormente, produtor de conteúdo e consumidor. Rompe-se a esfera pública e institucional a fim de passar uma retórica transgressora, como no exemplo da figura de Olavo de Carvalho³⁵, que através das suas vulgaridades e falta de polidez, buscava demonstrar que o domínio privado era o lugar da verdade popular e conservadora. A direita brasileira passa a crescer nesse colapso de contextos.

Digitalização e neoliberalismo caminham de mãos dadas na análise da autora, criando uma convergência crescente, dissolvendo fronteiras e produzindo efeitos no sentido contrário a diferença de contextos em que o Estado operava para produzir essas fronteiras. A dissolução de uma característica moderna, como uma separação entre público e privado, consumidor e produtor de conteúdo, como veremos melhor na próxima parte desta pesquisa, entretanto, carece de uma abordagem cibernética, segundo a Cesarino. A centralidade deste problema emergente parece o mesmo, apontado por Foucault por exemplo, apenas visto de outro ângulo, um avanço da ideia de *desdiferenciação* entre pontos importantes da vida social perante ao crescimento da neoliberalização, como a relação entre patrão e empregado, produtor e consumidor, figuras híbridas de trabalhadores com empreendedores de si mesmos³⁶.

Esse performatividade, junto a uma questão de personalização algorítmica, ou seja, formação de *feeds*, páginas de rolagem das redes sociais, cada vez mais personalizadas, com

³⁴CESARINO, Letícia. Pós-Verdade e a Crise do Sistema de Peritos: uma explicação cibernética. *Ilha – Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 23, n.1, p. 73-96, 2021

³⁵*Ibid.*, p. 86

³⁶*Ibid.*, p. 85

conteúdos para agradar o usuário, formando personalidades fractais, ao mesmo tempo de massa e de nicho, coincide com um trabalho de colapso de fronteiras de um grupo. Desta forma, a digitalização opera num *loop* cada vez mais intenso entre a cognição humana e algorítmica, numa desestruturação de hábitos, buscando efeitos previstos nas plataformas. A crise permanente que marca nosso mundo contemporâneo marca também a arquitetura das mídias digitais, fazendo com que indivíduos comuns sejam guiados por uma racionalidade de mercado. No lugar daquele indivíduo liberal clássico, converge uma dinâmica que soa paradoxal, uma espécie de individualismo em rede, singular, mas plural, centrada no “eu”, recheado de métricas algorítmicas, centrais para a performatividade³⁷.

As redes sociais operam como ressonância direta desse processo, ao funcionarem como plataformas pedagógicas para colocar seus usuários como empreendedores no seu perfil. Essa *plataformização* da internet pôde ser observada por exemplo na campanha presidencial de 2018, quando muitos perfis de usuários comuns se colocavam como “marqueteiros do Jair”³⁸, envolvendo uma espécie de empreendedorismo digital com diversas formas de monetização deste conteúdo, seja por financiamento ou por *clicks* e ofertas de cursos e conteúdos de influenciadores da chamada nova direita. O pressuposto de que os indivíduos são influenciáveis é fundamental para essa perspectiva cibernética. Sujeitos que apresentam pouca ou nenhuma resistência em relação as mediações algorítmicas ou mercadológicas. Usuários das redes sociais podem estar, segundo Cesarino, operando com pressupostos de linguagem constativa, enquanto o universo dessas mídias é performativo, sendo que a primeira funciona num ambiente com certo grau de previsibilidade, como num sistema de peritos, já a performativa é mais adaptada a um contexto de alta equiprobabilidade³⁹, ou seja, uma situação em que vários resultados são igualmente prováveis.

Muitos usuários então não reconhecem sua própria influenciabilidade ou nem pensam sobre isso. Uma espécie de alienação nas redes *online*, onde mesmo os nativos digitais, como a autora chama, sabem pouco ou nada do que há por trás da tela de nossos aparelhos. O sujeito é dependente da rede para existir na internet, mas ao mesmo tempo é acercado individualmente pelos algoritmos. Nesse sentido, desperta a nossa razão comparativa, pensar que os assinantes do Brasil Paralelo não são convocados a serem consumidores, mas sim, financiadores do

³⁷CESARINO, Letícia. Pós-Verdade e a Crise do Sistema de Peritos: uma explicação cibernética. Ilha – Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 23, n.1, p. 73-96, 2021. p. 86

³⁸Ibid., p. 88.

³⁹Ibid., p. 88.

projeto, como a fala inicial de Valerim no início de cada episódio aponta. Entretanto, cabe pensar se esses supostos empreendedores-consumidores saberiam o que existe além das produções audiovisuais da Empresa. Eles sabem dos vídeos, do site, da plataforma, mas operam de fato no que existe por trás ou fazem parte apenas desse modo contraditório de existência dos usuários contemporâneos das redes?

Não é possível saber o que pensa cada usuário ou consumidor dos materiais da empresa, entretanto, é inegável que a Internet possibilita uma lógica própria de ação e de consumo dos conteúdos históricos. Se os historiadores partem para uma metodologia, seja institucionalmente ou individualmente, de prática da história pública, em algum momento eles irão entrar em um campo de responder questões e ataques negacionistas, ameaças a liberdade de expressão e a própria educação histórica pública, democrática e com liberdade de cátedra⁴⁰. Essa mesma *web* que possibilita o compartilhamento de materiais de usuários, tem uma predominância de empresas que gerenciam materiais e produções que nem sempre estão voltadas para práticas democráticas de ensino, mas sim para uma postura de escapismo e negação de consensos historiográficos, ou seja, o negacionismo histórico. O conteúdo encontrado nesses materiais não é necessariamente novo, mas é massivo⁴¹.

Como devemos lidar com esses fatores? Teriam “os historiadores demorado muito tempo para intervir no espaço público”⁴²? Principalmente após a ruptura institucional de 2016 e o governo de Jair Bolsonaro, iniciado em 2019, como Santiago bem coloca, com o investimento mais baixo na educação da última década⁴³ e variados escândalos no Ministério da Educação, desde as diversas trocas de ministros, até a acusação de propina em ouro levado por pastores, no chamado ‘gabinete paralelo’⁴⁴. E tendo esses aspectos em vista, se ocorreu demora ou não, talvez não seja no momento o foco desse trabalho, mas o

⁴⁰SANTHIAGO, Ricardo. Pode-se falar de uma história pública brasileira? In. MAUAD, Ana Maria, SANTHIAGO, Ricardo, BORGES, Viviane Trindade. Que história pública queremos? São Paulo, Letra e Voz, 2018, p. 327

⁴¹MENESES, Sônia. Os vendedores de verdades: o dizer verdadeiro e a sedução negacionista na cena pública como problema para o jornalismo e a história (2010-2020). Revista Brasileira de História, vol. 41, nº87. p. 81. <https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-05>

⁴²BAUER, Caroline Silveira. Qual o papel da história pública frente ao revisionismo histórico? In. MAUAD, Ana Maria, SANTHIAGO, Ricardo, BORGES, Viviane Trindade. Que história pública queremos? São Paulo, Letra e Voz, 2018, p. 201

⁴³SALDAÑA, Paulo. FOLHA DE SÃO PAULO. Sob Bolsonaro, gasto do MEC com investimentos é o menor desde 2010. 14 de Fevereiro de 2021. <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/02/sob-bolsonaro-gasto-do-mec-com-investimentos-e-o-menor-desde-2015.shtml>. Acesso em: 20 de Novembro de 2022.

⁴⁴ESTADÃO. Propina em Ouro, via bíblia e no pneu: entenda o escândalo dos pastores e ‘gabinete paralelo’ no MEC. 23 de Setembro de 2022. <https://www.estadao.com.br/politica/propina-em-ouro-via-biblia-e-no-pneu-entenda-o-escandalo-dos-pastores-e-gabinete-paralelo-no-mec/>. Acesso em: 20 de Novembro de 2022.

problema existe e coloca-se principalmente para aqueles que acreditam ser necessário responder ao negacionismo e ao revisionismo mal-intencionado. Como Bauer afirma, citando Pierre Vidal-Naquet, não se deve discutir com o negacionista, mas sim discutir sobre o seu produto, sendo este o preço de uma coerência intelectual⁴⁵. Discutir o lugar da história pública, no ambiente virtual, sem pensar na questão negacionista, seria uma brecha dentro desse grande campo em que estamos mergulhando.

1.2 – O que permite e o que proíbe: o Negacionismo Histórico contemporâneo

Certeau encaminha a conclusão da primeira parte de seu texto sobre o *lugar* relacionando as ideias de *permissão* e *interdição*. Afirma que essa combinação é um ponto cego da pesquisa histórica, e a razão por ela não ser compatível com *qualquer coisa*⁴⁶. A história, afirma o autor, define-se por uma relação da linguagem com o corpo social, bem como com os limites impostos pelo próprio corpo. O *lugar* do qual se fala e de onde se fala. A percepção desse *lugar* é também o que permite o historiador ter consciência de uma classe à qual ele está inserido, mas que desconheceria se não olhasse para sua relação de produção. Desconhecendo a si mesmo, desconheceria a sociedade em que está inserido. “A articulação da história como um lugar é a condição de uma análise da sociedade”⁴⁷.

Logicamente, não estava previsto na obra de Certeau todos os desafios que a disciplina histórica, ou mesmo a *história indisciplinada*⁴⁸, vem sofrendo ao longo dos últimos anos, entretanto, como já afirmado, a utilização da *operação historiográfica*, como uma lente de observação, nos possibilita enxergar e *fabricar*, para usar um termo do autor, uma nova perspectiva sob o debate acerca do negacionismo histórico, bem como uma forma de justificativa da escolha deste termo e não de outros, como o próprio revisionismo. A intenção aqui é muito mais nos posicionar em relação ao debate, do que criar uma discussão bibliográfica ou conceitual acerca do negacionismo.

⁴⁵BAUER, Caroline Silveira. Qual o papel da história pública frente ao revisionismo histórico? In. MAUAD, Ana Maria, SANTHIAGO, Ricardo, BORGES, Viviane Trindade. Que história pública queremos? São Paulo, Letra e Voz, 2018, p. 201

⁴⁶CERTEAU, Michael de. A escrita da História; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2015. p. 63

⁴⁷Ibid., 64

⁴⁸Referência aos textos publicados no livro AVILA, A. (Org.); NICOLAZZI, F. F.; TURIN, R. (Org.). A História (in)Disciplinada. Teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico. 1. ed. Vitória: Milfontes, 2019

No Brasil, assim como em outros territórios, os estudos acerca do negacionismo histórico ganharam muita amplitude com os casos de negação do extermínio de judeus, mais amplamente sobre os casos de regime nazista e antissemitismo. Dos trabalhos de pesquisadores brasileiros, a coletânea organizada por Luís Milman e Paulo Fagundes, *Neonazismo, negacionismo e extremismo político*⁴⁹, no início dos anos 2000, tornou-se referência para o campo, relacionando inclusive o processo ao debate da extrema-direita na Europa⁵⁰.

Atualmente o negacionismo histórico é muito distinto do que ocorreu nos anos 1970 em diante, ou menos ainda do que ocorre nos anos 1990, como o caso de David Irvin, que de certa forma “tentou fazer seu trabalho de negacionismo a partir da história. Ele dizia ter mais documentos do que os historiadores”⁵¹, que poderia provar a inexistência de câmaras de gás e outros conhecidos crimes nazistas, além de retirar certo protagonismo de Hitler da *Shoá*⁵².

Nos dias atuais não parece boa ideia para os agentes de práticas negacionistas dispor-se em dúvida, ou mesmo defender um diálogo, com aqueles que negaram o Holocausto. Um exemplo prático foi o caso ocorrido em fevereiro de 2022, na fala do *podcaster* Bruno Aiub, conhecido na Internet como Monark. Na época, o apresentador estava à frente de um dos programas mais ouvidos/assistidos desse modelo de *podcast*, e durante a entrevista de dois deputados, Kim Kataguiri (PODEMOS e MBL) e Tabata Amaral (PSB), ele afirmou que deveria existir um partido nazista, reconhecido pela lei⁵³. O resultado foi a repercussão da fala, uma investigação pela Procuradoria-Geral da República (PGR) e pelo Ministério Público Federal (MPF), além de seu banimento do Youtube e saída do *Flow podcast*.⁵⁴ Teriam fatos

⁴⁹MILMAN, Luís; VIZENTINI, Paulo Fagundes (Orgs.). *Neonazismo, negacionismo e extremismo político*. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Corag, 2000. p.123-164.

⁵⁰VALIM, Patrícia, AVELAR, Alexandre de Sá, BEVERNAGE, Berber. *Negacionismo: História, Historiografia e Perspectivas de Pesquisa*. Revista Brasileira. São Paulo, v. 41, nº87, 2021, p. 23.

⁵¹NICOLAZZI, Fernando. *Teoria da História e História da Historiografia: revisionismos, negacionismos e usos públicos do passado*. Acesso em: 15 de Outubro de 2022
https://www.youtube.com/watch?v=4rmttx5HW_I&list=PLatEg1B7rjeCSYWK22DVI6XxcoVmEDSja&index=9&ab_channel=F%C3%B3rumTeoriadaHist%C3%B3riaHist%C3%B3riadaHistoriografia

⁵²Existem diversos trabalhos, textos e mesmo um filme sobre o caso de David Irvin, mas indicamos para conhecer mais sobre o caso e como ele foi ‘solucionado’ o vídeo do Historiador, *podcaster* e criador do *Leitura Obriga História* Icles Rodrigues. RODRIGUES, Icles. *Negação do holocausto: David Irving e o Relatório Leuchter*. Youtube, 23 de Agosto de 2018. https://www.youtube.com/watch?v=eNODxKNR9yk&ab_channel=LeituraObrigaHIST%C3%93RIA. Acesso em: 18 de Novembro de 2022.

⁵³LONGO, Ivan. *Brasil de Fato*. Punido por apologia ao nazismo, Monark reaparece nas redes: “Férias acabaram. Se preparem”. 23 de Março de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/23/punido-por-apologia-ao-nazismo-monark-reaparece-nas-redes-ferias-acabaram-se-preparem>. Acesso em: 26 de Abril de 2023

⁵⁴É válido mencionar que menos de um ano depois Monark defendeu abertamente os atos golpistas de Janeiro de 2023 e por conta disso foi mais uma vez alvo de investigação, agora do Supremo Tribunal Federal, e multado no

como esse pesado para que os produtores de material negacionista focassem mais em outras estratégias?

Nos processos contemporâneos é perceptível os silenciamentos, oclusões e minimizações no âmbito narrativo, subtraindo certos passados do presente, impondo significados à história, combinando com uma espécie de historiografia do esquecimento⁵⁵ e no âmbito nacional é possível interligar este processo a chamada Nova Direita. Esse grupo parece seguir uma lógica de ataque as minorias através do passado, criando uma deslegitimação de leituras sensíveis, sobretudo de grupos vulneráveis, com peculiaridades brasileiras em períodos específicos, como a ditadura civil-militar, o período de escravidão e genocídio indígena⁵⁶. Essa ação não nega necessariamente os fatos, mas causa um descrédito. Uma abordagem racial, por exemplo, seria inferior, porque a escravidão não ocorreu somente no Brasil. Parece algo banal, mas causa uma minimização da temática abordada.

Existe ainda um crescimento da disseminação de informações de conteúdo negacionista nas formas digitais de produção, audiovisual e também em mensagens de aplicativos⁵⁷. É nesse recorte que a Brasil Paralelo se encontra. Parece importante para a empresa que exista uma narrativa que não necessariamente seja mentira, mas pode ser uma distorção, uma justificativa de algum absurdo. Pode ser uma generalização ou mesmo uma utilização de falseamento inicial a fim de contaminar todo o processo posterior. O importante é que eles serão os porta vozes dessa verdade incubada, escondida e ou distorcida pelos professores de história e pelo marxismo cultural, a qual eles atribuem culpa de qualquer acontecimento que não os agrade.

As práticas de negação manipulam essa crença em uma verdade plenamente alcançável, exatamente para fazerem desmoronar todo um conjunto de conteúdos, o qual não satisfaz os desejos daqueles que as difundem. Assim, o argumento “da” verdadeira história torna-se um

valor de R\$ 300 mil. Para saber mais acessar: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/02/moraes-multa-influencer-monark-em-r-300-mil-e-abre-inquerito.ghtml>. Acesso em: 02 de Agosto de 2023

⁵⁵ÁVILA, Arthur Lima de. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 41, nº 87, 2021.

⁵⁶VALIM, Patrícia, AVELAR, Alexandre de Sá, BEVERNAGE, Berber. Negacionismo: História, Historiografia e Perspectivas de Pesquisa. *Revista Brasileira*. São Paulo, v. 41, nº87, 2021, p. 22.

⁵⁷Ibid., p. 24.

recurso poderoso para a negação do conhecimento histórico e, por sua vez, atua como uma poderosa arma política⁵⁸.

Essas práticas, que visam, segundo Meneses, satisfazer desejos dos produtores, também buscam agradar um certo público, conquistar seus afetos e atenção, além, é claro, sua assinatura, para obter mais e mais obras realizadas pela empresa. O produto oferecido a esse público é vendido como legítimo, e ele é o próprio legitimador das crenças daquele grupo, que se vê como vítima, como aqueles que perderam seu local de valorização diante de uma história apontada pela empresa de ser produzida por militantes esquerdistas. Ou seja, não se nega a história, mas sim, a história produzida por historiadores e professores num determinado *Lugar*. Fica implícito nessa estratégia duas ideias: a de que a verdade pode ser de fato alcançada e o ataque/desqualificação ao ensino de história.

Por mais que pareça contraditório, à primeira vista, o negacionista contemporâneo traveste-se daquele que mais se preocuparia com a verdade, preferencialmente uma verdade que foi escondida e será revelada por ele. A respeito dessa forma de trazer a verdade, Sonia Meneses nos apresenta, a partir de sua leitura de Foucault, quatro grandes modelos de regimes de verdade, sendo eles o modelo *parresiasta*, que seria basilar, seria uma função política e ética, disposta a lidar sempre com a verdade, mesmo que ela não seja agradável ao interlocutor. Ainda que basilar, esse seria o modelo que mais se enfraqueceu ao longo do tempo⁵⁹.

Os demais modos seriam o de dizer *profético*, o do *sábio* e o do *instrutor/professor*⁶⁰. A própria relação com o nome escolhido por Foucault já nos delimita que o modo do *professor* se relaciona com o saber científico, com a prática e com um saber técnico. Seria “uma verdade baseada na tradição de ser transmitida”⁶¹. Tanto a história, quando o jornalismo, seriam constituídos como “modelo de dizer-a-verdade técnico”⁶². O modo de dizer da sabedoria seria algo na base da prescrição, e não algo direto. É um modelo quase que reflexivo do próprio ser⁶³.

⁵⁸MENESES, Sônia. Os vendedores de verdades: o dizer verdadeiro e a sedução negacionista na cena pública como problema para o jornalismo e a história (2010-2020). Revista Brasileira de História, vol. 41, nº87. p.76. <https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-05>

⁵⁹Ibid., p. 66

⁶⁰Ibid., p. 67-68

⁶¹Ibid., p. 67

⁶²Ibid., p. 70

⁶³Ibid., p. 67

Já o processo de verdade *profética* está relacionado ao futuro, uma verdade que será revelada. “É a verdade que se assenta numa ideia de destino”⁶⁴.

Por mais que cada um desses modos de verdade possa se combinar e surgir de forma articulada na sociedade ao longo do tempo, parece-nos interessante a combinação do modelo de dizer *profético* e *professor* para pensar o caso das narrativas aplicadas pela Brasil Paralelo. Desde a abertura dos episódios sugere-se uma revelação, uma descoberta que trará orgulho aos brasileiros, mas ao mesmo tempo traveste-se de tradição greco-romana, com uma moral judaico-cristã, como apontada por Nicolazzi⁶⁵. Ao se voltar para o grande público, a empresa vende um produto fruto dessa variação de formato e busca uma disputa que inviabiliza a movimentação de outros modelos de verificação ou propriamente de verdade. Para Sonia Meneses esse processo pode ser fruto de um enfraquecimento da *verdade ética*, apresentada anteriormente como *parresiasta*. A negação pode não ter surgido como um projeto, mas os últimos anos tem mostrado como isso pode ter mudado⁶⁶.

Uma das formas de observar essa mudança é a estratégia de fachada de uma representação responsável do passado. A partir do momento que não pluraliza sua narrativa, a construção realizada nos episódios de *Brasil – a última cruzada* é apenas um *simulacro*, como afirmado por Ávila, de labor historiográfico⁶⁷. Não existem menções a fontes e ou trabalho de pesquisa. Existem discursos que afirmam atos idênticos ao da boa historiografia, mas que são falsas. Por não dialogar, a obra se torna um produto para consumo passivo. Aqui o valor *parresiasta* é substituído pelo valor de venda.

Essa estratégia pode ser vista como mais uma forma de conferir confiança entre os produtores e os consumidores. No caso da Brasil Paralelo esse mecanismo está unido, como dito no parágrafo anterior, a um ataque aos professores, principalmente os de história, bem

⁶⁴MENESES, Sônia. Os vendedores de verdades: o dizer verdadeiro e a sedução negacionista na cena pública como problema para o jornalismo e a história (2010-2020). Revista Brasileira de História, vol. 41, nº87. p. 67. <https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-05>

⁶⁵NICOLAZZI, Fernando. Negacionismo e usos afetivos do passado no Brasil contemporâneo. Politika. 2023. Disponível em: <https://www.politika.io/fr/article/negacionismo-e-usos-afetivos-do-passado-no-brasil-contemporaneo>

⁶⁶MENESES, Sônia. Os vendedores de verdades: o dizer verdadeiro e a sedução negacionista na cena pública como problema para o jornalismo e a história (2010-2020). Revista Brasileira de História, vol. 41, nº87. p. 71. <https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-05>

⁶⁷AVILA, Arthur Lima de. Formas/fórmulas de negação e irresponsabilidade representacional: o caso Brasil Paralelo e o negacionismo histórico contemporâneo. p. 185-211. In: (Orgs) SCHURSTER, Karl; GHERMAN, Michel; VFERREIRO-VÁZQUEZ, Óscar. Negacionismo: A construção social do fascismo no tempo presente. EDUPE, Recife, 2022. p. 201

como ao ensino formal e à produção realizada por pesquisadores e acadêmicos nas universidades públicas.

Enquanto a historiografia acadêmica, dizem os colaboradores dos filmes, produz “ideologia”, a Brasil Paralelo estaria dando o “passado como ele realmente aconteceu” aos espectadores e espectadoras: essa oposição é decisiva para o êxito de suas iniciativas, porque é dela que retiram suas condições sociais de legitimação. Os ataques e assédios da empresa a historiadores e a historiadoras acadêmicas e a agressiva campanha de difamação por ela empreendida em suas propagandas, que associam professores à “mentira ideológica”, é a expressão mais visível desse estratagema, que também perpassa seus filmes de ponta a ponta⁶⁸.

Esse é um dos pontos de ligação da Empresa com as práticas estabelecidas pela extrema direita brasileira, que diz existir uma guerra cultural onde os profissionais de educação e ensino, bem como os pesquisadores, atuam para esconder e desvirtuar a verdadeira história. Eles, os historiadores, falharam enquanto guardiões deste bem público. Como Nicolazzi aponta, isso é algo muito distinto do que a historiografia realiza enquanto conhecimento científico, mas muito próximo da visão conspiracionista difundido pelos movimentos como Escola sem Partido e ou mesmo o bolsonarismo⁶⁹.

O negacionismo contemporâneo também age através da propagação de silêncios ou minimizações, tendo como norte subtrair certos passados e impondo significados únicos a nossa história, nosso presente. É o que afirma o historiador Arthur Ávila⁷⁰, ao dizer que as narrativas negacionistas do tempo presente concordam com historiografias do esquecimento, apagando certos eventos do pretérito, desligando relações entre passado e presente. O autor aponta que, no caso brasileiro, esse processo está vinculado à Nova Direita, que minimiza sequelas de longa duração de eventos como a ditadura, a escravidão e o genocídio indígena. O que não causa uma espécie de “identidade positiva”, está fora da sua narrativa, ou não recebe uma atenção a nível que se espera. Suprime-se e são reprimidas as “violências fundacionais e estruturantes” da

⁶⁸AVILA, Arthur Lima de. Formas/fórmulas de negação e irresponsabilidade representacional: o caso Brasil Paralelo e o negacionismo histórico contemporâneo. p. 185-211. In: (Orgs) SCHURSTER, Karl; GHERMAN, Michel; VFERREIRO-VÁZQUEZ, Óscar. Negacionismo: A construção social do fascismo no tempo presente. EDUPE, Recife, 2022. p. 200-201

⁶⁹NICOLAZZI, Fernando. Negacionismo e usos afetivos do passado no Brasil contemporâneo. Politika. 2023. Disponível em: <https://www.politika.io/fr/article/negacionismo-e-usos-afetivos-do-passado-no-brasil-contemporaneo>

⁷⁰AVILA, Arthur Lima de. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 41, nº 87, 2021. p. 164

sociedade brasileira, retirando a possibilidade que elas estejam no imaginário popular, como se toda violência tivesse sido causada por agentes externos aos verdadeiros brasileiros. Ávila refere-se a esse reacionarismo como “higienizar o pretérito”⁷¹, tornando o passado um objeto único de contemplação e veneração, cheia de simplificações e símbolos vazios. Esvai-se desse passado o reconhecimento das feridas históricas coletivas, porque elas não podem gerar uma necessidade de reparação no tempo presente⁷².

Apesar de não estabelecer uma *defesa* de certos temas, como a escravidão, o genocídio indígenas e ou mesmo a ditadura civil-militar, a empresa dedica pouquíssimos minutos a esses temas de forma fundacional de estruturas do tempo presente, as suas produções não debruçam sobre as manchas de sangue dos séculos de violência vividos no continente, pelo contrário, por vezes adotam uma postura conciliatória, afim de subsidiar, como afirma Murilo Cleto, um projeto político que desconsidere o peso do passado sob a condução de políticas públicas no presente⁷³.

O negacionismo contemporâneo não precisa ser, e não vem sendo, necessariamente uma mentira. Ele pode surgir sem uma contextualização ou com uma distorção, uma justificativa para algum crime ou acontecimento absurdo. Pode ser uma generalização ou mesmo uma utilização de falseamento inicial para contaminar o restante da narrativa, uma espécie de *defesa imunológica*, como apontam Picoli, Chitolina e Guimarães⁷⁴. Talvez o momento mais explícito dessa estratégia seja a própria inserção das introduções de Valerim ao início de cada episódio, ou as falas do narrador antes de cada temática abordada em um momento do vídeo. Vejamos por exemplo o trecho a seguir, retirado do sexto episódio da série ***Brasil – A última cruzada***.

⁷¹AVILA, Arthur Lima de. Formas/fórmulas de negação e irresponsabilidade representacional: o caso Brasil Paralelo e o negacionismo histórico contemporâneo. p. 185-211. In: (Orgs) SCHURSTER, Karl; GHERMAN, Michel; VFERREIRO-VÁZQUEZ, Óscar. Negacionismo: A construção social do fascismo no tempo presente. EDUPE, Recife, 2022. p. 197-199

⁷²Ibid., p. 199

⁷³CLETO, Murilo. A escravidão negra na obra da Brasil Paralelo. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 31., 2021, Rio de Janeiro. Anais [...]. São Paulo: Anpuh-Brasil, 2021. Tema: história, verdade e tecnologia. p. 01-14. Disponível em: https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628269653_ARQUIVO_60a5b1cd87b446149f0f058959f457d6.pdf.

⁷⁴PICOLI, Bruno Antônio, CHITOLINA, Vanessa, GUIMARÃES, Roberta. Revisionismo Histórico e Educação para a Barbárie: A verdade da “Brasil Paralelo”. Revista UFG, V.20: E64896, 2020 p. 12

República virou sinônimo de democracia, mas será que é assim mesmo? Faz sentido essa típica confusão moderna em que não se distinguem regimes e formas de governo? Atualmente a maioria dos países se define como República, mas é difícil dizer qual é de fato o regime político dessas nações. A Coreia do Norte leva o nome oficial de República Democrática Popular da Coreia, mas o mundo todo sabe que se trata de uma ditadura comunista, comandada pelo herdeiro de uma dinastia imposta à força. A China é outro caso, embora se auto denomina uma República Popular, é governada por um partido único, uma poderosa oligarquia que se perpetua no poder. Já o Reino Unido tem um estável e secular sistema representativo, fundado sobre uma monarquia parlamentarista na qual o poder emana do povo em seu nome é exercido, revelando que a democracia não é exclusivamente republicana. Austrália, Canadá, Dinamarca e Japão também são exemplos de monarquias constitucionais, com progresso, desenvolvimento e respeito as liberdades. É claro que há muitas repúblicas igualmente democráticas e livres. Estados Unidos, Suíça e Alemanha são ótimos exemplos de repúblicas federativas, com democracias bem constituídas, sistemas eleitorais específicos e instituições em pleno funcionamento. Isso tudo concluímos o óbvio: não é a nomenclatura que define o que é um regime democrático. Para entender a forma de governo de um país é necessário entrar na sua história, estudar as raízes de cada povo e sua cultura, o seu complexo conjunto de crenças, valores, sonhos e aspirações, seu Imaginário e seus mitos fundantes. É preciso enfim, compreender os elementos que formam aquela nação.⁷⁵

O episódio, que se destina a abordar o período entre os anos de 1930 a 1945, conhecido como “Era Vargas”, inicia sua narrativa de um modo no mínimo interessante. Após um breve resumo dos episódios passados, o narrador faz a citação mostrada acima. As imagens que passam na tela são de Brasília, posteriormente Coreia do Norte e China, com muitos *closes* nos símbolos comunista e socialista, como a foice e o martelo, claro. Mas voltando à fala, o narrador faz três grandes afirmações de início. A primeira é a de que República teria virado sinônimo de Democracia, mas seria isso uma verdade? Para demonstrar que não ele traz a segunda e terceira afirmativa, que se referem diretamente a ideia de que Coreia do Norte e China não serem democracias, mas sim, ditaduras, afinal, são sistemas comunistas. Ao afirmar que República é sinônimo de Democracia e logo em seguida apontar esses dois países como exemplo de “República” no nome, o narrador consegue colocar sua tese em prática, agora apresentando monarquias que seriam verdadeiramente democráticas. Reino Unido, Austrália, Dinamarca e Japão são escolhidos a dedo para provar o ponto. Nenhum deles com o termo República, muito menos com relação presidencialista.

Percebe-se aqui que a intenção não é estabelecer uma discussão a respeito dos conceitos de República e Democracia, porque, se o fosse, tal abordagem não seria dicotômica,

⁷⁵BRASIL PARALELO. “Era Vargas – O Crepúsculo de um ídolo”, Felipe Valerim. 00:10:48

e muito menos reducionista, mas sim ampla, destacando os pormenores dos países citados, bem como a análise do contexto histórico de cada uma dessas potências. O que parece acontecer aqui é a intenção de contaminar a narrativa com uma simulação de pensamento crítico a respeito de regimes contrários ao que a empresa acredita serem os melhores e levar o espectador a pensar o quão mais democrático pode ser um regime monarquista. Além disso, ao selecionar nações que diretamente se beneficiaram dos processos coloniais a empresa delimita uma visão eurocêntrica e colonialista como a correta para pensar o desenvolvimento e o progresso.

Chama atenção ainda a utilização do termo o “poder emana do povo em seu nome é exercido” para referir-se ao processo representativo do Reino Unido. Pela semelhança, poderia ter sido utilizado o Artigo 1º da Constituição Federal do Brasil, de 1988, conhecida ainda como Constituição Cidadã, que no parágrafo único afirma “Todo poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição”⁷⁶. A citação, retirada de uma constituição promulgada após mais de 21 anos de Ditadura Civil-Militar, não ser nem mencionada aqui, é apenas uma triste coincidência? É de se pressupor que não. Mais uma vez pensamos que essa jogada é outra falsificação, que atribui um termo conhecido dos espectadores, por se tratar da Constituição brasileira, a outro país e a outro regime político. Além disso, esse texto constitucional, ao ser retirado da sua totalidade, pode gerar interpretações a serviço da extrema direita, como foi visto diversas vezes em manifestações antidemocráticas, que utilizavam os mesmos termos para atentar contra o Supremo Tribunal Federal e demais poderes da República. As mais recentes inclusive datam do final de 2022 e início de 2023⁷⁷.

Arthur Ávila afirma que combater esse processo somente com a disciplinarização da história não parece uma solução acertada, uma vez que essa seria uma replicação de um sistema que não admite ser questionado. Focar as críticas apenas no aspecto empírico seria fazer apenas metade da tarefa⁷⁸. A narrativa colocada pela empresa cria uma realidade política paralela, onde uma verdade única é revelada e apenas pela Brasil Paralelo. O caminho contra essa *verdade*

⁷⁶Constituição da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. p. 11

⁷⁷EXTRA. Bolsonaroistas seguem no canteiro da Fernandes Lima após desocupação de faixas. 03 de Novembro de 2022. Disponível em: <https://ojornalextra.com.br/noticias/alagoas/2022/11/84009-bolsonaristas-seguem-no-canteiro-da-fernandes-lima-apos-desocupacao-de-faixas>. Acesso em: 20 de Julho de 2023

⁷⁸AVILA, Arthur Lima de. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 41, nº 87, 2021. p. 164

paralela seria alargar a compressão e representação do passado, sem limites normativos disciplinares.

Se outrora a ideia que puxamos de Certeau era que uma obra de valor em história seria aquela reconhecida pelos pares, “os verdadeiros leitores”⁷⁹, os trabalhos mais bem avaliados teriam um espaço maior para com o restante do público, teriam passado por esses pares, consequentemente teriam um suporte maior, estariam de alguma forma mais próximos da verdade, a narrativa construída aqui por essa empresa é sempre apresentada como deturpada ou escondida pela historiografia tradicional. A história será revelada por eles. Parte do que dá sustentação a esse processo então não são os pares, parece ser uma crescente expansão de conteúdos na *Internet*, mesmo que estes não tenham uma base de sustentação em protocolos de pesquisas ou investigação⁸⁰. Além disso, existe uma relação com a falta de necessidade de uma validação fora dos locais em que circulam, uma vez que esses locais seriam vistos como fraudulentos, como vendidos, como farsa. Existe uma mobilização de afetos, como afirma Menezes, onde as pessoas que entram nesse círculo de divulgação de material negacionista preferem falas conspiratórias e ou absurdas, do que a recusa dessas teses, desde que seja algo que vá em encontro aos seus valores⁸¹.

Ainda sobre esses afetos, Nicolazzi refere-se à construção da narrativa da empresa como “recurso terapêutico”⁸², ao conseguir criar um produto que tenha a forma de emocionar o público e ao mesmo tempo colocá-lo como vítima de uma guerra cultural, que ele nem sabia que existia. Os próprios autores da série se colocam numa situação de marginalizados, de derrotados nesse confronto. E existe uma temporalidade para tais derrotas. A cronologia de períodos em que a história foi atacada por interesses que visavam destruir a corrente ocidental-cristã, sendo 1789, com a Revolução Francesa e os ideais iluministas, seja com 1988 e a

⁷⁹CERTEAU, Michael de. *A escrita da História*; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2015. p. 56

⁸⁰MENESES, Sônia. Os vendedores de verdades: o dizer verdadeiro e a sedução negacionista na cena pública como problema para o jornalismo e a história (2010-2020). *Revista Brasileira de História*, vol. 41, nº87. p.80. <https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-05>

⁸¹*Ibid.*, p. 81

⁸²NICOLAZZI, Fernando. Negacionismo e usos afetivos do passado no Brasil contemporâneo. *Politika*. 2023. Disponível em: <https://www.politika.io/fr/article/negacionismo-e-usos-afetivos-do-passado-no-brasil-contemporaneo>

Constituição cidadã, como aponta Ávila, cada uma dessas etapas replica os ataques ao que a Brasil Paralelo acredita ser a verdadeira essência do Brasil e dos brasileiros⁸³.

Para avançar nessa discussão é preciso que pensemos o ecossistema de divulgação, organização e marketing dessa empresa. A propaganda cria uma simbiose com a visão mercadológica da história nesse universo neoliberal e nos parece impróprio, para não dizer incompleto, analisar o material de cunho histórico da empresa sem levar em conta seu fator venda. Pesquisas que buscam analisar tal fenômeno não poderão abrir mão de reconhecer que é necessária uma investigação rigorosa das formas de consumo desses passados, bem como não será possível deslocar o consumo do local onde são produzidos, vendidos e consumidos. É sobre esse mercado da história que falaremos a seguir.

1.3 - A instituição histórica de mercado: a história como serviço em meio ao negacionismo histórico e sua publicidade

É importante que tenhamos atenção aos modos como o próprio neoliberalismo fala através de nós⁸⁴, no dia a dia, nas expressões, nas mídias, em propagandas, no cotidiano da língua. É possível dessa forma ter uma percepção dos efeitos, como uma espécie de “profeta do próprio tempo”⁸⁵, demonstrando sua contemporaneidade, bem como a nossa própria, constituindo-se como um dos motores da sincronização global atual. Conceitos que antes eram estruturais dentro da modernidade passam por um total esvaziamento, ou ganham novos sentidos, ocorrendo não apenas uma troca de palavras, mas todo um processo de remodelamento de uma rede de significados, bem como das instituições em que essa semântica se insere⁸⁶. Os conceitos não podem ser definidos individualmente, e não devem ser descolados de sua historicidade. Conceitos que não são necessariamente novos podem ganhar novos significados, mas devem ser compreendidos na relação que estabelecem entre si e seus efeitos⁸⁷.

⁸³AVILA, Arthur Lima de. Formas/fórmulas de negação e irresponsabilidade representacional: o caso Brasil Paralelo e o negacionismo histórico contemporâneo. p. 185-211. In: (Orgs) SCHURSTER, Karl; GHERMAN, Michel; VFERREIRO-VÁZQUEZ, Óscar. Negacionismo: A construção social do fascismo no tempo presente. EDUPE, Recife, 2022. p. 198

⁸⁴TURIN, Rodrigo. Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal. Copenhague: Zazie Edições, 2019, p. 18.

⁸⁵Ibid., p. 19.

⁸⁶Ibid., p. 19.

⁸⁷TURIN, Rodrigo. Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal. Copenhague: Zazie Edições, 2019, p. 24

Ainda dentro da forma semântica do neoliberalismo é necessário que pensemos na sua sincronização e caracterização temporal, ou seja, como que a lógica de mercado pode afetar esferas distintas de forma a reconfigurar sistemas como o de saúde e educação, teoricamente distantes da ideia de temporalidade imediata. Sobre isso, utilizando a definição de Koselleck da modernidade clássica, Turin aponta que pelo menos quatro vetores semânticos são deslocados da sua lógica inicial. A Temporalização, no neoliberalismo torna-se Destemporalização, Democratização torna-se Diferenciação, Ideologização converte-se em Tecnificação e Politização passa a ser Desmobilização⁸⁸. De tal modo passa a ser vinculado na educação a lógica de um produto novo, diferente dos que são oferecidos pelo Estado, algo distinto, uma lógica de desempenho e resultados, além da ideia de que aquele produto pode a qualquer momento acabar, mudar de preço ou ser oferecido de uma forma diferente.

Os conceitos modernos implicavam numa dimensão de movimento diferente dessa imposta pelo neoliberalismo. Ocorria uma abertura de futuro, conceitos carregados de expectativas, orientando realizações não necessariamente pré-registradas no passado. O deslocamento hoje é experimentado de forma *hiperacelerada*, transcendendo forças e ações do sujeito, que deve sempre responder aos novos cenários, o mais flexível, o mais adaptado e, portanto, o mais reativo possível. Essa temporalização, ou melhor, destemporalização, como dito acima, é reativa, abrindo mão de uma constituição de horizonte de expectativa ordenado pelo passado, pelo contrário, é uma sucessão de presentes contínuos, em que devemos nos adaptar a todo instante, e além de nos adaptarmos, devemos ser resilientes, nós mesmos temos a responsabilidade de lidar com tudo⁸⁹.

Talvez um dos conceitos mais centrais para este trabalho seja o de diferenciação, em oposição à democratização. No lugar de universalizar processos políticos e direitos, assume a centralidade do processo a ideia de ser percebido como diferente em meio aos seus concorrentes. Turin discute que a diferenciação tem efeitos inclusive nas solidariedades, substituindo as formas coletivas para o “indivíduo empreendedor de si”⁹⁰. E esse indivíduo tem de escolher o que consome, o que lê, estuda, o que o torna mais competitivo frente a outros

⁸⁸TURIN, Rodrigo. Presentismo, neoliberalismo e os fins da história, in: AVILA, A. (Org.); NICOLAZZI, F. F.; TURIN, R. (Org.). A História (in)Disciplinada. Teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico. 1. ed. Vitória: Milfontes, 2019.

⁸⁹TURIN, Rodrigo. Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal. Copenhague: Zazie Edições, 2019, p. 24-28.

⁹⁰TURIN, Rodrigo. Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal. Copenhague: Zazie Edições, 2019, p. 33.

indivíduos, o que o torna mais suscetível a empregabilidade, por exemplo. Esse processo de concorrência é elevado à máxima potência em diversos setores da sociedade e cada vez mais a crise demonstra-se em relação ao conceito moderno de história que vigorou até o século passado.

Não será de espantar, seguindo essa lógica, que em um futuro próximo aquelas disciplinas sejam substituídas pelas novas técnicas surgidas do mundo corporativo, como o coaching e o mentoring. No lugar da formação e da crítica, coloca-se o treinamento de “capacidades” e o happy thinking do empreendedorismo neoliberal. O fim da história, pelo menos em sua dimensão disciplinar, coincidiria com a passagem do indivíduo cidadão para o indivíduo empresa, empreendedor da própria precariedade.⁹¹

A ancoragem numa história disciplinar parece cair em desuso no mundo contemporâneo e, ao analisarmos o conteúdo da Brasil Paralelo, a regra também se aplica. A linguagem empresarial, o *ethos* do empreendedor e, principalmente, a ideia de que não dependem do dinheiro do Estado para sobreviver é o que de certa forma encontramos nos materiais observados. A internet se tornou um presente para esse tipo de cidadão. A ideia de que a indústria tecnológica seria a mais livre, a mais espontânea, por ter menos entraves regulatórios e ou subsídios estatais, além de falsa, é uma demonstração de que na agenda neoliberal o modelo de negócio dessas plataformas estruturadas em relação *online* é na verdade a mais invisibilizada⁹². De certa forma a mais livre seria a que nós menos entendemos.

A racionalidade de mercado aplicada a indivíduos comuns passa para além da questão de que a verdade não pode ser conhecida de antemão, nenhum indivíduo é capaz disso. O empreendedor substitui então o planejador, o progresso torna-se risco e o neoliberalismo um projeto antimoderno⁹³. A performatividade da verdade é a única forma de antecedência da verdade. A influência digital opera na orientação por metas, por segmentação de público.

⁹¹TURIN, Rodrigo. Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal. Copenhague: Zazie Edições, 2019, p. 36.

⁹²CESARINO, Letícia. Pós-Verdade e a Crise do Sistema de Peritos: uma explicação cibernética. Ilha – Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 23, n.1, p. 73-96, 2021, p. 90.

⁹³Ibid., p. 87.

Todos os vídeos da série *Brasil – A última Cruzada* iniciam-se com a fala de Felipe Valerim⁹⁴, afirmando que o que virá em seguida é uma produção com especialistas, cujo objetivo é apresentar verdades que foram negadas ao grande público, enfatizando que é uma empresa privada, que depende de assinantes e doações para continuar produzindo. Valerim é comumente chamado de “face pública” da empresa. É formado pela Escola Superior em Propaganda e Marketing, geralmente o sócio que representa a Brasil Paralelo em entrevistas, programas de rádio e Televisão. Em buscas pela internet é possível encontrar ainda vídeos musicais de Felipe, não vinculados à empresa, mas que demonstram seu gosto frente aos holofotes, sendo talvez essa a justificativa perante os outros sócios, que comentaremos mais a diante.

Essa busca intensa por mais inscritos, assinantes e patrocinadores, juntamente com uma noção de verdade histórica que foi ocultada, é importante para entendermos a narrativa da empresa, uma vez que as dimensões de “serviço”, “história” e “verdade”, encontram-se inseparáveis, podendo sinalizar uma nova modalidade, da qual é importante dizer:

Essa nova modalidade pode ser denominada de “história como serviço”. Ela emerge do imenso crescimento do setor de serviços na economia neoliberal, como também sinaliza a fragmentação da esfera pública, possibilitada pelo modo de funcionamento das novas empresas de tecnologia. A privatização da representação histórica é a grande característica dessa nova modalidade, alterando profundamente os usos e os sentidos sociais da história.⁹⁵

A característica apresentada por Turin é importante de ser afirmada neste trabalho, pois a razão de mercado é expandida em todas as instâncias da sociedade⁹⁶, incluindo os indivíduos e agentes que atuam dentro dos setores educacionais e ou de produção de material histórico, neste caso analisado, para a Internet. A lógica da concorrência, da venda, da produção de um material a fim de agradar um público específico, pode ser pensado como serviço. A própria estrutura como esse conteúdo é oferecido aos espectadores é dentro de uma lógica e um

⁹⁴Para saber mais ver entrevista disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2021

⁹⁵TURIN, Rodrigo. Os tempos da independência: entre a história disciplinar e a história como serviço. Almanack, Guarulhos, n.25, ef00120, 2020. p. 22. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/2236-463325ef00120>.

⁹⁶TURIN, Rodrigo. Presentismo, neoliberalismo e os fins da história, in: AVILA, A. (Org.); NICOLAZZI, F. F.; TURIN, R. (Org.). A História (in)Disciplinada. Teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico. 1. ed. Vitória: Milfontes, 2019.

léxico comercial. “Compre”, “assine”, “financie”, são palavras de ordem comuns de serem encontradas nas produções audiovisuais da Brasil Paralelo, além de seu canal e site.

Essa ideia de comandos explicitados para o consumidor pressupõe sujeitos influenciáveis, como afirma Cesarino. O neoliberalismo supõe que os sujeitos são passíveis de serem influenciados, vão apresentar pouca resistência ao algoritmo operado. O que se chama de pós-verdade talvez seja a materialização desse efeito⁹⁷, confirma a antropóloga.

A articulação da história com um *Lugar* é condição inerente de análise para Certeau, ainda que isso por si só não defina a história. Desde a reunião de materiais, fontes e documentos, a prática historiográfica é relativa à estrutura da sociedade e se essa sociedade passa por um processo de mudança, permite-se ao historiador uma espécie de afastamento com relação ao que é passado. Ocorre que o trabalho, cada vez mais articulado a meios financeiros, está ligado ao ensino e propriamente ao processo de educação. A disciplina histórica e a pesquisa histórica encontram-se no âmago entre o movimento dos estudantes, a pedagogia do professor e agora a digitalização neoliberal do século XXI.

De mãos dadas com o léxico neoliberal, a educação deixa de ser vista como um processo formador do Estado e passa a ser um serviço, e que está em plena expansão nesse exato momento. Em 2017 analistas do Bank of America avaliaram que o setor estava em perspectiva de crescimento entre US\$ 6 e US\$8 trilhões⁹⁸. Neste mesmo período, um relatório feito com base no Cadastro Central de Empresas constatou que entre os anos de 2013 e 2017 o maior crescimento de números de empresas foi no segmento da educação. Entre os quatro anos analisados o número aumentou de 1,3 milhão para 1,8 milhão, enquanto outras diversas categorias como Transporte, Alimentação e Industrias registraram queda em seus setores⁹⁹. Apresenta-se a necessidade de uma reeducação neoliberal do cidadão¹⁰⁰, sendo atrelado de forma intrínseca ao mercado. A financeirização do ensino transforma-o em um serviço, possibilita competências que sejam individuais e passíveis de competitividade, adaptação,

⁹⁷CESARINO, Letícia. Pós-Verdade e a Crise do Sistema de Peritos: uma explicação cibernética. *Ilha – Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 23, n.1, p. 73-96, 2021, p. 88.

⁹⁸TURIN, Rodrigo. Os tempos da independência: entre a história disciplinar e a história como serviço. *Almanack*, Guarulhos, n.25, ef00120, 2020. p. 22. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/2236-463325ef00120>.

⁹⁹SILVEIRA, Daniel. G1. Em meio à crise, mercado de educação é o que mais cresce em número de empresas no Brasil, diz IBGE. 26 Junho de 2019. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/06/26/em-meio-a-crise-mercado-de-educacao-e-o-que-mais-cresce-em-numero-de-empresas-no-brasil-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 17 de Novembro de 2022.

¹⁰⁰TURIN, Rodrigo. *Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal*. Copenhague: Zazie Edições, 2019, p. 22.

flexibilidade, inovação, produtividade e demais conceitos que representem o *ethos* de empreendedor, não de um aluno ou indivíduo planejador.

Passados alguns anos, dentre eles cerca de dois anos com a pandemia da covid-19, todas as empresas do ramo da educação privada listadas na Bolsa de Valores apresentaram baixas em seu crescimento no ano de 2021, entretanto, os investimentos dos grandes grupos, como Anhanguera e UniCesumar não parou. Os conglomerados educacionais apostam com tudo na educação híbrida ou totalmente a distância, os famosos cursos EAD, adequando novos espaços para os chamados “maker”, ou incubadoras de *startups*¹⁰¹.

Deslocar o *accountability* para outro lugar que não o mercado é mobilizar um significativo genérico para ser inimigo. Empresas que atuam diretamente em mais de um setor se resguardam sob outros rótulos para não terem as implicações regulatórias que poderiam existir, causando assim uma invisibilidade de assimetrias estruturais¹⁰². Essa falta de uma auditoria pública não atrapalha, pelo contrário, influencia e ajuda a operar as métricas e propriedades dessas formas algorítmicas invisíveis. E como pensar no caso da empresa analisada?

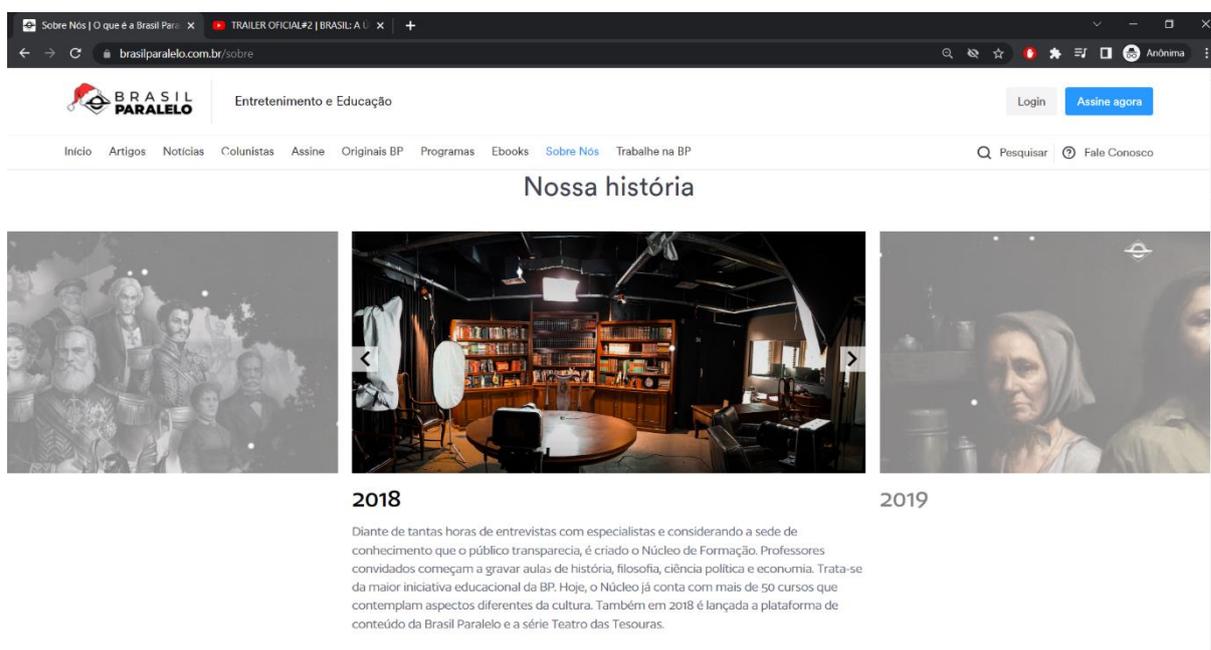
No caso da Brasil Paralelo necessitamos observar como ela se define em seu site, nas suas produções audiovisuais, neste caso, o documentário *Brasil – A última cruzada*, e depois disso conferir como ela se define juridicamente. Esse ponto inclusive faz toda a diferença para nossa pesquisa quando falamos de *Lugar*. De certa forma, a Internet propicia uma lógica própria, bem como podemos levar em conta tudo que foi dito até aqui, a Internet possibilita que exista também dualidades e mais de uma definição dentro desse arcaibouço de invisibilidades e assimetrias estruturais. Ao se inserir na lógica de serviços, essa empresa não busca uma organização civil, mas como empresa, uma lógica de mercado e de ação política enquanto forma e conteúdo¹⁰³. Vejamos as formas de definição encontradas nas imagens abaixo:

¹⁰¹ESTADO DE MINAS. Ranking vê novas forças no setor de educação. 02 de setembro de 2021. https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2021/09/02/internas_economia,1301971/ranking-ve-novas-forcas-no-setor-de-educacao.shtml. Acesso em: 17 de Novembro de 2022.

¹⁰²CESARINO, Letícia. Pós-Verdade e a Crise do Sistema de Peritos: uma explicação cibernética. *Ilha – Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 23, n.1, p. 73-96, 2021, p. 91.

¹⁰³TURIN, Rodrigo. Os tempos da independência: entre a história disciplinar e a história como serviço. *Almanack*, Guarulhos, n.25, ef00120, 2020. p. 21. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/2236-463325ef00120>.

Figura 1 – Página “Nossa História” no site



Fonte: <https://www.brasilparalelo.com.br/sobre> Acesso em: 28 de Dezembro de 2022

Se observarmos o site da empresa, logo no topo da imagem percebemos a dupla afirmação “entretenimento e educação”. O entretenimento, vindo primeiro do que a categoria educacional, nos informa que a empresa está preocupada com a ideia de manter seu público, entretê-lo. Isso é visível também nos investimentos em que o grupo empresarial tem feito em filmes e séries para seu catálogo de *streaming* e a toda a sua jogada de afirmar que os filmes são selecionados, que as *sinopses* são realizadas por especialistas e que nenhum filme será ofensivo para a família. Ao partirmos para a página “Nossa história” afirmada por eles, também em seu site, achamos a afirmação de que o chamado Núcleo de Formação seria a sua maior iniciativa educacional, com mais de 50 cursos¹⁰⁴. Já quando retornamos aos dados da Redesim, a Brasil Paralelo tem em seu nome empresarial o “Brasil Paralelo entretenimento e educação S/A”, entretanto, sua descrição de atividade econômica principal é a de “Portais, provedores de conteúdo e outros serviços de informação na internet”. Poderia essa descrição ser uma forma de autodesresponsabilização? Perguntamos isso no sentido de levar o leitor a imaginar que, se a empresa é na verdade uma produtora de conteúdo genérica, de “Informações”, seria ela

¹⁰⁴BRASIL PARALELO. Sobre. Disponível em: [brasilparalelo.com.br/sobre](https://www.brasilparalelo.com.br/sobre). Acesso em: 28 de Dezembro de 2022.

passível de críticas no campo educacional? Cobrar que suas produções com conteúdo histórico tivessem algum apreço pela pesquisa ou prática histórica, faria sentido? O efeito de tirar, ou não assumir, a responsabilidade pela produção nos parece ligado a ideia neoliberal de negligenciar pontos importantes dentro de *Brasil – a última cruzada*.

Figura 2 – Dados da Redesim

27/02/2023, 16:36 about:blank

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL		
CADASTRO NACIONAL DA PESSOA JURÍDICA		
<small>NUMERO DE INSCRIÇÃO</small> 25.446.930/0001-02 <small>MATRIZ</small>	<small>COMPROVANTE DE INSCRIÇÃO E DE SITUAÇÃO CADASTRAL</small>	<small>DATA DE ABERTURA</small> 09/08/2016
<small>NOME EMPRESARIAL</small> BRASIL. PARALELO ENTRETENIMENTO E EDUCACAO S/A.		
<small>TITULO DO ESTABELECIMENTO (NOME DE FANTASIA)</small> BRASIL. PARALELO		<small>PORTE</small> DEMAIS
<small>CODIGO E DESCRICAO DA ATIVIDADE ECONOMICA PRINCIPAL</small> 63.19-4-00 - Portais, provedores de conteúdo e outros serviços de informação na internet		
<small>CODIGO E DESCRICAO DAS ATIVIDADES ECONOMICAS SECUNDARIAS</small> 58.11-5-00 - Edição de livros 58.12-3-02 - Edição de jornais não diários 58.22-1-02 - Edição integrada à impressão de jornais não diários 59.11-1-02 - Produção de filmes para publicidade 59.11-1-99 - Atividades de produção cinematográfica, de vídeos e de programas de televisão não especificadas anteriormente 59.12-0-02 - Serviços de mixagem sonora em produção audiovisual 59.20-1-00 - Atividades de gravação de som e de edição de música 62.02-3-00 - Desenvolvimento e licenciamento de programas de computador customizáveis 62.03-1-00 - Desenvolvimento e licenciamento de programas de computador não-customizáveis 63.11-9-00 - Tratamento de dados, provedores de serviços de aplicação e serviços de hospedagem na internet 64.62-0-00 - Holdings de instituições não-financeiras 70.20-4-00 - Atividades de consultoria em gestão empresarial, exceto consultoria técnica específica 73.12-2-00 - Agenciamento de espaços para publicidade, exceto em veículos de comunicação 73.19-0-02 - Promoção de vendas 74.10-2-99 - atividades de design não especificadas anteriormente 77.40-3-00 - Gestão de ativos intangíveis não-financeiros 82.30-0-01 - Serviços de organização de feiras, congressos, exposições e festas 85.99-6-04 - Treinamento em desenvolvimento profissional e gerencial 85.99-6-99 - Outras atividades de ensino não especificadas anteriormente		
<small>CODIGO E DESCRICAO DA NATUREZA JURIDICA</small> 205-4 - Sociedade Anônima Fechada		
<small>LOGRADOURO</small> AV PAULISTA	<small>NUMERO</small> 1294	<small>COMPLEMENTO</small> EDIF ELUMA ANDAR 9 SALA 9-A
<small>CEP</small> 01.310-915	<small>BARRIO/DISTRITO</small> BELA VISTA	<small>MUNICIPIO</small> SAO PAULO
<small>ENDERECO ELETRONICO</small> FINANCEIRO@BRASILPARALELO.COM.BR		<small>TELEFONE</small> (19) 3289-2175
<small>ENTE FEDERATIVO RESPONSÁVEL (EFR)</small> *****		
<small>SITUAÇÃO CADASTRAL</small> ATIVA		<small>DATA DA SITUAÇÃO CADASTRAL</small> 09/08/2016
<small>MOTIVO DE SITUAÇÃO CADASTRAL</small> *****		
<small>SITUAÇÃO ESPECIAL</small> *****		<small>DATA DA SITUAÇÃO ESPECIAL</small> *****

Aprovado pela Instrução Normativa RFB nº 1.863, de 27 de dezembro de 2018.

Emitido no dia 27/02/2023 às 16:35:47 (data e hora de Brasília).

Página: 1/1

about:blank

1/1

Dados de pesquisa no site do Governo Federal, na área de consulta de CNPJ. Disponível em: <https://consultacnpj.redesim.gov.br/>. Acesso em: 27 de Fevereiro de 2023

Se formos para os episódios de *Brasil – A última cruzada*, também encontraremos definições de como a empresa se apresenta. Como já dito anteriormente, todo episódio começa com uma espécie de introdução, falada por Valerim. No geral essa apresentação inicial fala diretamente ao espectador, pede que assine ou que compre algum produto. Entretanto, no sexto

episódio, temos uma espécie de apanhado geral de como a Brasil Paralelo chegou até ali, e encontramos ainda mais afirmações de como eles se definem e onde querem chegar.

Quando escolhemos dedicar as nossas vidas em busca de um Brasil Paralelo não havia um pingão de certeza se algum dia o projeto daria certo. Olhando para trás, é possível perceber o quão arriscada foi a nossa aposta. Você deve concordar comigo que não é fácil colocar na cabeça a missão de transformar a educação de um país e abrir mão de tudo em busca desse sonho, mas mesmo com todas as incertezas e desafios, sabemos que apenas reclamar não resolveria o problema, precisávamos agir. E assim foi com o congresso Brasil Paralelo, a nossa primeira série. Pedimos a confiança do nosso público e ele assim o fez. Nossos membros compraram o desafio conosco, permitiram que alcançássemos voos maiores. Se antes falávamos de reformar a cultura com uma câmera barata em mãos e pouquíssimos recursos para produzir os nossos episódios, hoje podemos fazer muito mais. A série Brasil A Última Cruzada foi um salto em todos os sentidos, mas chegar no que vocês estão prestes a assistir só foi possível porque não estamos sozinhos, mais de 5 milhões de brasileiros hoje conhecem melhor a sua história e sentem orgulho da sua origem. Muitos nos perguntam “qual será a próxima série” “O que pretendemos para o futuro do Brasil paralelo”. Sendo muito franco com você, projetos ideias não faltam, mas para darmos mais um passo seguimos contando com a sua confiança. É essencial que cada pessoa que assiste os nossos episódios contribua com a mudança. Somos Independentes, não temos incentivo do governo e não podemos morrer na praia. Talvez você tenha se emocionado e despertou ao resgatar a sua história com os episódios da Série Brasil A Última Cruzada entendeu como grandioso é ser brasileiro, agora, permita que outros brasileiros possam ter o mesmo sentimento que você. Mais do que adquirir o conteúdo exclusivo você apoia na sua iniciativa e permite que milhões de pessoas possam assistir o nosso conteúdo. Assuma esse compromisso conosco. O desconto que vamos oferecer exclusivamente até amanhã é para aumentar o número de brasileiros que estão conosco e garantir todos os benefícios que somente membros têm. Você permite a produção de um próximo documentário. Venha ser protagonista da mudança. Vamos agir juntos em busca da construção de um Brasil Paralelo e até breve¹⁰⁵.

A citação é longa e dura cerca de dois minutos do episódio, entretanto sua totalidade nos ajuda a compreender o fio narrativo que a fala constrói até sua conclusão. Nela, Valerim traz algumas afirmações que servem de norte para a definição da empresa. Segundo o sócio, a aposta central era a de mudar a educação do país, não era mudar o entretenimento ou algum outro fator, então podemos confirmar que a empresa de fato trabalha com a educação, pelo menos essa foi a definição explicitada por um de seus fundadores.

¹⁰⁵BRASIL PARALELO. “Era Vargas – O Crepúsculo de um ídolo”, Felipe Valerim, 00:00:01

Ainda a respeito da citação, a questão do risco inicial também é um padrão importante para nossa análise. Como afirmado por Turin¹⁰⁶ e Cesarino¹⁰⁷, esse *ethos* do empreendedor no neoliberalismo performa a verdade, trabalha sua comunicação em afirmar que correram riscos, mas mesmo assim nunca deixou de acreditar, precisava agir, só reclamar não seria suficiente. Mas apesar de ele correr riscos, não foi um agente solitário, os consumidores foram os financiadores, logo, não podem ser chamados de consumidores aqui. Eles são membros de um grupo seletivo, são apoiadores e protagonistas da mudança.

A empresa utiliza sua mídia para despertar um senso comum nos seus espectadores/consumidores/financiadores, o de que eles são peça fundamental nesse processo de descoberta da verdade. Ao fazerem isso podemos pensar que utilizam o que Letícia Cesarino chama de *públicos antiestruturais*¹⁰⁸. Envolve uma dinâmica negativa de autoafirmação sob a ideia de que estariam sendo impedidos de prosperarem, no caso da Brasil Paralelo, estavam sendo enganados pela esquerda ou impedidos de perceber a quão grandiosa era a história do Brasil, no caso a história que eles defendem. Eles desejam se libertar dessas amarras. Assim esperam concentrar uma maioria de seguidores que sejam cada vez mais extremos. A esquerda passa a ser vista como um inimigo, não como um adversário dentro da lógica pluralista da democracia¹⁰⁹. Eles despertaram, e ainda podem despertar tantos outros brasileiros comprando mais produtos da empresa. As múltiplas formas de monetização encontram-se presentes aqui e em qualquer influenciador que siga esses padrões da chamada nova direita¹¹⁰.

A despeito dos públicos antiestruturais e conspiratórios Cesarino também sustenta:

Nos públicos conspiratórios, verdadeiro e falso deixam de ser termos cuja diferença é codificada pela matriz compartilhada da epistemologia científica para cruzar um limiar transformacional em que a verdade passa a pano de fundo estruturante de outra camada do real da qual a sociedade normativa, que

¹⁰⁶TURIN, Rodrigo. Os tempos da independência: entre a história disciplinar e a história como serviço. Almanack, Guarulhos, n.25, ef00120, 2020. p. 21. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/2236-463325ef00120>.

¹⁰⁷CESARINO, Letícia. Pós-Verdade e a Crise do Sistema de Peritos: uma explicação cibernética. Ilha – Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 23, n.1, p. 73-96, 2021, p. 88.

¹⁰⁸ CESARINO, Letícia. O mundo do avesso - A verdade política na era digital. São Paulo, Ubu Editora, 2022, p. 138

¹⁰⁹Ibid., p. 139

¹¹⁰CESARINO, Letícia. Pós-Verdade e a Crise do Sistema de Peritos: uma explicação cibernética. Ilha – Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 23, n.1, p. 73-96, 2021, p. 88.

também aparece como ameaça existencial, é excluída como domínio da mentira, da manipulação, da hipocrisia¹¹¹

Uma outra camada se forma, um novo real, pressionando a camada normativa, mas sem romper totalmente com ela. É de fato um sistema de crise, um verdadeiro *paralelo* relacional de passado para com o presentismo imediatista. Cria-se a ideia de que existia uma linha de progresso que levaria a glória, mas foi interrompida por algo escondido do público, no geral por ideias republicanas, pelo marxismo cultural ou qualquer outro fantoche que a empresa queira indiciar. A verdade é aquela que a empresa mostra, é a que a empresa vende, é aquela que chega no *smartphone* do assinante. Cancela-se o passado comum, que passa a ser disputado na forma de negacionismo histórico¹¹², bem como o horizonte de expectativa futuro.

Existe um valor de diferenciação perante a outros possíveis aparatos educacionais que os espectadores possam ter contato. Não ser massa de manobra, despertar, significa diferenciar-se, consumir algo diferente do que seria comum, universal, do que seria doutrinário. Significa conhecer melhor a história do Brasil e sentir orgulho de sua origem, ou pelo menos a origem definida pela empresa. A Brasil Paralelo torna-se assim, uma espécie de *think tank* comercial, que vende seus produtos¹¹³ àqueles que querem mudar o Brasil, salvá-lo. Essa dimensão pode ser pensada também na questão do afeto, como já dito anteriormente.

Figura 3 – Página inicial do site

¹¹¹CESARINO, Letícia. O mundo do avesso - A verdade política na era digital. São Paulo, Ubu Editora, 2022, p. 140

¹¹²Ibid., p. 110

¹¹³TURIN, Rodrigo. Os tempos da independência: entre a história disciplinar e a história como serviço. Almanack, Guarulhos, n.25, ef00120, 2020. p. 22-23. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/2236-463325ef00120>.



Fonte: <https://www.brasilparalelo.com.br/> Acesso em: 04 de agosto de 2022

Como pode ser observado na imagem, chama atenção, ao primeiro acesso no site, a utilização de um layout totalmente voltado para a venda dos produtos. Bem ao centro encontra-se um marcador em contagem regressiva marcando os dias, horas, minutos e até segundos, do preço com redução de 43% de desconto. Essas informações podem ser encontradas também no topo da página, acompanhadas de um botão em vermelho com a frase “Aproveitar promoção”, que ao clicar direciona o internauta diretamente para a página de assinatura dos planos mensais da empresa. Esse botão somado aos outros dão um total de quatro locais indicando a ação de assinar o conteúdo. Não é raro que apareça também na tela alguma mensagem como “não seja massa de manobra” ou algo do tipo, quando o mouse vai em direção a fechar a página. Sobre esse tipo de marketing é importante dizer que:

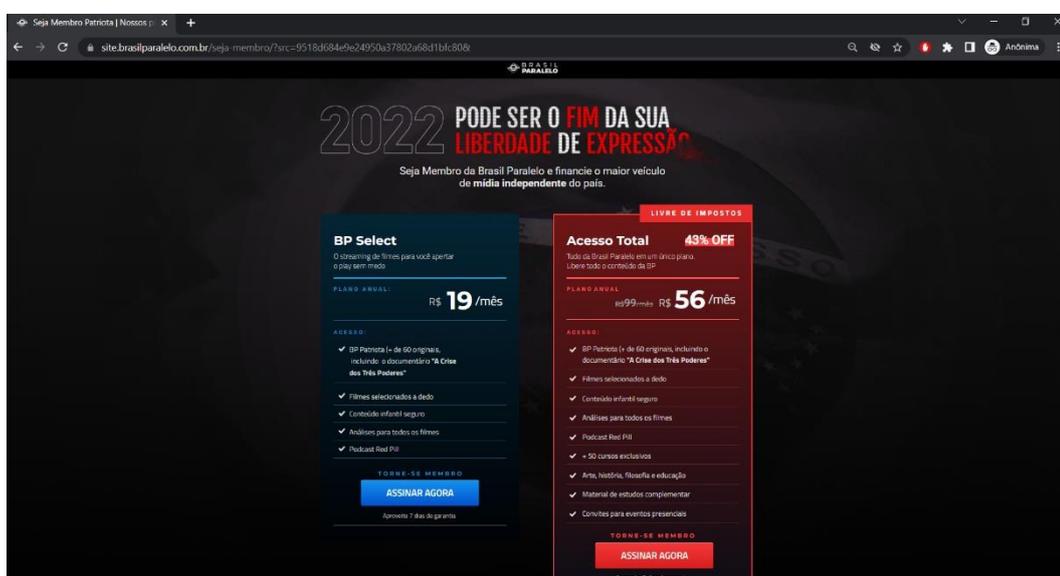
Sua estratégia de marketing segue um padrão implícito daquela transformação conceitual antes analisada, jogando com o valor da diferenciação em detrimento do massivo, do comum, do universal. Não ser massa de manobra, ali, implica antes consumir algo distinto, diferenciar-se, do que se tornar um indivíduo crítico e autônomo¹¹⁴.

Até meados de outubro de 2022 por exemplo, a empresa apresentava a mensagem “2022 pode ser o fim da sua liberdade de expressão” e o pedido “financie o maior veículo de

¹¹⁴TURIN, Rodrigo. Os tempos da independência: entre a história disciplinar e a história como serviço. Almanack, Guarulhos, n.25, ef00120, 2020. p. 23. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/2236-463325ef00120>

mídia independente do país”¹¹⁵, na página de assinaturas de seu site. A mensagem trazia escritos em vermelho sob a bandeira do Brasil em preto e branco. Alguns meses depois a empresa alegou que estava sendo censurada pelo Partido dos Trabalhadores, por conta de um pedido que o partido enviou ao Tribunal Superior Eleitoral - TSE para retirar do ar postagens que tinham conteúdo falso, as chamadas *fake news*. A empresa foi mencionada, junto com outros 34 perfis a época¹¹⁶, por anunciar que lançaria às vésperas da eleição presidencial um documentário a respeito da fachada levada pelo então candidato Jair Bolsonaro, em 2018.

Figura 4 – Página de assinatura do site



Fonte: <https://site.brasilparalelo.com.br/seja-membro/?src=9518d684e9e24950a37802a68d1bfc80&> Acesso em: 03 de agosto de 2022

É importante dizer que a ideia de venda, marketing, assinatura, não fica restrito somente ao site da empresa. Durante os episódios da série **Brasil - A última Cruzada** é possível ver por exemplo diversas vezes uma pequena marca d'água, ao lado esquerdo da tela, com as

¹¹⁵Importante frisar que a empresa afirma que essa é sua única renda, o que parece destoar de tamanha produção existente em seus documentários e filmes, repletos de ilustrações, animações, músicas próprias e etc. Todas as produções contam com pedidos excessivos de contribuição e assinatura de algum dos planos. Disponível em: <https://site.brasilparalelo.com.br/seja-membro/?src=9518d684e9e24950a37802a68d1bfc80&> Acesso em: 03 de agosto de 2022

¹¹⁶GUEDES, Octavio, SADI, Andréia. G1. PT identifica rede articulada de criação fake news com 34 perfis e vai ao TSE cobrar ação no Twitter. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/octavio-guedes/post/2022/10/07/pt-identifica-rede-articulada-de-criacao-fake-news-com-34-perfis-e-vai-ao-tse-cobrar-acao-do-twitter.ghtml>. Acesso em: 10 de outubro de 2022.

frases “torne-se membro”, “tenha acesso a aulas na íntegra”. A própria introdução do vídeo, que dura cerca de dois minutos, é voltada para tal pedido. No quinto episódio, chamado “O último reinado”, um detalhe importante é que toda a cena é mediada por uma música de fundo, que se inicia tensa e crescente, até o momento, próximo da passagem abaixo, em que ela ganha um ar mais calmo, porém, triunfante e o foco total no rosto de Valerim, que olha diretamente para a câmera.

Tornar-se membro é algo crucial para que novas séries surjam e para que novos brasileiros despertem das falsas narrativas e sigam em busca de um país melhor. E hoje, junto com esse próximo capítulo, lançamos uma condição especial para quem quer financiar essa mudança, e fazer algo realmente efetivo pela educação. O conteúdo exclusivo da série Brasil – A última Cruzada, está com valor promocional e por tempo limitado, sendo a última oportunidade para adquirir as mais de 120 horas de conteúdo exclusivo e ganhar como bônus todas as gravações do webnário 2018. Venha ser parte ativa do Brasil Paralelo e seja bem-vindo ao protagonismo da mudança¹¹⁷.

A fala deixa explícito o terreno em que estamos entrando, no sentido de se vender. O artifício da promoção por tempo limitado é talvez uma das mais antigas técnicas de venda e marketing de produtos. É utilizada aqui para incentivar essa ideia da assinatura, mas não só. Outro ponto interessante nessa citação é a questão do valor moral, da ideia de não ser enganado e de desempenhar algo, utilizando as mesmas palavras do narrador, assumindo o “protagonismo da mudança”. Financiar o projeto seria como fazer algo efetivo pela educação. Esse processo é muito forte e amplamente vinculado na empresa. Não seria apenas um bom produto, mas sim um produto que faz parte da mudança que você deseja na educação, na cultura, na pátria. Ocorre uma correlação entre o processo de assinatura e a mudança, de forma que é assumido um viés afetivo entre produtor e espectador.

Meneses aponta que as propagandas nas redes mobilizam afetos e constroem um desafio de confrontar esses afetos¹¹⁸, uma vez que após mobilizados o encontro de pessoas que pensam e sentem de certa forma é fortalecido. A confiança pode ser construída nessa estratégia de comunicação. Pedir então para que esses consumidores, que estariam assistindo à produção gratuita no Youtube, tornem-se protagonistas da mudança, ou mesmo, ajam juntos com os

¹¹⁷BRASIL PARALELO. “O último reinado”, Felipe Valerim, 00:01:10

¹¹⁸MENESES, Sônia. Os vendedores de verdades: o dizer verdadeiro e a sedução negacionista na cena pública como problema para o jornalismo e a história (2010-2020). Revista Brasileira de História, vol. 41, nº87. p.82. <https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-05>

empresários, é garantir que existam grupos com afinidade e validação de confiança, pois são seus valores e crenças que estão envolvidos na produção.

O passado é sempre um território de disputa de poder e narrativas, de cobiça pelos inimigos¹¹⁹, por isso é necessário que confrontemos a ideia de história como serviço, que pensemos na ampliação e diálogos com diferentes públicos, mas ao mesmo tempo exercendo a função de delimitar espaços e fronteiras a serem defendidas de forma coletiva e plural¹²⁰, com um movimento fora da categoria disciplinar, mas ainda assim demandando representações universitárias ligadas a demais grupos sociais. Neste ponto, torna-se importante para nós tentar compreender então a *Prática*, a articulação entre a natureza e a cultura dessa produção, as fontes por eles utilizadas, o trabalho que eles realizam em relação a sua prática historiográfica. É o que veremos no capítulo seguinte.

¹¹⁹SANTIAGO JR, Francisco das Chagas Fernandes. Dimensões historiográficas da virada visual ou o que pode fazer o historiador quando faz histórias com imagens? *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 11, n. 28, p. 402 - 444, set./dez. 2019. p. 433

¹²⁰TURIN, Rodrigo. Os tempos da independência: entre a história disciplinar e a história como serviço. *Almanack*, Guarulhos, n.25, ef00120, 2020. p. 23. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/2236-463325ef00120>

Capítulo 2: Uma prática: a articulação entre os procedimentos de produção de verdade e as fontes

Certeau encerra a primeira parte de *A operação historiográfica* afirmando que entender o que é o *lugar* da história ainda não é explicar todo o processo, mas que essa é a condição para que alguma coisa possa ser dita, possa ser *escrita*, sem que seja utópica ou desnecessariamente edificante. A recusa de reconhecer isso seria uma fuga da realidade, excluindo toda a teoria existente, proibindo a história de falar da sociedade e sendo assim, proibindo-a de ser história¹²¹. Logo, em seguida afirma “Fazer história é uma prática”¹²², a história existe numa relação de discurso com as técnicas que a produzem, e o historiador pega seus elementos, trata-os como algo que não é natural, ou que não estão mais em sua condição de naturais, pois ele os transforma em outra coisa “faz deles história”¹²³.

O autor busca em seu texto criar uma narrativa que ligue a produção da história através dos vários caminhos que foi seguindo no tempo. Ele utiliza o termo “sociologia da historiografia”¹²⁴ para dizer que ela é a responsável por pensar a situação epistemológica da prática histórica. A história seria inicialmente uma nobre interpretação, uma arte, uma forma de falar sobre algo. A Universidade trataria quem liga a história à alguma técnica como uma ciência auxiliar, dando exemplos da musicologia, da epigrafia, paleografia e outros e a forma de narrar e interpretar tais processos seria também uma relação de apagamento de um trabalho. Ainda segundo o autor “O lugar que se dá à técnica coloca a história do lado da literatura ou da ciência”¹²⁵. Ainda que cada sociedade se pense historicamente de uma forma diferente, com características próprias do seu *lugar*, a técnica é mediadora desse processo, entre o que é *dado* e o que é *criado* é que ocorre a pesquisa.

Tendo uma certa vantagem em relação a outras áreas, a história social figura para Certeau como dominadora do século XIX, mudando seu setor central, é verdade, dando mais atenção inicialmente aos grupos sociais, posteriormente a questão econômica, depois das mentalidades e assim por diante, mas esses campos, afirma o autor, não podem ser vistos apenas como novos objetos, a história não é uma instituição imutável. A história estabelece uma relação

¹²¹CERTEAU, Michael de. *A escrita da História*; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2015, p. 64

¹²² *Ibid.*, p. 64

¹²³ *Ibid.*, p. 67

¹²⁴ *Ibid.*, p. 64

¹²⁵ *Ibid.*, p. 65

narrativa com as técnicas que a produz, sendo necessário pensar em como ela encara esses elementos tidos como “naturais” e os transforma em um “*ambiente cultural*”¹²⁶, como simboliza as transformações na relação entre uma sociedade e sua natureza. Ele afirma:

De resíduos, de papéis, de legumes, até mesmo das geleiras e das “neves eternas”, o historiador faz outra coisa: faz deles a história. [...] Participa do trabalho que transforma a natureza em ambiente e, assim, modifica a natureza do homem. Suas técnicas o situam, precisamente, nessa articulação. Colocando-se no nível dessa prática, não mais se encontra a dicotomia que opõe o natural ao social, mas a conexão entre uma socialização da natureza e uma “naturalização” (ou materialização) das relações sociais.¹²⁷

Para Certeau a relação entre a técnica e as fontes, bem como da técnica e o historiador, é extremamente importante. A *prática* do historiador seria então a possibilitadora da materialização dessas relações sociais, retirando dicotomias entre natural e social. Isso se demonstra tão importante para o autor que ele faz questão de comparar tal ato com o fazer de uma manipulação de refino de minerais, onde a matéria prima é transformada em um “produto”. O historiador trabalha com um material afim de transforma-lo em história, pegando uma informação primária e transportando-a para uma informação secundária, em que o “refino” se dá justamente por sua *prática*. E este está inserido em um *lugar social*, que influencia diretamente no processo. A sua obra então participa deste movimento que a sociedade se modifica em relação a natureza e as utilidades atribuídas. A questão do produto, trabalhada também no capítulo anterior desta pesquisa, pode ser interessante aqui. A transformação em algo utilitário e pensado para a venda diz também de uma sociedade de consumo, submersa em uma gramática neoliberal.

Ocorre que de nenhuma forma essa relação é tranquila, pelo contrário, quando o historiador modifica um espaço, um campo, uma linguagem cultural, ele não apenas traduz esse processo, ele age, segundo Certeau, como quem “coloniza” em busca de “civilizar” a natureza. Ao transformar as relações sociais em objetos da história o historiador desloca fronteiras internas da própria cultura¹²⁸. O autor constata, entretanto, que uma série de produções que tem uma intenção de ser romanceadas ou legendárias não produzem essa forma de transformação

¹²⁶CERTEAU, Michael de. A escrita da História; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2015, p. 67

¹²⁷Ibid., p. 67

¹²⁸CERTEAU, Michael de. A escrita da História; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2015, p. 68

nos campos da cultura da sociedade. Quando um historiador supões que o passado já está *dado*, isso quer dizer, quando ele recebe passivamente os objetos de seu estudo, ele se alinha com um comportamento de consumidor¹²⁹. Logo, a operação que transforma o “meio”, em história, estabelece uma espécie de “governo da natureza”, instaurando uma relação entre presente e passado, sem ser um dado, mas uma produção¹³⁰. O que Certeau prossegue adiante não é com uma análise dos métodos da história, ou de como eles são aplicados, mas sim com questionamentos teóricos que surgem ao confrontar o aparelho dos procedimentos técnicos de uma produção.

A própria origem dos Arquivos modernos, segundo Certeau, compartilha uma relação de um *grupo*, o *lugar* e uma *prática*, que seriam respectivamente os eruditos, a própria biblioteca do arquivo, a forma de classificação e comunicação empregadas naquele meio¹³¹. Os objetos distribuídos de uma certa maneira são na verdade uma fabricação, pela própria maneira como o historiador faz uma cópia algo, fotografa, descreve ou transcreve. Esse ato recorta o objeto de seu uso e emprego recorrente, constituí agora algo reempregado ao que é coerente para o historiador. A reunião desses materiais e objetos ganha uma nova história ao ser organizada agora como uma coleção, como uma biblioteca, como um arquivo. Essa organização passa a ser vista como um gesto fundador das fontes para esse *erudito*, para o historiador, que emprega uma combinação de *lugar*, *aparelhos* e *técnica*. Um trabalho científico, afirma o autor, opera redistribuindo o *lugar*, estabelecendo as fontes¹³².

A prática com esses modos de organização, com a forma que esses arquivos possuem, podem e devem mudar, de acordo com que novas questões surjam, com novas perguntas e interesses. Para que ocorra uma história nova é condição que o ponto de partida seja uma transformação do arquivo¹³³. As bibliotecas já citadas tinham a função de organizar a erudição dentro de um sistema de pesquisa, mas a determinação não vem do próprio aparelho. Seja na biblioteca, no arquivo ou computador, a determinação vem do tempo da exploração que os resultados retirados da pesquisa expõem. O estabelecimento de fontes se mostra relevante pois é de certa forma um princípio importante de demonstração dos momentos epistemológicos da

¹²⁹CERTEAU, Michael de. A escrita da História; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2015, p. 68

¹³⁰Ibid., p. 69

¹³¹Ibid., p. 70

¹³²Ibid., p. 73

¹³³Ibid., p. 73

pesquisa científica¹³⁴. Certeau opta após essa definição seguir pela definição das trajetórias operacionais que a história tem nesse espaço novo.

O computador, apesar do momento em que o autor escreve, devemos sempre lembrar, é algo que inova, não pelo *lugar*, porque de certa forma a arrumação e a guarda de documentos se assemelharia muito ao arquivo, entretanto, temos a noção que o elemento tecnológico amplia significativamente a relação com a quantidade de material que pode ser armazenado e analisado. Esse procedimento, segundo Certeau, parece inverter a história como se via no século XIX, pois partia-se de vestígios, manuscritos, fontes que pareciam raras aos olhos do historiador, para aí gerar algo que fosse totalizante, unificado. O valor desse experimento estava diretamente ligado a quantidade de fontes analisadas e se algum material novo seria encontrado após a pesquisa ser escrita. Novas investigações podiam por uma invalidação no que já foi escrito a depender dos documentos encontrados. Para o autor a análise muda quando o historiador passa a buscar, não mais as raridades, afim de uma síntese, mas a sistematização para dar *lugar* ao passado que é o fruto de seu trabalho¹³⁵.

O autor usa o termo “restos” para dizer ao que o historiador dá lugar, mas nos parece que o que ele quer fazer referência aquilo que de alguma forma fugiria do padrão, inclusive por sua percepção mais adiante. O historiador não é mais aquele que consegue erguer um império, que concebe uma história totalizador, mas aquele que, citando autores como Foucault, Ozouf, Delarue e Le Goff, desvia e percorre as margens, regiões inexploradas, a feitiçaria, a literatura, os camponeses. Esses trabalhos permitem enxergar unidades ou diferenças em relação as totalidades analisadas outrora¹³⁶.

Mas como esse processo de análise das fontes se dá em nossa própria fonte? Como podemos compreender a *prática* da empresa e como ela representa o passado em sua narrativa na série ***Brasil – a última cruzada?*** Para isso precisamos pensar brevemente na estrutura dos episódios.

Se analisarmos de forma geral os episódios da série, a empresa tem um modo de produção específico, que se manteve ao longo dos vídeos. Os episódios iniciam com uma

¹³⁴CERTEAU, Michael de. *A escrita da História*; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2015, p. 75

¹³⁵Ibid., p. 77-78

¹³⁶Ibid., p. 78-79

introdução de Valerim, sem que tenha relação com o tema, como dito no capítulo anterior, essa introdução tem a intenção de conseguir mais assinantes e financiadores do projeto. Posteriormente o episódio começa, sempre com o resumo de algumas falas dos entrevistados, após isso uma vinheta e o episódio em si. A partir desse momento alterna-se entre a fala do narrador *off* e a fala dos entrevistados, numa dinâmica de direcionamento do assunto o narrador introduz a temática e o entrevistado comenta algo. No capítulo seguinte falaremos melhor a respeito desse formato e as escolhas de produção, no momento nos interessa como as fontes e as referências da empresa são inseridas no material audiovisual.

Essa estrutura parece oferecer como fonte apenas a fala dos entrevistados. São eles que geram para o espectador uma relação de domínio do assunto abordado, são eles os verificadores da empresa e de suas ideias. Quando o narrador lança um tema e o entrevistado comenta é como se tivéssemos uma introdução e a fala do entrevistado é o texto a seguir. Os entrevistados são colocados em uma posição de especialista do tema abordado. Na primeira vez que aparecem no vídeo os entrevistados tem abaixo no vídeo o seu nome e ocupação expostos, como em uma entrevista para telejornal. Observemos os exemplos a seguir.

Figura 5 – Frame de episódio



BRASIL PARALELO. “Independência ou Morte”, Primeira fala de Marcus Boeira – 00:10:22

Figura 6 – Frame de episódio



BRASIL PARALELO. “Independência ou Morte”, Primeira fala de Rafael Nogueira – 00:10:02

As duas imagens acima são *printscreens* retiradas do quarto episódio da série *Brasil – a última cruzada*, que leva o nome “Independência ou Morte”, voltado justamente para o

período de proclamação independência do Brasil por Dom Pedro I. Em ambas temos a figura de um entrevistado, seguido de seu nome e ocupação logo abaixo, como relatamos no parágrafo anterior, entretanto, podemos pensar um pouco na soma de fatores utilizados aqui para criar a autoridade dos entrevistados.

A primeira imagem é de Marcus Boeira, mencionado pela Brasil Paralelo como doutor e professor. Encontraremos apenas essa afirmação, mesmo nos créditos do documentário, não teremos nenhuma menção a respeito da área do doutorado e muito menos sobre o que o professor leciona. Entretanto, em uma rápida busca pela internet encontramos seu currículo *lattes*, importante quando pensamos em acadêmicos e pessoas envolvidas com pesquisa, como no caso de um doutorado. Pelo currículo de Boeira encontramos que ele é bacharel em direito, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, além de mestre e doutor em direito, pela Universidade de São Paulo – USP, com doutorado concluído em 2012, ou seja, consideravelmente antes de sua gravação para o documentário, lançado em setembro de 2017. Além disso, Marcus Boeira é servidor público, sendo professor na faculdade de direito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul¹³⁷.

Na segunda imagem temos a apresentação de Rafael Nogueira, já citado aqui e um dos entrevistados que mais aparece nos vídeos analisados. Ele é creditado como professor de história e apresentador. Em outro episódio o mesmo é mencionado como professor de história e filosofia. Da mesma forma, nenhuma outra referência a respeito dessas informações nos é dada, mesmo nos créditos, então precisamos buscar as informações. Ocorre que Rafael Nogueira não tem uma página na plataforma *lattes*, o que de fato chama atenção, uma vez que lhe é creditado a alcunha de pesquisador. O que encontramos de mais próximo a isso é um perfil no *linkedin*. Na aba de formação acadêmica conseguimos a informação de que Nogueira possui bacharelado em Filosofia e Licenciatura, também em filosofia, pela Universidade Católica de Santos, além disso, uma especialização em Educação, Pesquisa e Docência para o Ensino Superior pela Universidade Metropolitana de Santos e um curso de bacharel em direito, também pela Universidade Católica de Santos¹³⁸. Todos esses cursos foram concluídos entre os anos de

¹³⁷CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Currículo Lattes, Marcus Paulo Rycembel Boeira. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2064957445315362>. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.

¹³⁸LINKEDIN. Rafael Nogueira, Formação Acadêmica. Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/rafael-nogueira-b178a320/details/education/>. Acesso em: 22 de dezembro de 2023.

2003 e 2009, ou seja, nenhuma formação ou informação a respeito de um curso ou graduação em História antes da gravação do material analisado.

Podemos pensar que essas informações de ocupação, vinculadas pela Brasil Paralelo quando o entrevistado surge na tela, foram informadas pelos próprios convidados, as informações vinculadas as duas páginas citadas, *Lattes* e *Linkedin*, também. Entretanto, por mais que seja informado pelo próprio autor, a plataforma *Lattes* tem ligação direta com o sistema CNPQ e uma vez que Marcus Borel é servidor público, em uma reconhecida universidade federal, as chances destas informações serem falsas tornam-se muito baixas, diferente da plataforma *Linkedin*, que é marcada pela verificação como produto dos usuários, que recebem seguidores e likes, quanto mais conhecidos, mais sucesso e vice-versa. Não existe um sistema forte de verificação, a página no *Linkedin* serve muito mais como rede social do que como um verificador de currículo.

Essa forma de apresentar os entrevistados e necessariamente a fonte de seus vídeos não nos parece gratuita ou realizada de forma despreziosa, mas qual o peso disso? Ao entrar em um hospital o paciente tem a certeza que será atendido por um profissional da saúde, seja um enfermeiro ou um médico, essa é uma verificação que passa por uma série de mediações, seja pelos pares ou por relações pré-estabelecidas em nossa sociedade, entretanto, ainda assim, aquele profissional tem uma indicação de sua posição perante ao seu assistido. Seja um crachá, uma apresentação, a grande questão é o processo de transparência. Se é descoberto que um médico era na verdade um charlatão, este passa por um processo, a instituição também é afetada e facilmente quem toma ciência desta descoberta se revolta. Uma questão assim seria possível com um historiador? Seria essa uma pergunta válida em meio ao trabalho que estamos fazendo?

Ao dar o *play* em uma produção de *Brasil – a última cruzada* o espectador assiste ao vídeo introdutório falando que o que segue é uma produção realizada por especialistas, e acompanha abaixo da foto de cada um desses supostos especialistas sua especialidade como “professor de história”, “doutor”, “biógrafo” e assim por diante. Se uma dessas informações for falsa, isso seria comparável ao nosso médico charlatão ficcional?

Nossa intenção aqui não é necessariamente questionar a formação de ambos os exemplos apresentados, buscamos verificar as informações afim de pensarmos a intencionalidade da empresa em apresentar um dos entrevistados como doutor e professor, sem menção de nenhuma disciplina e o outro como professor de história e pesquisador, sendo um

marcador importante a disciplina a qual ele lecionaria. A história aqui, nos parece, surge como um importante verificador de autoridade para quem assiste. A fala de Rafael Nogueira, para o espectador, é o discurso de um professor de história, de um historiador. A fonte apresentada pela empresa é a fala do entrevistado.

2.1 – Novas Direitas e debates historiográficos

O rótulo que personagens e grupos políticos em nossa sociedade buscam ser, ou fingem ser, podem ser muito distintos do que de fato eles são. No caso da Brasil Paralelo, e nos materiais analisados, percebemos que existe uma vontade intensa de se afirmarem como não possuidores de ideologia, não são de esquerda e nem de direita, que eles não recebem dinheiro público, que eles não fazem parte do sistema, possuem apenas o desejo de dizer a verdade acima de tudo. Ocorre, porém, que seus entrevistados, seus materiais, suas entrevistas, a própria forma como eles vinculam seu marketing, sua postura perante ao Brasil imperial, sua visão ultraliberal na economia, tudo é construído em cima de um viés de direita. Para nós, ser uma produção com esse viés a direita não seria a questão, aparentemente quem deseja negar isso são eles, mas neste campo plural, que é o estudo das direitas e extremas direitas no Brasil, diversas leituras podem ser feitas. O que nos interessa aqui é pensar então em que direita estamos falando e analisando.

O historiador Odilon Caldeira Neto aponta que com a revogação do Ato Institucional nº 5, em 1968, e o fim do sistema bipartidário, se iniciaram movimentações de grupos a direita e extrema direita na medida em que viam as legendas partidárias como um instrumento de disputa no contexto de abertura política¹³⁹. As porções mais radicais, entretanto, não lograram eficiência em construir um projeto político que tivesse um único candidato ou mesmo uma legenda única. Diversos grupos ficaram espalhados em novas organizações ou em grupos de herança pré-ditadura de 1964¹⁴⁰. Se a variedade de abordagens e discussões tomou conta desse espectro político pós o processo de redemocratização, os elementos que os unem, hoje, parecem bem diretos. A exaltação a ditadura civil-militar, o anticomunismo e sua variação como

¹³⁹CALDEIRA NETO, O. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. *Conhecer: Debate entre o Público e o Privado*, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020. p. 126

¹⁴⁰Ibid., p. 127

antipetismo¹⁴¹, além de uma difusão do ideal conservador, pautado por um nacionalismo exacerbado e um Estado autoritário¹⁴².

Uma análise que conversa diretamente com nossa pesquisa é o da cientista política Camila Rocha. A pesquisadora afirma que o fenômeno das novas direitas, pode ser entendido pela ótica de uma direita que se organizou a partir da formação e consolidação da internet no Brasil, após os anos 2000, coincidindo com os primeiros governos Lula (2002-2010), em sua tese “Menos Marx, mais Mises”: Uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018)¹⁴³. Entretanto, isso não quer dizer que esse grupo não tenha ligação com uma direita tradicional, pelo contrário, vários membros podem não só ter vindo de uma organização, partido mais ligado a direita tradicional, como também podem ter se circulado por espaços antes reservados para elites políticas e financeiras mais antigas. O que lhes surge inicialmente é que carregam consigo um *lugar* distinto de criação de *memes*, comunidades, redes sociais e páginas na internet.¹⁴⁴ Isso pôde ser observado nas manifestações iniciadas em junho de 2013 e na criação do Movimento Brasil Livre – MBL. A organização através de grupos de *Facebook* e comunidades de *Orkut* foi uma utilização de mecanismos criados uma década antes, mas que gerou suporte institucional nesse momento. Grupos que buscavam um *ultraliberalismo* ou um novo estágio do neoliberalismo não se sentiam representados em uma direita tradicional, que após 1988, jogava de certa forma as regras do jogo democrático, tendo eleito Fernando Henrique Cardoso, por exemplo. Assuntos que não eram vistos frequentemente, pelo menos nas camadas mais midiáticas dos grupos políticos tradicionais a direita, como defesa da ditadura militar, fim de todos os impostos, ataque a qualquer tipo de cotas, eram recebidos por esse grupo das novas direitas como pauta central. O contrário disso era abuso do Estado, dominação, marxismo.

Junto as pautas econômicas também circulavam as pautas de costumes, onde a defesa dos direitos humanos demandas de minorias como negros, indígenas, feministas, movimento LGBTQIA+ não tinham espaço¹⁴⁵. Economicamente liberais, conservadores nos costumes. Um dos expoentes mais conhecidos nesse debate foi o astrólogo Olavo de Carvalho, que defendia que desde a redemocratização os grupos políticos teriam voltado seus esforços para uma

¹⁴¹CALDEIRA NETO, O. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. Conhecer: Debate entre o Público e o Privado, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020. p. 123

¹⁴²Ibid., p. 131

¹⁴³ROCHA, Camila. “Menos Marx, mais Mises”: Uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). São Paulo, 2018

¹⁴⁴Ibid., p. 21

¹⁴⁵Ibid., p 18

hegemonia cultural na sociedade civil, o Partido dos Trabalhadores – PT e o Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB seriam parte desse esforço, criando um antagonismo falso. A intensão de ambos seria permanecer no Estado a qualquer custo e por isso deveriam ser combatidos diretamente¹⁴⁶. A verborragia agressiva, uma espécie de humor ácido e performático marcam também a forma como as ideias de Olavo eram expostas, e ainda são, pelos seus seguidores. Rocha afirma que esse tom afastou, e as vezes serviu de ridicularização, não só do astrólogo, mas também de outros personagens das novas direitas, da mídia tradicional, que possuía um tom mais impessoal e menos esdrúxulo. Isso serviu de munição para dizer que essa imprensa também seria de esquerda, seria aparelhada, que os intelectuais de esquerda teriam difundido suas teses dentro e fora da academia, nas editoras, nas ONGs e principalmente nesses veículos de imprensa.

O momento de virada de chave na mídia passa a ser após a derrota de Aécio Neves e o início do segundo mandato de Dilma Rousseff em 2014. Rocha afirma que foi na primeira manifestação pró-impeachment que os diversos grupos das novas direitas se reuniram fora dos meios digitais e esse público conquistou espaço nos jornais e revistas de grande circulação¹⁴⁷. A medida que a campanha pelo impeachment se consolidava, esses grupos também se consolidavam. Instituto Liberal, Movimento Brasil Livre, Misses Brasil são exemplos de grupos e organizações civis. Na política partidária não existe um *lugar* ou mesmo um partido único, o Partido Social Cristão – PSC, o Democratas – DEM, hoje União Brasil, o NOVO, são exemplos de partidos em que atores das novas direitas se filiaram. Muitas vezes importa mais a comunicação, a fisiologia ou mesmo a projeção que esse partido pode dar do que a sua ideologia formadora.

A movimentação das novas direitas, por fim, relaciona-se diretamente também com o processo eleitoral que elegeu Jair Messias Bolsonaro, e a formação do que foi chamado de *bolsonarismo*. Apesar da mistura criada durante a campanha, foi possível perceber algumas teorias da conspiração, um discurso de ultraliberalismo na economia, apoio a Israel e Estados Unidos e defesa das privatizações¹⁴⁸, além de um conservadorismo em pautas progressistas e utilização de mecanismos digitais para de comunicação direta com o público.

¹⁴⁶ROCHA, Camila. “Menos marx, mais Mises”: Uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). São Paulo, 2018. p. 18

¹⁴⁷Ibid., p. 22

¹⁴⁸CALDEIRA NETO, O. Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil. Conhecer: Debate entre o Público e o Privado, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020. p. 135

Compreender a empresa analisada como parte simbiótica das novas direitas cria uma demanda de pensarmos como se dá o estabelecimento de fontes e a própria relação de verdade para ela, além de perceber como seus materiais audiovisuais podem ser espaços conspiratórios e com intenções de manipulação de públicos refratados.

2.2 – O estabelecimento de Fontes e a relação de Verdade nos públicos conspiratórios

Os públicos conspiratórios são aqueles que consomem e fazem parte dos espectadores de políticos, empresários, criadores de conteúdo que se aproveitam do *lugar* e da forma como o design, plataformização e novas mídias sociais funcionam. Na verdade, segundo Cesarino¹⁴⁹, é possível pensarmos em um ecossistema em que existem públicos refratados e, sob o viés antiestrutural, os públicos conspiratórios.

Os públicos refratados seriam aqueles que surgem a partir de usuários que entendem o funcionamento dos algoritmos e buscam manipular os conteúdos, criar materiais que sejam temporários, efêmeros, mas ao mesmo tempo que sejam codificados para quem eles desejam, principalmente em regiões da internet como chats, fóruns ou redes sociais com criptografia, mas isso não significa que se organizam na *deep web*, camadas obscuras da internet que não conseguem ser acessadas de qualquer computador, pelo contrário, estão na superfície da internet, interagindo com as plataformas livremente. Para Cesarino esse processo é contraditório, pois esses públicos refratados podem ao mesmo tempo ser armas contra governos autoritários e mecanismos de opressão da sociedade, mas também podem ampliar a liberdade de ações criminosas na web. Podem estar ligados a esquemas de tráfico, fraudes ou mesmo pedofilia¹⁵⁰.

Meu argumento é que boa parte desses ecossistemas [...] podem ser entendidos como públicos refratados com um viés específico que qualifico como antiestrutural. Eles se formariam em relação dialética e, portanto, contraditória, com as plataformas do mainstream, reproduzindo suas formas ao mesmo tempo que se lhe opõem e buscam deslocá-las pelo englobamento contrário. Assim como os populismos conservadores emergiram das “ruínas

¹⁴⁹CESARINO, Letícia. O mundo do avesso - A verdade política na era digital. São Paulo, Ubu Editora, 2022. p. 131

¹⁵⁰Ibid., p. 132

do neoliberalismo” (Brown, 2019) os públicos antiestruturais emergiriam das ruínas de uma esfera pública desestruturada pelo duplo processo de digitalização e neoliberalização (Cesarino, 2021d).¹⁵¹

A autora afirma que nas sociedades modernas as esferas políticas associadas ao Estado-nação eram mediadores, mas com as mudanças de uma sociedade que não tem os mesmos mediadores, ou não lida com esses mediadores (separação de espaço e público privado, o mercado, religião) da mesma forma, o que existe de novo nesses públicos é a forma e os meios que eles utilizam para vir a superfície, com muita velocidade e com muito dinamismo¹⁵². A mídia e sua infraestrutura têm total influência sobre esse processo. Cesarino consegue exemplificar isso citando sua análise em grupos de *WhatsApp* bolsonaristas em 2018.

Nesse exemplo a autora pôde perceber padrões antiestruturais, como a suspensão de marcadores sociais, uma formação de núcleo cultural era sempre trabalhado, o foco em Deus, o povo, a nação. Além disso, os atores ali eram sempre submetidos a uma vontade do outro, mas não havia um indivíduo, pelo menos não oficialmente, que orientasse diretamente, existia um todo de usuários comuns, que não se enxergam dentro de um processo de heteronomia, mas sim em uma experiência individual, de liberdade, de escolha, e qualquer coisa que desse errado ou fosse contrária a esse pensamento era visto como algo do inimigo¹⁵³. A estrutura social era vista como opressora, ali, naquele grupo, a liberdade era experimentada por esses usuários, é uma estrutura invertida propiciada pela plataformização.

Esse público não está necessariamente as margens, porque ele está ligado com o processo semântico do neoliberalismo¹⁵⁴, que abordamos no capítulo anterior, e surge como uma forma de senso comum, um senso comum que se envolve em uma dinâmica de autoafirmação através da oposição. Esses indivíduos acreditam que algo, o inimigo, os impede de prosperar, de dar certo, na lógica deles, que eles desejam ser livres. Para isso eles buscam conquistar uma maioria, não indo para um centro, mas tencionando cada vez mais extremos¹⁵⁵. Pensando na relação de esquerda e direita, dentro da formação política de democracia liberal representativa, a esquerda não é vista por esse público como um outro espectro político dentro

¹⁵¹CESARINO, Letícia. O mundo do avesso - A verdade política na era digital. São Paulo, Ubu Editora, 2022. p. 133

¹⁵²Ibid., p. 135

¹⁵³Ibid., p. 137

¹⁵⁴TURIN, Rodrigo. Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal. Copenhague: Zazie Edicoes, 2019, p. 18

¹⁵⁵CESARINO, Letícia. O mundo do avesso - A verdade política na era digital. São Paulo, Ubu Editora, 2022. p. 138-139

da pluralidade, ela é vista como o inimigo, precisa ser eliminado. Esse inimigo é dominante e ameaça a existência desse grupo.

Esse público pode ser pensado ainda dentro do conceito de *realismo capitalista* de Mark Fisher, quando ele afirma que se trata de uma atmosfera que penetra e condiciona a cultura, o trabalho, a educação, limitando o pensamento e a ação¹⁵⁶. O realismo capitalista implementou uma ideia de que tudo deve ser ontologicamente empresarial e o que não se encaixa nesse processo deve ser cortado, eliminado. O estado de ansiedade constante se relaciona com a precariedade¹⁵⁷ econômica, social, política e temporal. O tédio que poderia existir na sociedade moderna, no fechar da fábrica, no desligar da TV, nas filas e nas próprias relações foi cooptado pelos neoliberais e utilizado como ataque. A tediosa estabilidade e a segurança social dão lugar agora a ansiedade da imprevisibilidade como trabalho, com a vida. Os computadores e hoje mais ainda os celulares, vem preencher grande parte desse tempo ocioso com a internet, “pra quem tem um *smartphone*, esse tempo vazio foi efetivamente eliminado”¹⁵⁸.

As plataformas e mídias tem um papel importante aqui pois seus mecanismos possibilitam que esses públicos tenham a impressão de que a realidade, a verdade, é um movimento contínuo e em tempo real de *feedback loops*, ou seja, de atualizações constantes. O ciberespaço capitalista consome o ser em constante investida contra a capacidade de absorção¹⁵⁹, fazendo que esse público seja sempre super estimulado, e esteja sempre querendo mais, quase como uma adicção. Uma compulsão por estar sempre atualizado. No Brasil o mercado tem um *boom* efetivo na venda de celulares a partir de 2013 e Letícia Cesarino ainda demarca que posteriormente empresas dos aparelhos e de aplicativos como *Facebook* e *WhatsApp* se uniram em promoções e os aplicativos passaram a já vir instalados nos aparelhos, unindo ainda operadoras que oferecem pacotes de dados para internet móvel privilegiando o uso dessas redes¹⁶⁰.

¹⁵⁶FISHER, Mark. Realismo capitalista. É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?. São Paulo, Autonomia Literária, 2020. p. 33

¹⁵⁷Ibid., p. 157

¹⁵⁸Ibid., p. 157

¹⁵⁹Ibid., p. 158

¹⁶⁰CESARINO, Letícia. O mundo do avesso - A verdade política na era digital. São Paulo, Ubu Editora, 2022. p. 147

Num momento de crise do paradigma temporal esse processo vem pressionando a camada normativa, sem necessariamente rompê-la¹⁶¹. Para Cesarino um exemplo poderia ser canais de Youtube que chegam ao *mainstream* justamente com esses públicos conspiratórios tensionando em uma zona cinzenta, onde você não sabe se aquele material é uma produção oficial ou alternativa. A autora chega a citar o caso da empresa Brasil Paralelo em uma outra produção chamada *O teatro das tesouras*, onde a classe política pós 1988 teria armado um plano pra se perpetuar no poder nos anos seguintes, como um exemplo de dinâmica antiestrutural¹⁶², consequentemente como também manipuladora desse público conspiratório.

A dinâmica experienciada por esses públicos pode gerar uma deslegitimação de estruturas que antes eram produtoras de um certo tipo de verdade, como a imprensa ou a academia. O público passa a se isolar virando unicamente para um reflexo de um líder ou de uma ideia que não seja a do inimigo. O público concorda com os significantes vazios porque na verdade concorda consigo mesmo, estão expostos ali seus gostos prévios, como já comentado aqui sob as ideias de Meneses¹⁶³, um verdadeiro mercado de afetos e negação de espaços antes validadores da verdade. O sujeito nesses públicos entra no sentido de influência em um sistema subliminar, com direcionamento que influenciam a sua própria forma de entender o real. Se acusados de manipulados eles negam, e assumem que quem aponta essa manipulação é que na verdade é manipulado¹⁶⁴, pela grande mídia, pelo governo e etc.

Três escalas podem ser pensadas para entender esse processo de influência. Primeiro a infraestrutura técnica, os algoritmos e a relação do mecanismo online. Neste é complicado que tenhamos um controle ou mesmo nos aprofundemos, porque de fato envolve muito mais um processo de programação, entendimento das redes tecnológicas e de funcionamento das máquinas, mas é imprescindível que não nos esqueçamos que ainda assim ele é feito por pessoas, por empresas. Em segundo os usuários, o fator humano. Esse espaço que nós ocupamos como usuários de redes sociais e outros mecanismos na rede que se encaixam na dinâmica dessas novas mídias. Em terceiro a ação tática de influenciadores no ambiente online¹⁶⁵, onde

¹⁶¹CESARINO, Letícia. O mundo do avesso - A verdade política na era digital. São Paulo, Ubu Editora, 2022. p. 140

¹⁶²Ibid., p. 148

¹⁶³MENESES, Sônia. Os vendedores de verdades: o dizer verdadeiro e a sedução negacionista na cena pública como problema para o jornalismo e a história (2010-2020). Revista Brasileira de História, vol. 41, nº87. p.80, 2021. <https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-05>

¹⁶⁴ CESARINO, Letícia. O mundo do avesso - A verdade política na era digital. São Paulo, Ubu Editora, 2022. p. 210

¹⁶⁵Ibid., p. 209

acreditamos que a Brasil Paralelo se encaixa. Como influenciadores conscientes do mecanismo das redes e influenciadores desses públicos conspiracionistas. Num mecanismo de entendimento do funcionamento desse ambiente eles criam produtos que mexam diretamente na forma como os consumidores absorvem a história, como a consomem na verdade, e consequentemente como observam o mundo.

Na forma em que são empregadas, as narrativas trabalhadas pela empresa constroem mecanismos de reconhecimento social. O indivíduo passa a ver o mundo através das histórias que são vinculadas naquele material audiovisual, e na infraestrutura acelerada das mídias se intensifica um colapso de contextos, como abordamos no primeiro capítulo. Fato e ficção não são necessariamente o problema aqui, mas a condição de venda sim. Cesariano destaca mais uma vez que isso pode ser a justificativa no investimento massivo da Brasil Paralelo em comprar os termos de pesquisa no *Google* e *Youtube* para aparecerem primeiro nas pesquisas de usuários na Internet¹⁶⁶. Nesse ínterim quem vende melhor, quem é mais acessado, ganha na corrida pela conquista da verdade. Não é necessária uma confiança, tal qual no século XIX, nos especialistas, porque os padrões de uma economia da atenção dominam esse propósito. Confia-se muito mais no imediatismo, na rapidez de divulgação de algo, na experiência de se vivenciar e menos na quantidade de mediações, e sempre com um viés denunciatório, revelador¹⁶⁷. Podemos encontrar também nesse ponto uma justificativa para que todos os vídeos da série *Brasil – a última cruzada* comecem com uma introdução da empresa falando diretamente com o espectador delimitando o que ele encontrará ali e convocando-o para ser parte desse processo.

Entretanto, poderíamos questionar que ao assistir uma produção da empresa, principalmente da série analisada, o público não sabe se é uma produção de história ou outra coisa, se é um material de educação ou de entretenimento, se temos fato, ficção ou os dois. Ele acredita estar acessando um conhecimento que o liberta e o atualiza, que o torna participante desse processo. Ele vai ser chamado, a cada novo episódio, para ser um assinante e fazer parte do projeto, financiando novos vídeos e novas produções, sendo convidado a levar esse conteúdo a mais pessoas. Se numa crise do sistema de peritos¹⁶⁸ a verdade, a ciência histórica, deixa de ser mediada por especialistas e passa a ser mediada por algoritmos e agentes influenciadores de públicos conspiracionistas, o que percebemos aqui pode ser na verdade uma simbiose de ambos,

¹⁶⁶CESARINO, Letícia. O mundo do avesso - A verdade política na era digital. São Paulo, Ubu Editora, 2022. p. 225

¹⁶⁷Ibid., p. 232

¹⁶⁸Ibid., p. 227

criando um sistema análogo ao fazer historiográfico afim de, mesmo que não seja realizado por especialistas naquela área, passa-se como tal.

2.3 – O trabalho sobre uma prática análoga a História

Um episódio que foge à regra do que apresentamos aqui em relação a forma como são utilizadas as fontes e em relação ao que foi sendo construído pela própria empresa entre 2017 e 2019, período em que foram lançados os episódios da série *Brasil – a última cruzada*, é o sétimo episódio, “1964: O Brasil entre armas e livros”, lançado no *Youtube* em 2 de abril de 2019¹⁶⁹, mas em outras plataformas no dia 31 de março. A trama dessa produção busca delimitar uma “nova” visão sobre o período de ditadura civil-militar¹⁷⁰ no Brasil, e conseqüentemente os fatos que levaram o exército a dar um golpe. O material parte da descoberta de documentos na Tchecoslováquia que revelariam um plano de dominação comunista envolvendo o PCB – Partido Comunista Brasileiro, políticos da época, como o então presidente João Goulart e Leonel Brizola, a KGB – Polícia Secreta da União Soviética e outros personagens secundários, como militantes contra o regime. E estes documentos teriam sido ignorados por historiadores e pesquisadores do período e historiadores ligados a uma esquerda globalista, mas não seriam ignorados pela Brasil Paralelo e seus entrevistados. Assim o filme cria uma ambientação em dois cenários, um cenário comum, que já estamos acostumados com os episódios anteriores, que inclusive muitos entrevistados já apareceram em outros vídeos, e os entrevistados internacionais, responsáveis por apresentarem essa suposta nova documentação, falando diretamente da agora República Tcheca¹⁷¹.

Este é sem dúvidas o episódio de maior sucesso da produtora em termos de números e acessos no *Youtube*. Podemos dizer que esta foi a produção que “furou a bola” e atingiu um

¹⁶⁹1964: O Brasil entre armas e livros. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg&list=PL3yv1E7IiXySpilepZSpHnrWGWbmrk9j&index=2&ab_channel=BrasilParalelo. Acesso em: 04 de fevereiro de 2021

¹⁷⁰É válido ressaltar que os debates a respeito do termo Ditadura Civil-militar ou Ditadura Militar são amplos, entretanto, o presente trabalho utiliza como referência o historiador Carlos Fico. Para saber mais sobre o conceito, bem como a respeito dos debates em torno do termo, ver: FICO, Carlos. Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. Rio de Janeiro: Record, 2004

¹⁷¹A Tchecoslováquia foi um país unificado de 1918 até 1992, passando por diversas especificidades em relação a sua política e cultura. Entre os anos da 2ª Guerra Mundial foi disputado por simpatizantes do Nazismo Alemão, mas foi dominada pelo exército soviético no pós guerra e permaneceu no bloco até 1992, se separando e dando origem a dois territórios independentes, a República Tcheca e República Eslovaca, mais conhecida como Eslováquia.

número maior de espectadores. Hoje ele figura com 11 milhões de visualizações. Se comparado a outras produções, como o primeiro episódio por exemplo, “A Cruz e a Espada”¹⁷², lançado em setembro de 2017, que tem hoje 4,2 milhões de visualizações no *Youtube*, percebemos que algo diferente ocorreu. É importante que seja comentada então a estratégia da empresa em relação a divulgação deste episódio, que se diferenciou dos demais. Não sabemos se houve alguma tentativa anterior, mas pela primeira vez a Brasil Paralelo conseguiu que uma de suas produções fosse para a tela dos cinemas. Isso ocorreu com o lançamento de “1964: o Brasil entre armas e livros” e a rede de cinema Cinemark, instalada em diversos *shoppings* pelo Brasil. A produtora conseguiu alugar salas para exibição do episódio em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Recife e Curitiba para o dia 31 de março, então data que marcava na época 55 anos do início do período ditatorial, mas a exibição não ocorreu da forma que se esperava, ou será que ocorreu?

Devido a uma série de manifestações contrárias ao filme, à Brasil Paralelo e a própria Cinemark, houve o cancelamento da exibição no cinema do Rio de Janeiro, posteriormente o cancelamento das demais salas no dia 1º de abril. A rede de cinema lançou uma nota em suas redes sociais dizendo que não se envolvia com política e propagandas partidárias, que não autorizava em suas salas divulgações de materiais desse tipo, nem eventos, e que um erro no procedimento de reserva das salas de cinema ocorreu, por isso foi permitida a exibição do episódio. A Cinemark teria tomado consciência do que se tratava o conteúdo do material audiovisual somente no dia 30 de março e não conseguiu cancelar a tempo todas as exibições, somente a do Rio de Janeiro¹⁷³.

O que pareceria um drama para qualquer empresa se tornou na verdade uma celeuma daqueles que precisavam de um motivo para vociferar contra um suposto sistema esquerdista, todo o seu envolvimento com a grande mídia e o controle das massas. Em outras palavras, foi uma forma excelente para a empresa de divulgação de seu novo produto. Um dos primeiros defensores da Brasil Paralelo foi o então deputado federal por São Paulo Eduardo Bolsonaro, que usou o *Twitter*, com mais de 2 milhões de seguidores, para afirmar que proibir a exibição do filme nos cinemas era censura e que o mesmo estaria grátis nas redes da empresa a partir do

¹⁷²A Cruz e a Espada. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_4vxDb_j7yM&list=PL3yv1E7IiXyQeAaMSn62T86Zzq336k8rF&index=1&ab_channel=BrasilParalelo. Acesso em: 04 de fevereiro de 2021

¹⁷³GENESTRETI, Guilherme. Filme pró-golpe militar foi exibido por erro, informa Cinemark. FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/04/filme-pro-golpe-militar-foi-exibido-por-erro-informa-cinemark.shtml>. Acesso em: 22 de Dezembro de 2023

dia 2 de abril¹⁷⁴. Após isso dezenas de veículos de imprensa procuram a Brasil Paralelo, fizeram entrevistas e conseqüentemente uma divulgação do material. Todo o processo de ataque ao material audiovisual foi utilizado como divulgação, principalmente ao assumirem uma postura de que eles eram vítimas de censura e perseguição.

Duas entrevistas, ocorridas na mesma semana, elevam bem esse tom de ataque que a empresa visa construir, além de divulgarem o material. Uma delas, ocorrida no dia 1º de abril de 2019, na Rádio Jovem Pan, com transmissão no canal do Pânico na Jovem Pan, tem cerca de 500 mil visualizações e pouco mais de uma hora de duração. Essa ocorre entre o lançamento da produção na rede de cinemas (31 de março) e o material no *Youtube* (02 de abril), mas pouco se comenta sobre o episódio de cancelamento de uma das sessões. Emílio Surita, o apresentador do programa, é quem conduz a maior parte da entrevista, sempre numa tentativa de dar um tom de comédia as falas e ao mesmo tempo demarcando algumas posições como por exemplo a idade dos três sócios presentes ali, da Brasil Paralelo, não ser compatível com o que eles estariam produzindo, quase como se fosse repetir algo muito conhecido pelos historiadores em relato de testemunhos, “só quem viveu poderia falar”, e conclui dizendo que o período que trata o documentário é muito complicado para fazer qualquer análise que vá em busca da verdade. A respeito disso, nos parece interessante como os entrevistados respondem. A resposta para Surita é dita por Valerim por volta dos seis minutos da entrevista:

Acho importante comentar, comentar nessa questão de sermos extremamente jovens para falar de um tema, que obviamente a gente não tava nem perto de ser nascido na época, é obviamente por isso que a gente conta com o amparo e o escopo de várias pessoas muito mais velhas que nós, pra fazer pesquisas, bibliografias e teses e etc, que de uma certa forma a gente gosta de se posicionar como amplificadores desse conteúdo, como disseminadores disso, não como intelectuais que formulam as ideias.¹⁷⁵

A afirmação coloca dois caminhos argumentativos. Primeiro eles concordam com Surita no sentido de serem jovens e por isso não conseguem falar sobre esse assunto, ocorrido nos anos sessenta, e afirmam esse viés de autoridade na idade dos entrevistados, mas também

¹⁷⁴GENESTRETI, Guilherme. Filme pró-golpe militar foi exibido por erro, informa Cinemark. FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/04/filme-pro-golpe-militar-foi-exibido-por-erro-informa-cinemark.shtml>. Acesso em: 22 de Dezembro de 2023

¹⁷⁵PANICO NA JOVEM PAN. Brasil Paralelo (1964: O Brasil entre armas e livros) - Pânico - 01/04/19. YOUTUBE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PNyPESo6HvI>. Acesso em: 22 de Dezembro de 2023

na sua pesquisa, nas suas teses. Após isso, eles afirmam que não querem uma posição de intelectuais, que eles não formulam ideias, são amplificadores de ideias formadas por esses intelectuais que eles entrevistam. Talvez por terem essa visão que os produtores do sétimo episódio tenham escolhido a fala de Percival Puggina, atribuído como escritor e jornalista, para abrir a produção após a vinheta de introdução. A imagem de um homem, com mais de 60 anos, calvo e de barba branca dizendo “é praticamente impossível que alguém que não tenha vivido a guerra fria tenha condições de avaliar as condições pelas quais foram possíveis os acontecimentos do mês de março de 1964”¹⁷⁶, deve buscar passar a confiança que eles não conseguiram dar a Emílio Surita na entrevista.

Mais adiante na entrevista, que tem outras quatro pessoas na bancada de entrevistadores, além do próprio Emílio, e é bastante bagunçada devido ao fato de que em vários momentos eles falam uns por cima dos outros, a questão da imparcialidade e da verdade aparecem. Valerim, Ferrugem e Vianna, os três sócios, batem a todo momento na tecla de que são apartidários, liberais e conservadores. Esses temas permeiam toda a entrevista, mas nesse momento temos uma declaração moral, uma demonstração de o quão importante é a verdade para esses três rapazes e a empresa que eles construíram, e a fala fica por conta de Lucas Ferrugem aos quarenta e cinco minutos da entrevista:

Cara, existe essa nobreza na intenção, um dos valores lá da empresa é Verdade. A verdade, ela não é, ninguém detém ela de forma absoluta, mas ela é uma meta inesgotável, inalcançável e permanente, e se a gente abandonar esse valor, aí nada se justifica, aí você vai olhar pro seu filho e ter que dar uma mentida pra contar o que você fez pra história né? Se você tá dizendo que é apartidário e não foi, se você tá dizendo que considerou todos os documentos que viu e não considerou, aí você começa a afundar sua própria biografia num lado de trevas aqui, pra eu botar a licença poética. Isso a gente não quer, isso eu não quero pra minha vida, confio também pros meus sócios que eles não querem pra vida deles e confio na equipe que a gente tem lá que eles não querem isso, é um valor martelado dentro da nossa cultura.¹⁷⁷

A verdade ganha um *status* aqui de inalcançável, um valor a ser perseguido até o fim, afinal de contas, pouco importa todo o resto, mas o que você vai contar para os seus filhos?

¹⁷⁶BRASIL PARALELO. “1964: o Brasil entre Armas e Livros”, Percival Puggina, 00:04:50

¹⁷⁷PANICO NA JOVEM PAN. Brasil Paralelo (1964: O Brasil entre armas e livros) - Pânico - 01/04/19. YOUTUBE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PNyPESo6HvI>. Acesso em: 22 de Dezembro de 2023

Quase uma metáfora para o velho ditado de quando deitamos a cabeça no travesseiro e conseguimos dormir. A verdade aqui tem um tom moral, precedente, emocional, afetuoso, o contrário disso são as trevas. E é esse valor moral que surge, quase ao final da entrevista quando um outro entrevistador, de nome Vinheteiro, pergunta se haviam torturas na ditadura e se sim, quais eram. E o mesmo Lucas Ferrugem afirma que, por volta de uma hora e três minutos de entrevista, eles são contra tortura, mas a relação numa guerra civil é outra, que a questão moral entre ser um “consequencialista” ou um “intencionalista” teriam visões “nubladas” sobre esse tipo de questão. O assunto continua, e cinco minutos depois o entrevistador pergunta novamente “quais seriam as torturas?”, e Lucas Ferrugem enfim responde:

Não sei, se fala muito, a esquerda gosta muito de falar do pau de arara né, eu acho, eu acho muito louco inclusive, uma ferramenta, eu vejo fotos né? E eu fico pensando assim né - existe um corte de uma das apresentadoras falando que havia choque e ele continua – não, pegando uma mais simbólica. Eu fico pensando o quão psicopata alguém tem que ser, se for o caso, pra usar um pau de arara, porque dá pra torturar de tanto jeito, que não precisa fazer toda aquela engenharia né, do pau de arara. Então a gente tem uma escassez de documento, porque é tudo testemunhal, e obviamente se os caras tavam torturando, é como o Emílio colocou, não tem como ter uma documentação, embora Stalin tenha deixado, Stalin deixou, Stalin tinha prazer de assinar as ordens de assassinato, então, mas a gente não tem documentação pra dizer olha usávamos um pau de arara que a pessoa ficava pendurada.¹⁷⁸

Enquanto vai terminando sua resposta outro entrevistador, chamado Morgado, este apontado em vários momentos da entrevista como apoiador de Bolsonaro, ainda questiona se os produtores haviam procurado pessoas que foram torturadas, se haviam esses depoimentos no filme “1964: o Brasil entre Armas e Livros” e Ferrugem afirma que eles leram muito material, o entrevistador questiona novamente, e eles falam que não, não existe esse tipo de depoimento porque essas pessoas não gostam de falar com a Brasil Paralelo, e diz que querem aproveitar a audiência da Jovem Pan para dizer que se alguém sofreu na ditadura pode enviar mensagem e depoimentos para a ouvidoria da Brasil Paralelo, que eles vão receber com o maior carinho.

¹⁷⁸PANICO NA JOVEM PAN. Brasil Paralelo (1964: O Brasil entre armas e livros) - Pânico - 01/04/19. YOUTUBE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PNyPESo6HvI>. Acesso em: 22 de Dezembro de 2023

Existe um tom de violência nessa afirmação que permeia toda a fala, seja por colocar o material de tortura sob dúvida ou a própria tortura no “se os caras tavam torturando”, como uma ferramenta, uma obra de engenharia, mas menos como um material de tortura. Essa dificuldade em afirmar as torturas através dos testemunhos nos parece uma grande contradição, uma vez que no início da entrevista, na citação vinculada aqui acima, dita por Valerim, os testemunhos de quem viveu o período valiam, a própria fala de Percival Puggina afirma que quem viveu o período conseguiria falar sobre ele, quem não viveu seria muito difícil, mas por que não vale o testemunho dos torturados? Por que nesse momento eles afirmam não terem documentações mesmo com todo o material vinculado pela Comissão Nacional da Verdade? Por que eles fazem questão de citar Stalin e afirmar que na União Soviética haviam torturas sendo que a pergunta do entrevistador é sobre o Brasil? Parece-nos que o que está ocorrendo aqui é uma mistura de visão positivista, quase que num padrão oitocentista, mas ao mesmo tempo uma construção do lugar de autoridade a partir do testemunho de quem tem uma visão de mundo compartilhada por eles, ou seja, o testemunho daqueles que verificam a narrativa que eles querem construir serve, o testemunho daqueles que vão contra, não. Essas pessoas, segundo eles, nem querem falar com a Brasil Paralelo.

A segunda entrevista que mencionamos foi realizada no dia 5 de abril de 2019, três dias após o lançamento do sétimo episódio, no programa *The Noite*, no SBT. Hoje ela continua no canal do *Youtube* do programa e conta com cerca de 690 mil visualizações. O programa comandado por Danilo Gentili usa cerca de 20 minutos para entrevistar os três sócios da Brasil Paralelo e muito do que se diz aqui soa como uma repetição da entrevista abordada anteriormente, com uma diferença. Logo de início, por volta dos 4 minutos de entrevista, o apresentador diz não conhecer a produtora e nem seus filmes, mas que deu uma olhada em jornais e a imprensa falava muito mal deles, era uma visão conflituosa, os acusavam de ser pró-ditadura e queria saber se isso era verdade. Enquanto Gentili fala isso surgem imagens na tela do espectador que vê manchetes da Folha de São Paulo e O Globo. O sorriso surge no rosto dos entrevistados, parece aquele tipo de pergunta escolhida a dedo para a resposta. Viana diz que a imprensa comete erros e Lucas Ferrugem afirma que o período histórico é muito contaminado

com carga política, que eles buscam a verdade e equilibrar os dois lados, que eles retiram a carga ideológica¹⁷⁹.

Esse tipo de afirmação conversa muito com as afirmações que já apresentamos anteriormente, mas algo novo surge. A todo momento Ferrugem segura um rolo de papel, e posteriormente ele coloca ao lado na poltrona. Pode ser um conjunto de anotações ou algum material de consulta de fontes para a entrevista, mas bem ao final da participação do grupo descobrimos que não. Aos dezenove minutos e vinte ferrugem afirma:

Eu compilei aqui um rolinho das tentativas de censura que a gente sofreu e tem nove metros aqui de censura e boicote, ministério público, conselho tutelar, parecer de escola, universidade proibindo, grupo estatal, grupo mentira, difamação, mais de cinquenta jornalistas.¹⁸⁰

A cena ocorre com ele jogando o rolo pra frente, que se abre e vai sendo esticado pelo entrevistado e entrevistador, enquanto a plateia e músicos do programa riem e aplaudem. O Gentili diz que o material serviria para limpar a bunda de um dos integrantes do programa e termina de esticar o papel. A estratégia utilizada pela empresa é justamente fazer um marketing em cima das críticas e das sanções que recebeu. Eles julgam que todas as denúncias são censura, jogam tudo em um único balaio, e o apresentador compra a ideia, combinado ou não, a cena de encerramento da empresa é engajadora, prende a atenção de quem está assistindo. Gera a curiosidade por pensar que estão querendo esconder algo de nós, parece que o sistema está se unindo contra três jovens que descobriram uma verdade que ninguém ousou tocar. Os ataques as instituições de ensino também estão presentes, fazem questão de dizer que escolas e universidades participaram do suposto boicote ao filme produzido por eles.

Essa mesma estratégia também é utilizada logo no início do “1964: o Brasil entre Armas e Livros”. O material começa com a denúncia de que a Brasil Paralelo estaria sendo censurada em universidades e escolas pelo Brasil. Na tela surgem imagens de manchetes de jornais e uma frase “vozes de alunos e professores censurados nas universidades”¹⁸¹, para

¹⁷⁹THE NOITE COM DANILO GENTILI. Entrevista com produtores de "1964: o Brasil entre armas e livros" | The Noite (05/04/19). YOUTUBE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-cbyRJnZExk>. Acesso em: 22 de Dezembro de 2023

¹⁸⁰THE NOITE COM DANILO GENTILI. Entrevista com produtores de "1964: o Brasil entre armas e livros" | The Noite (05/04/19). YOUTUBE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-cbyRJnZExk>.. Acesso em: 22 de Dezembro de 2023

¹⁸¹BRASIL PARALELO. “1964: o Brasil entre Armas e Livros”, Introdução, 00:00:01

explicar de quem seriam as vozes que escutamos ao dar play no material. Se diferenciando dos outros episódios que começam sempre com a fala de Valerim vendendo o produto e pedindo mais assinantes.

Figura 7 – Frame de episódio



BRASIL PARALELO. “1964: o Brasil entre Armas e Livros”, Introdução, 00:00:01

Após cerca de um minuto das “denúncias” de censura surge a imagem de Felipe Valerim, em preto e branco, olhando diretamente para a câmera e dizendo “Esse é o porquê da Brasil Paralelo existir”¹⁸². Afirma ainda que a produção que vem a seguir é fruto de grande pesquisa em documentação do Brasil, Estados Unidos, Polônia, Berlim e República Tcheca, além disso, fazem questão de afirmar que não são financiados e não recebem dinheiro público, toda a produção só é possível graças a “você”, o espectador, que é convidado a se tornar um membro acessando o site da empresa. “A busca pela verdade depende do seu engajamento”¹⁸³, afirma o empresário.

¹⁸²BRASIL PARALELO. “1964: o Brasil entre Armas e Livros”, Introdução, 00:01:04

¹⁸³BRASIL PARALELO. “1964: o Brasil entre Armas e Livros”, Introdução, 00:01:45

Nos parece um exemplo explícito de utilização do marketing para a produção de verdade, apenas uma guerra contra um inimigo que não enxergávamos até a empresa nos mostrar. O conspiracionismo toma conta do início da narrativa, contaminando todo o restante que vem a seguir, uma espécie de “iluminismo com uma vingança”¹⁸⁴, uma vez que a elite a ser desmascarada seriam os órgãos que fizeram pedidos de esclarecimentos da empresa, as escolas, as universidades, mas ela se coloca como racional, ela se coloca como a censurada. Inclusive é interessante ainda pensar que a grande imprensa também entra nesses denunciados, mas essa mesma imprensa serve para divulgar o material da Brasil Paralelo, afinal, as duas entrevistas que usamos aqui são de grandes veículos de mídia. O programa Pânico pertence a rádio Jovem Pan e o The Noite com Danilo Gentili pertence ao SBT. Em respeito disso Cesarino afirma:

Já o conspiracionismo implica uma dupla torção do reconhecimento bifurcado, contra algum tipo de *stablishment*: as elites científicas e acadêmicas, a grande mídia etc. Esta última talvez seja o metainimigo unificador de todos esses públicos, pois é essa relação de antagonismo que propicia a emergência da própria rede na qual esses atores se situam: para que eles existam enquanto tais, é preciso que a verdade possa ser encontrada apenas nas mídias alternativas. Daí também a relação virulenta de influenciadores contra quaisquer tentativas de regulação da desinformação, que são prontamente denunciadas como censura autoritária.¹⁸⁵

A estrutura audiovisual que segue adiante é muito próxima do que encontramos nos outros seis vídeos dessa série *Brasil – a última cruzada*, as falas do narrador *off* introduzem o assunto e os entrevistados fazem o papel de fonte como especialistas no tema. Podemos dividir a produção em três grandes partes. A primeira parte seria o contexto de guerra fria em que o mundo se encontrava, inicialmente no contexto a Europa, passando depois pelas revoluções na Coreia do Norte e da China. Cuba também é mencionada, principalmente quando iniciam os acontecimentos do Brasil. Para esse lugar a empresa reserva cerca de uma hora de seu tempo de tela, ou seja, metade do filme. A segunda parte seria o contexto do golpe militar e do seu desfecho, esse sendo o tema principal da produção, e a produtora de vídeos utiliza cerca de trinta e cinco minutos para narrar o período de mais de 20 anos. Inclusive a empresa de fato confirma no episódio que houve um golpe, bom, nos termos deles, obviamente. Lucas Berlanza, atribuído como jornalista e escritor, afirma que “do ponto de vista técnico houve um golpe

¹⁸⁴CESARINO, Letícia. O mundo do avesso - A verdade política na era digital. São Paulo, Ubu Editora, 2022. p. 267

¹⁸⁵Ibid., p. 267

parlamentar”¹⁸⁶. A terceira parte, e conclusão do sétimo e último episódio da série é a tese do *marxismo cultural*, onde a empresa defende que após maio de 1968 a esquerda percebe que não ganharia a luta com as guerrilhas, mas sim com a cultura, e passa a dominar a arte, as universidades e principalmente a imprensa. Para esse trecho a Brasil Paralelo dedica todo o restante da produção, cerca de trinta minutos finais.

É interessante de se pensar que o fio condutor da narrativa escolhida pela empresa seja muito mais da relação de guerra fria do que contextos locais e brasileiros, além do foco muitas vezes ser muito mais a discussão de supostos crimes cometidos por regimes socialistas/comunistas do que dos militares que ocupam o poder entre 1964 a 1985. Pelo tempo dedicado aos assuntos fica uma impressão de que o sétimo episódio não é sobre a ditadura civil-militar, mas sim sobre um embate entre capitalismo e comunismo aos moldes da Brasil Paralelo. Isso faz sentido se nossa percepção estiver certa a respeito da mobilização dos públicos conspiracionistas. O que encontramos geralmente nos episódios é um apelo forte a emoção, seja ela de ufanismo, principalmente ao período imperial, seja medo, principalmente ligado ao comunismo. A regra encontrada é uma mediação através da autoridade do entrevistado e isso aparece nas outras produções, por que neste episódio seria diferente? Talvez pela proximidade dos eventos abordados, a narrativa construída somente nessa autoridade do entrevistado não bastaria, diante de uma memória, que mal a mal, é bem sedimentada na historiografia e na grande mídia. Seriam necessários outros recursos de autoridade, neste caso, análogos a prática historiográfica de documentos, fontes, investigação e arquivos. Pode-se dizer que nos outros episódios eles narram, aqui eles travam um combate, querem opor diretamente a história que foi construída pós 1988.

Um dos grandes exemplos disso é a oposição que travam em relação ao suporte que o governo norte americano deu às ditaduras na América do Sul, incluindo a do Brasil. Por volta de uma hora e sete minutos de filme o tema é iniciado e estende-se cerca de cinco minutos. O principal entrevistado é Olavo de Carvalho que zomba da relação da embaixada dos Estados Unidos no Brasil e das produções acadêmicas posteriores. Para o astrólogo a relação foi totalmente inventada e nunca lhe apresentaram uma prova de que o porta aviões que veio à costa do Brasil ou as comunicações do embaixador Lincon Gordon com a presidência norte americana tinha relação com o golpe. Divide tela com ele um dos entrevistados internacionais,

¹⁸⁶BRASIL PARALELO. “1964: o Brasil entre Armas e Livros”, Lucas Berlanza, 01:04:56

Vladimir Petrilák, atribuído com o autor do livro “1964: o Elo Perdido”, que afirma ter sido ideia de um agente Tcheco a conspiração contra os Estados Unidos.

Se espalhou por aí a versão de que o golpe foi obra da CIA, né isso? Quem lançou essa teoria foi o jornalista chamado Edmar Morel no livro “O golpe começou em Whashington”, e daí veio uma série infundável de livros, teses universitárias, filmes, programas de tv, assim, um massacre publicitário como nunca houve no Brasil. [...] mil vezes eu desafiei essa gente a dizer assim “se a CIA tramou todo esse negócio, então você por favor me indiquem o nome de pelo menos um agente da CIA lotado no Brasil na época”, nunca apontaram nem um único, tá? Então quer dizer, toda história da CIA é ficção, do começo ao fim, e isto é vendido assim, por professores universitários, por professores de história, pessoas que aparentemente se dizem respeitáveis. Eles usam provas no sentido oposto, cê tá entendendo?” Então “tá aqui a prova que eles interferiram”, tá lá telefonema do Lincon Gordon pro Jonhson, “presidente os militares botaram o tanque na rua, o que nós vamos fazer?” e o presidente diz: ‘faça alguma coisa’, isso já no dia 31.¹⁸⁷

Para além da forma arrogante e debochada como Olavo se comunica, como se fosse a ele que se devesse provar algo. Nas pesquisas de Carlos Fico, como bem apontam José Silva e Roger Colacios, mais de 4 mil cidadãos norte-americanos, com visto especial, estavam em solo brasileiro. Foi mobilizado uma esquadra marítima composta de dois porta aviões, 50 aviões e dois navios petroleiros para os golpistas brasileiros para chegarem no dia 11 de abril, mas com o golpe tendo sido resolvido no início do mês, regressaram¹⁸⁸. Este trecho do sétimo episódio, com a fala de Olavo, parece ter um alvo certo, o documentário lançado em 2013 “O Dia que durou 21 anos”¹⁸⁹, produzido pelo jornalista Flávio Tavares, que foi preso e torturado durante o período da Ditadura Civil-Militar, onde a relação da CIA e o governo norte americano, com o regime ditatorial ocorrido no Brasil, é exposta em documentos escritos por fax, diretamente da embaixada para os Estados Unidos, e também gravações telefônicas, que ficaram em sigilo por mais de 40 anos. A produção, além de possuir respaldo acadêmico, possui entrevistas com historiadores brasileiros, como o já citado Carlos Fico, e norte americanos, como James Naylor

¹⁸⁷BRASIL PARALELO. “1964: o Brasil entre Armas e Livros”, Olavo de Carvalho, 01:07:46

¹⁸⁸SILVA, J.A, y R.D. COLACIOS. «1964 - O Brasil entre armas e livros: negacionismos e revisionismo da história». Revista de Historia Social y de las Mentalidades, vol. 27, no. 1, 2023, pp. 122-159, doi: <https://doi.org/10.35588/rhsm.v27i1.5349>. p, 146

¹⁸⁹YOUTUBE FILMES. O Dia que durou 21 anos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QJCugIKcWNs&ab_channel=YouTubeMovies. Acesso em: 21 de fevereiro de 2021

Green. Diversas vezes cenas utilizadas nessa produção passam pela tela de quem assiste o episódio produzido pela Brasil Paralelo.

Essa produção é sem dúvidas a que mais utiliza vídeos e matérias de jornais da época em que os acontecimentos supostamente se passaram, por mais que diversas vezes isso ocorra sem nenhum contexto. Por exemplo no caso de uma matéria de televisão, elogiosa ao período da ditadura. Por volta dos cinquenta e oito minutos de filme, quando os entrevistados estão se encaminhando para os acontecimentos do dia 31 de março e 1º de abril, um deles afirma que todo o Brasil estava do lado dos militares, incluindo a imprensa. É neste momento que começa a reprodução da matéria, sob a locução da marcante voz de Cid Moreira e uma legenda: reportagem apresentada por Cid Moreira sobre os acontecimentos de março de 1964¹⁹⁰. Ocorre que esse material, que dura cerca de 2 minutos, foi lançado em 1975, quase dez anos após o golpe civil-militar e não é necessariamente da Rede Globo. O vídeo chamado “Brasil ontem, hoje e amanhã”, que tem duração de cerca de quarenta e nove minutos, é uma produção da Agencia Nacional, órgão que era subordinado ao Ministério da Justiça e é visivelmente uma obra propagandística e hoje pode ser consultado no acervo do Arquivo Nacional¹⁹¹ e também em uma postagem no *Youtube*.

Em um artigo lançado em 2019 Adrián Fanjul aponta algo que também nos chamou atenção, mas a Brasil Paralelo omitiu de seus espectadores. Ao final dos mais de quarenta minutos do vídeo, que é todo em preto e branco, ocorre um corte na filmagem, aparecem créditos coloridos e a informação que a produção é sim um filme da Agência Nacional, mas sob narração de Nílton Valério e Rubens de Falco. As imagens que aparecem de fundo têm pouquíssima relação com o que se passou antes, parecem na verdade pertencer a um material de arte sacra. Ao que indica a pesquisa realizada por Fanjul e Pizzutiello, o material foi adulterado em algum momento e a versão que se encontra no Arquivo Nacional já é a versão modificada¹⁹². Os créditos verdadeiros, de voz, locução, produção, execução etc não se encontram no material.

¹⁹⁰BRASIL PARALELO. “1964: o Brasil entre Armas e Livros”, 00:58:25

¹⁹¹FANJUL, Adrián Pablo. “Num dia comum de hoje”. *Tranfigurações entre discursos de reivindicação da ditadura em 1975 e em 2019*. Fragmentum, Santa Maria, v. 54, p. 71-94, jul./dez. 2019. p. 75

¹⁹²PIZZUTIELLO, Andrea Nora. *Documentários-propaganda das ditaduras militares do Brasil (1964-1985) e da Argentina (1976-1983): uma comparação enunciativo discursiva*. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-26062017-114942/>. Acesso em: 02 jan. 2024

Outra questão importante apontada por Andrea Pizzutiello é que o filme foi vinculado à Rede Globo em um programa chamado “Amaral Netto, o Repórter”, que tinha laços de amizade com Roberto Marinho, presidente e fundador das Organizações Globo e que este alugava para Amaral Netto horários de transmissão na Globo. Os programas eram aceitos na emissora sem interferência no conteúdo e opiniões que o jornalista emitia¹⁹³. O repórter que se autodenominou “repórter-historiador”, foi na verdade um grande porta-voz da ditadura civil-militar¹⁹⁴. Entretanto, não se pode desligar a relação do grupo Globo, uma vez que, para todos os pesquisadores citados, a voz é de fato de Cid Moreira, jornalista que já era nacionalmente conhecido por ser âncora do Jornal Nacional.

O documento em vídeo é sem dúvidas um material que destaca o quão complexo e nebuloso é o período de mais de 20 anos de ditadura civil-militar, sua relação com a mídia e os aparatos de censura, mas para que tenha tal potência é necessário que haja uma relação de pesquisa, não somente de confirmação de interesses. A questão aqui é como a Brasil Paralelo optou por utilizar essa fonte, quais as perguntas realizaram. Este ocultamento dos créditos do filme, a própria relação da rede Globo e de um de seus jornalistas mais famosos com a ditadura, a totalidade do vídeo, sua ação propagandística, mesmo o nome da produção “Brasil ontem, hoje e amanhã”, é ocultado dos espectadores por conta do corte selecionado. A Brasil Paralelo oculta também a marca d’água do Arquivo Nacional, que está presente no canto inferior direito em todas as versões encontradas digitalmente. Parece-nos que a intenção era pura e simplesmente verificar algo que os entrevistados falaram poucos segundos antes, com uma matéria de jornal, e daí pouco importa todo o contexto, aqueles dois minutos recortados já bastam para tal verificação. É possível, em vista da própria qualidade da imagem, que o vídeo tenha sido baixado diretamente do *Youtube*¹⁹⁵, e nem mesmo sua consulta tenha ocorrido na totalidade. A peça ganha, 44 anos depois, novamente seu lugar de propaganda pró-ditadura.

Por fim, nos parece interessante destacar o suposto grande trunfo que a Brasil Paralelo diz possuir, os documentos encontrados na República Tcheca. A empresa reserva 12 minutos da produção para as entrevistas sobre esse material que seria datado entre os anos de 1952 até o início dos anos 1980. Nesse aspecto tudo é tratado como uma grande revelação e que essa

¹⁹³PIZZUTIELLO, Andrea Nora. Documentários-propaganda das ditaduras militares do Brasil (1964-1985) e da Argentina (1976-1983): uma comparação enunciativo discursiva. 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. p. 26

¹⁹⁴Ibid., p. 26

¹⁹⁵Materiais em vídeo, da mesma época que o vídeo “Brasil ontem, hoje e amanhã” encontram-se com qualidade superior de imagem no Arquivo Nacional, enquanto a versão postada no *Youtube* tem qualidade abaixo de HD.

massa de documentos dará o tom do restante do episódio. Nesse espaço são entrevistadas 8 pessoas, sendo 7 homens e a única mulher entrevistada para todo o filme. Destes entrevistados 4 são brasileiros e os outros são tchecos. Na ordem cronológica são eles e suas atribuições: Laudelino Lima (administrador do site “a verdade sufocada”), Mauro Abranches Kraenski (pesquisador e autor do livro “1964: o elo perdido”), Olavo de Carvalho (filósofo e escritor), Vladimir Petrilak (pesquisador e autor do livro “1964: o elo perdido”), Renos Filho (pesquisador stb no Brasil), Svetlana Ptácníková (diretora do arquivo de serviços de segurança de Praga), Petr Blazek (historiador Ph. D.) e Andrzej Wojas (jornalista e escritor).

Mauro Abranches é brasileiro e segundo consta na fala de Laudelino Lima estaria pesquisando o material da política secreta da Tchecoslováquia. Ele teria entrado em contato com diversos pesquisadores e imprensa, mas sem resposta, estaria desistindo caso o administrador do site “Verdades sufocadas” não o respondesse. Toda essa documentação foi compilada no livro “1964: o elo perdido”, lançado em 2017 pela Vide Editorial, mesma editora em que Olavo de Carvalho publica seus livros, inclusive o livro conta com um prefácio do próprio Olavo¹⁹⁶. Segundo o autor do livro, quem pesquisa sobre o comunismo acaba encontrando algo sobre 1964 no Brasil, mas como forma de repressão dos militares, nunca sobre o “outro lado”, e como em uma guerra sempre existem dois lados, isso o incomodava. Ele afirma que “para ser justo é preciso afirmar que somente encontrou uma pessoa que falava sobre a importância do estudo desse assunto, que era o professor Olavo de Carvalho”¹⁹⁷. E a troca de elogios também vem da parte do astrólogo Olavo, que surge após essa fala dizendo que o trabalho de Mauro é excelente, apesar de discreto. De fato, como abordamos anteriormente, Olavo de Carvalho discorda de uma abordagem mais discreta, entretanto, isso é utilizado também de forma a atacar a esquerda, uma vez que ele diz que a gritaria de um lado, contrasta com a quantidade de documentos que Mauro teria.

Dos entrevistados já citados anteriormente, o historiador, Petr Blazek fica responsável por explicar o governo que existia sob o bloco soviético antes dos conflitos de independência da Tchecoslováquia. Blazek afirma que ocorreram uma grande quantidade de crimes pelo governo, expropriações de propriedades e experimentos sociais. O único comentário que ele faz a respeito da documentação é que a quantidade de material deixada pela STB é grande. Toda

¹⁹⁶Disponível em: <https://videeditorial.com.br/1964-o-elo-perdido?search=elo%20perdido>. Acesso em: 02 de janeiro de 2024

¹⁹⁷BRASIL PARALELO. “1964: o Brasil entre Armas e Livros”, Mauro Abranches, 00:26:15

a afirmação então dos documentos fica a cargo de Mauro Abranches e Vladimir Petrilak, autores do livro. Petrilak comenta em dado momento que todos os funcionários que vinham para o território brasileiro eram espões e que para que o serviço de espionagem no Brasil funcionasse eles deveriam estar junto ao embaixador, que sabia do processo de espionagem. Já Abranches afirma:

Segundo esses documentos, sim, a STB atuou no Brasil. Realizou por exemplo operações de influência, política de influência, reuniu informações, recrutou cidadãos brasileiros para a colaboração. Encontramos várias pastas de objetos de interesse relacionadas com o Brasil. Aqui eu posso citar governo e parlamento, ministério de relações exteriores, instituições científicas, Petrobrás, clube militar, Forças Armadas, Partidos Políticos, Ligas Camponesas e muitos outros.¹⁹⁸

Desta forma nos parece que os documentos revelam algo de fato preocupante a nível de espionagem internacional e interferência na soberania nacional, mesmo que sob um regime de exceção como era a ditadura na qual o Brasil estava inserido. Junto a isso é preciso que se lembre que a estrutura do sétimo episódio é toda construída sob a dicotomia do período de guerra fria e uma disputa incansável entre União Soviética e Estados Unidos, numa relação de vilão e mocinho, respectivamente, para controle dos territórios e a Ditadura Militar teria impedido que houvesse qualquer nível de influência ou relação com a União Soviética ou o bloco comunista no Brasil. Ocorre que este fato também é uma inverdade.

Trabalhos como o Paulo Vizontini¹⁹⁹, Eduardo Svartman²⁰⁰ e Gianfranco Caterina²⁰¹ mostram que as relações diplomáticas entre Brasil e União Soviética, bem como com outras potências do Bloco Comunista não correspondiam na prática o que as ideologias demonstravam. Em correspondências e documentos analisados no Brasil, Rússia, Estados Unidos e Suíça, por Caterina, existem comunicações a respeito da segurança das embaixadas no Brasil²⁰², bem como um medo, principalmente por conta do anticomunismo crescente no

¹⁹⁸BRASIL PARALELO. “1964: o Brasil entre Armas e Livros”, Mauro Abranches, 00:30:23

¹⁹⁹VIZENTINI, Paulo F. A Política Externa do Regime Militar Brasileiro. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

²⁰⁰SVARTMAN, Eduardo M. A política externa do governo Figueiredo: continuidade em meio às crises In: SILVA, André L.; SVARTMAN, Eduardo (Coords.). Política externa brasileira durante o regime militar (1964-1985). Curitiba: Juruá, 2014.

²⁰¹CATERINA, Gianfranco Um grande oceano : Brasil e União Soviética atravessando a Guerra Fria (1947-1985). Tese de doutorado. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Rio de Janeiro, 2019.

²⁰² Ibid., 268

território nacional, de que cidadãos do bloco soviético fossem presos ou sofressem alguma violência. Castello Branco é um dos militares que entra em contato diretamente com Nikita Khrushchev para afirmar que a política interna não seria motivo para encerrar a relação entre os países²⁰³, inclusive o investimento em inteligência e comércio foi relatado. Entre os anos de 1975 e 1976 as exportações brasileiras para a União Soviética bateram recorde, e materiais utilizados na usina de Sobradinho na Bahia também vieram do bloco comunista²⁰⁴. A relação pregressa entre o Brasil, mesmo durante o período de ditadura civil-militar, com a União Soviética e os países do Bloco Comunista podem ser observadas de forma comercial e estrategicamente política.

A quantidade de funcionários na embaixada ou mesmo imigrantes da Tchecoslováquia no território brasileiro meses antes do golpe civil-militar ou mesmo depois de 1964 parece um grande problema para os entrevistados, mas o mesmo não é pensado de outros funcionários e imigrantes, como os mais de 4 mil estadunidenses citados anteriormente. Nenhum documento dos que passam pela tela ou mesmo os que são manuseados nas cenas ambientadas nos arquivos da STB em Praga é apresentado aos espectadores de “1964: o Brasil entre Armas e Livros”. As cenas são todas ambientadas em salas escuras e a câmera nem mesmo foca em pontos possíveis da leitura de quem assiste. Sendo assim, mais uma vez, a fonte principal permanece sendo os entrevistados, que estão ali como cabeças falantes²⁰⁵, e corroboram com a narrativa que a voz *off* do narrador constrói.

Por mais que exista uma simulação de um trabalho de pesquisa, de um trabalho historiográfico de ir aos arquivos, de manipular documentos, tudo não passa de um trabalho análogo ao trabalho do historiador. O recorte temporal e o viés dualista de vilões e mocinhos, da diminuição de grupos políticos brasileiros que lutaram contra a ditadura a meros enganados e iludidos por dinheiro estrangeiro, como um dos entrevistados chega a afirmar, poderia parecer um erro factual, mas acreditamos que é intencional, para parecer ser um trabalho aos moldes de um documentário histórico e educacional, mas termina por ser conspiracionistas e propagandístico de uma visão ufanista do período ditatorial brasileiro. Cabe entendermos agora

²⁰³CATERINA, Gianfranco Um grande oceano : Brasil e União Soviética atravessando a Guerra Fria (1947-1985). Tese de doutorado. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Rio de Janeiro, 2019. p. 271

²⁰⁴Ibid., p. 395

²⁰⁵SILVA, J.A, y R.D. COLACIOS. «1964 - O Brasil entre armas e livros: negacionismos e revisionismo da história». Revista de Historia Social y de las Mentalidades, vol. 27, no. 1, 2023, pp. 122-159, doi: <https://doi.org/10.35588/rhsm.v27i1.5349>. p, 143.

quais são os artifícios da *Escrita*, bem como das práticas que possam ajudar na *mise-en-scène* da obra *Brasil – A última Cruzada*.

Capítulo 3: Uma escrita: O lugar de produção do texto se transforma em lugar produzido pelo texto

“De fato, a escrita histórica – ou historiadora – permanece controlada por práticas das quais resulta; bem mais do que isso, ela própria é uma prática social”²⁰⁶, é o que Michael de Certeau afirma quando pensa sobre a escrita. Ela confere ao leitor um lugar e um espaço de referências simbólicas²⁰⁷, impõe uma didática, cria relatos do passado, revela e esconde, “faz” e “conta”²⁰⁸. A representação, para o autor, só é histórica se for articulada com o *lugar social* e com uma *prática*²⁰⁹, deixando dessa forma os aspectos da construção da escrita mais precisos, a função social do texto e da prática podem aparecer com mais clareza, para tanto, faremos um movimento de *idas e vindas* em nosso próprio texto, trazendo o leitor aspectos dos dois capítulos anteriores, numa espécie de metalinguagem de minha própria prática da escrita, afim de desconstruir a relação de *escrita* da Brasil Paralelo no material audiovisual ***Brasil – A última Cruzada***. Além disso, abordaremos aspectos da utilização de imagens, posição de câmera, músicas e efeitos sonoros na série.

Ao passar da prática para a produção da obra, percebemos que existe uma inversão, uma imagem invertida, onde toda a montagem dos episódios é fruto de uma hipótese, que fecha lacunas abertas na aparente pesquisa, e simula um sentido que vai se encaixando episódio a episódio. O discurso se sobrepõe à pesquisa, desde sua hipótese, e a sua produção é controlada pelas práticas da própria Empresa. Em uma via de mão dupla, ela cria também uma prática para com os seus espectadores, levando-os para a suas conclusões ao longo de cada episódio. Impõe-se assim uma espécie de didática moralizante que nos faz refletir “o que a Brasil Paralelo fabrica quando se torna escritora”?

A hipótese surge como início, mas é na realidade um ponto de chegada. O fio narrativo é moldado pelas intencionalidades políticas, sociais e educacionais da empresa no presente. Dessa forma, o discurso faz pelo menos duas imposições para a escrita. A primeira seria uma exposição cronológica, tomando os acontecimentos mais antigos como um ponto de partida,

²⁰⁶CERTEAU, Michael de. *A escrita da História*; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2015, p. 91

²⁰⁷Ibid., p. 91

²⁰⁸Ibid., p. 92

²⁰⁹Ibid., p. 89

entretanto, a própria pesquisa dá passos iniciais na atualidade do seu *lugar social*. Ao olhar para o passado, a Brasil Paralelo carrega suas intencionalidades nesse olhar e escolhe como começar essa narrativa a partir da hipótese do catolicismo, da colonização como algo positivo, da superioridade cultural dos perante aos indígenas.

Já a segunda imposição resulta da sua produção. Michael de Certeau afirma que, ao escrever, o historiador precisa delimitar um fim, a estrutura de chegada já é organizada na própria introdução de seu texto, mas o estudo é eterno. A pesquisa é “aguçada” pela falta, enquanto a escrita gera “presença” naquilo que a prática teve como limite²¹⁰. Essa imposição não ocorre na produção de *Brasil – a última cruzada* de forma direta, porque, como já afirmamos, criou-se ali uma ideia de que o público financiava aquelas produções e o próximo episódio só seria lançado se houvesse o número específico de membros na versão paga do site, uma espécie de “pague pela versão completa”.

Ocorre que, para além do fato privilegiado de estarmos no futuro de quase oito anos do lançamento do primeiro episódio, sabemos que uma produção com uma dezena de entrevistados, sete episódios, e todo um trabalho de edição de imagem e som, não se faz episódio a episódio, como se cada novo lançamento fosse um novo e independente texto. É preciso que se encare a série como uma obra única, com início, meio e fim. E o fim apresentado pela empresa é um misto de teorias conspiratórias com pitadas de extremismo da nova direita, que estavam presentes desde o primeiro episódio da série, ao escolher narrar a história do Brasil a partir de cavaleiros templários e portugueses abnegados.

Para Certeau, a escrita junta-se ao lugar, estando ambos no presente, e invertem uma lógica de que o texto histórico é um texto sobre passado. A exposição do texto em formato cronológico, indo do passado para o presente, é que faz com que tenhamos essa ideia, mas ela é de fato invertida. Peguemos o nosso próprio trabalho. Faz sentido que comecemos pelo lugar social da empresa, porque sem ela não existiria o material analisado que gerou essa crítica. A minha hipótese, bem como o meu local de escrita, também estavam no presente, mas é preciso localizar temporalmente a produção e a pesquisa para que haja historiografia, “o lugar de produção do texto se transforma em lugar produzido pelo texto”²¹¹, e soma-se a isso a

²¹⁰CERTEAU, Michael de. *A escrita da História*; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2015, p. 90-91

²¹¹Ibid., p. 96

credibilidade e a possibilidade de verificação desse texto. O que se perde em rigor deve ser compensado em um acréscimo de credibilidade²¹². Nas palavras de Certeau:

A essa exigência pode-se acrescentar uma outra forma de desdobramento. Coloca-se como historiográfico o discurso que “compreende” seu outro – a crônica, o arquivo, o documento – [...] Pelas “citações” [...] ele se estabelece como saber do outro. Ele se constrói segundo uma problemática de processo, ou de citação, ao mesmo tempo capaz de “fazer surgir” uma linguagem referencial que aparece como realidade, e julgá-la a título de um saber. A convocação do material, aliás, obedece a jurisdição que, na encenação historiográfica, se pronuncia sobre ele. [...] Assim, a linguagem citada tem por função comprovar o discurso: como referencial, introduz nele um efeito real; e por seu esgotamento remete, discretamente, a um lugar de autoridade. [...] Ela (estrutura do discurso) produz credibilidade²¹³.

Quem dá a credibilidade a narrativa de *Brasil – a última cruzada*? Os papéis de citação na obra, como já demonstramos ao leitor, são dos próprios entrevistados e o fio narrativo é realizado pelo narrador em voz *off*. É possível que verifiquemos esses marcadores para além do que eles afirmam em tela? O lugar produzido pelo material audiovisual da Brasil Paralelo é muito do que falamos no capítulo anterior, um espaço onde as mídias funcionam como manutenção de um ecossistema de públicos num viés antiestrutural e conspiratório, além do valor mercadológico empregado, como exposto no primeiro capítulo. Em uma via de mão dupla, o discurso coloca o entrevistado em fonte de credibilidade e a sua fala, dissimulando o lugar de onde fala, gera uma sensação de “realidade” para o leitor/espectador. A performance desse discurso é que leva autoridade para a Brasil Paralelo.

3.1 - A lei mascarada: a escrita e sua relação político e cultural

Quando Certeau inicia o capítulo relacionado à Operação historiográfica, uma de suas primeiras questões ao falar sobre o *Lugar Social* é afirmar que toda pesquisa historiográfica se articula com um local de produção socioeconômico, e é em função desse espaço que se instauram seus métodos e interesses²¹⁴. Vejamos o caso do historiador. Se pensarmos em um *ethos* historiográfico, o *Lugar* de produção do historiador é onde se produz a sua pesquisa, que no Brasil é majoritariamente realizada através de financiamento e espaços de fomento dentro

²¹²CERTEAU, Michael de. *A escrita da História*; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2015, p. 100

²¹³ *Ibid.*, p. 100-101

²¹⁴ *Ibid.*, p. 47

das universidades públicas, federais e estaduais. As universidades públicas realizam mais de 95% do que se chama de ciência no país, nas mais diversas áreas de conhecimento²¹⁵.

Esse procedimento é importante para a produção da ciência historiográfica pois possibilita que fatores delimitados pelo fazer científico sejam amplamente institucionalizados. Ainda segundo Certeau, a instituição não dá apenas uma estabilidade social, uma doutrina, ela a torna possível e determina²¹⁶. A própria ideia, já expressa neste trabalho, sobre o “nós” do autor, é uma relação com a instituição, seriam os verdadeiros leitores, os pares, também acadêmicos, que avaliariam a obra, desde que ela fosse construída para ser uma obra historiográfica, uma *Escrita* produzida para essa finalidade. Uma obra particular passa a ser definida pela relação que mantém com outros trabalhos de seu período, com problemas articulados com seu grupo. Cada resultado individual é inscrito numa rede de elementos que dependem uns dos outros para fazer um sentido histórico²¹⁷. Uma obra, então, que represente os métodos e com isso estabelece algum progresso em relação aos estudos atuais, seria uma “obra de valor”, podendo inclusive possibilitar novas pesquisas. A inquirição histórica é assim um resultado de grupo, que funciona como se fosse um laboratório.

Isso não quer dizer, entretanto, que o discurso histórico seja livre de ideologias²¹⁸. Não se pode tratar da própria história sem questionar o próprio discurso historiográfico. É então impossível, como delimitado na apresentação deste trabalho, analisar um discurso de forma independente do local, instituição ou *Lugar* a qual ele se organiza, de sua *Prática*, como quando escolhe amplificar certos assuntos e sufocar outros, e a forma de divulgar isso, de vender, de narrar, a sua *Escrita*.

Se voltarmos à relação dos sócios fundadores da Brasil Paralelo, podemos ter alguns pontos interessantes para relacionar com a engrenagem de produção do grupo. Por exemplo, Henrique Viana, fundador e diretor da empresa, é formado em engenharia elétrica e conselheiro da *Junior Achievement*, uma organização educacional privada, criada no início do século XX, voltada para a prática e fomento do empreendedorismo e uma visão mais clara do mundo dos

²¹⁵UNIFESP. Universidades públicas realizam mais de 95% da ciência no Brasil. 11 de Abril de 2022. Disponível em: <https://www.unifesp.br/campus/gua/noticias-antiores/item/3799-universidades-publicas-realizam-mais-de-95-da-ciencia-no-brasil>. Acesso em: 18 de Março de 2023.

²¹⁶CERTEAU, Michael de. *A escrita da História*; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2015, p. 53

²¹⁷Ibid., p. 57

²¹⁸Ibid., p. 55

negócios para os jovens²¹⁹. A organização atua em cerca de 120 países, incluindo o Brasil. Segundo a historiadora Mayara Balestro, os dois nomes mais conhecidos da empresa teriam tido uma espécie de treinamento, um período de experiência em relação a suas atividades. A *Junior Achievement* foi espaço de atuação para Henrique Viana, que aplicou esse aprendizado na Brasil Paralelo, que agora atua também como aparelho desse projeto de fomentação e divulgação de material político e ideológico ultraliberal²²⁰.

Já o segundo sócio, Felipe Valerim, creditado anteriormente em algumas aspas deste trabalho, é o rosto que surge ao abrirmos um vídeo da Brasil Paralelo no documentário *Brasil – a última cruzada*, e na grande maioria das vezes é o representante da empresa em entrevistas, *podcasts* e demais atividades na mídia. É formado pela escola Superior Marketing e Propaganda, tendo também atuado no instituto de *coaching* IBN, em Porto Alegre, seu espaço de acúmulo de “bagagem” para atuação na Brasil Paralelo²²¹.

Ainda que estes sejam os nomes mais conhecidos, Lucas Ferrugem, o terceiro sócio aqui mencionado, é creditado por Viana como aquele que é responsável pelo marketing e a linha editorial da empresa. Em um *podcast* chamado “Lidercast”, Henrique delimita que Ferrugem se descobriu criando roteiros e as dinâmicas de *story telling* para a empresa, que hoje essa seria sua vida²²².

Nessa mesma entrevista, Viana afirma que foi importante para a empresa lançar personagens intelectuais que não estavam tão em voga²²³, ou não eram tão reconhecidos nas suas áreas, ou seja, não tinham aquele reconhecimento dos pares, e que hoje eram bem-sucedidos. Os mentores intelectuais então do grupo circulavam fora dos locais tradicionais de verificação de pares, atuavam em blogs, sites, nas redes sociais, de forma geral na Internet, mas sem a mesma amplitude que a Brasil Paralelo propiciou para eles através do marketing e da propaganda. Um dos nomes citados nesse momento é o de Rafael Nogueira, personagem

²¹⁹SANTOS, Mayara Aparecida Machado Balestro dos. Agenda conservadora, ultraliberalismo e “guerra cultural”: “Brasil paralelo” e a hegemonia das direitas no Brasil contemporâneo (2016-2020). 2021. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2021. p. 68

²²⁰Ibid., 68.

²²¹Ibid., p. 69

²²²LIDERCAST. Henrique Viana. 01:05:22. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HNx2CO-YrhQ&t=4325s&ab_channel=Lidercast. Acesso em: 28 de Março de 2023

²²³ Ibid., 01:19:02

carimbado nas produções da empresa, um dos principais entrevistados para o *Brasil – a última cruzada*, e que chegou a ser presidente da Biblioteca Nacional durante o governo Bolsonaro.

Nogueira figura também como coordenador de um curso de licenciatura em história pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro, aprovado pelo MEC em 2019. As aulas começaram a ser disponibilizadas, de forma totalmente online, no modelo *EAD*, no ano de 2022, tendo na sua descrição a confirmação de que se tratava de um material com parceria da Brasil Paralelo. Em uma matéria publicada pela Agência Pública, é possível conferir mais sobre o curso, seu teor conservador e demais ligações com o que chamamos aqui de *Olavismo* e nova direita²²⁴.

Nos parece interessante colocar algumas citações dos intelectuais mencionados por Henrique Viana para que tenhamos um pouco de ciência do terreno narrativo que é construído nos episódios da série por suas falas.

Os indígenas sabiam onde havia pau-brasil, eles sabiam onde tinham as madeiras, eles sabiam cortar as madeiras e sabiam transportá-las, então eles davam isso tudo e os portugueses eles davam coisas que para eles não eram importantes, para eles os Portugueses né, era importante para os indígenas, do ponto de vista do indígena aquela madeira não tinha esse valor todo, tinha em todo canto aqui, porque, nossa esse cara é maluco, né, vem aqui qué (sic) árvore, para cabeça dele devia ser assim, entendeu? Então para o indígena era um a troca vantajosa, ele ganhou espelho, ele entrega um pau, entendeu? Muitas vezes a gente é ingênuo e pensa assim: ‘Ah eles davam coisa que não prestava nada para o indígena’. Do ponto de vista econômico aquilo era escasso né aqui, era o que eles não tinham, eles queriam, enfim então aí eles conseguiam fazer essa relação. O Brasil por um tempo ficou assim²²⁵.

A fala proferida por Rafael Nogueira, ainda no início do segundo episódio da série, é relacionada ao contato entre europeus portugueses e povos originários do continente americano, mais especificamente sobre a relação de exploração do território e da mão de obra indígena num processo de escravidão. Entretanto, podemos observar um aspecto do *ethos* empresarial, ou econômico, ao percebermos que Nogueira parece dar mais atenção ao sistema de trocas estabelecido pelos colonizadores neste primeiro contato. A relação entre a “escassez” de espelhos no mundo indígena parece justificar para o entrevistado a relação de exploração que

²²⁴AUDI, Amanda. AGÊNCIA PÚBLICA. Coordenado por monarquista, curso ligado à Brasil Paralelo forma professores de história. 17 de Junho de 2024. Disponível em: <https://apublica.org/2024/06/coordenado-por-monarquista-curso-ligado-a-brasil-paralelo-forma-professores-de-historia/>. Acesso em: 22 de Junho de 2024

²²⁵BRASIL PARALELO. “A Vila Rica”, Rafael Nogueira, 00:12:42

ocorre ali, em contraste a grande quantidade de pau-brasil. Essa analogia poderia ser muito bem colocada numa situação econômica do tempo presente, onde um produto seria escasso em um determinado lugar, e por isso mais caro, ou o contrário, uma superprodução levaria a uma desvalorização daquele bem. A conclusão do entrevistado caminha para a ideia de que “eles queriam”, ou seja, o colonizado estaria na mesma posição do colonizador, uma posição de negociação, como se durante esse “encontro” não tivessem ocorrido uma série de processos violentos por parte dos europeus, bem como uma utilização da força de trabalho desses povos originários independente da aceitação do sistema de trocas ou não.

Outros nomes mencionados são o de Luiz Philippe de Orléans e Bragança, sempre atribuído como descendente da família imperial brasileira e hoje deputado federal pelo estado de São Paulo, filiado ao Partido Liberal, e Thomas Giulliano, historiador formado pela PUCRS e autor do livro “Desconstruindo Paulo Freire”.

Temos um conjunto de falas que muito nos interessa para delimitar a relação entre os personagens citados e a *Escrita* da empresa. Valerim, na voz de narrador, afirma que o pau-brasil foi perdendo importância no comércio e que Portugal não tinha finanças para manter o Brasil, dessa forma divide o território entre donatários. Cabe aos próximos três entrevistados, Rafael Nogueira, Thomas Giulliano e Jorge Caldeira, atribuído na série como doutor em ciência política e escritor, explicarem como ocorreu esse processo e quem eram os donatários. Vejamos:

O português divide em 15 capitanias hereditárias do território brasileiro e cada uma seria, teria, um donatário, Capitão donatário. Donatário aquele que recebe a doação. Então ele seria responsável por criar naquele local um povoado²²⁶.

Giulliano complementa:

Nesse sentido as capitanias servem como um bom elemento simbólico muitas vezes para demonstrar o quê, havia uma força de interesse econômico nessa movimentação que acompanhava, isso é importante dizer, não o objetivo de extrair riquezas, mas de manterem riquezas. Percebam que a natureza das capitanias ela é oposta a uma ideia de ciclos econômicos, porque as capitanias buscavam ser meios de estabelecimento de pessoas aqui, protegendo

²²⁶BRASIL PARALELO. “A Vila Rica”, Rafael Nogueira, 00:14:42

fronteiras e etc, ou seja, essas riquezas teriam, por lógica, ficar aqui, claro que a partir de uma lógica da própria exploração, etc, mas se eu exporto e fico rico, logo parte dessa riqueza fica aqui, a consequência dela, o resultado²²⁷.

Giulliano afirma ainda que a ideia de colônia não remete exclusivamente a um processo predatório, era um processo muito longe disso, era um processo de povoamento²²⁸, e Jorge Caldeira complementa a afirmação.

Então toda a atividade de governo efetivamente era resolvida e decidida pelos moradores de cada Vila, que eram eleitos. As eleições funcionavam como o relógio, então você tem eleição em São Vicente desde 1532, em Olinda desde 1941, Salvador desde 1549, São Paulo 1554, Rio de Janeiro desde 1565 e assim vai. Isso é uma base que nenhum país europeu, por causa dos direitos feudais teve, e que apenas, vamos dizer assim, os Estados Unidos na América tiveram o governo local dessa importância. Isto é uma base que facilita imensamente a atividade empreendedora²²⁹.

O processo, que durou por volta de duas décadas, dentro da lógica de colonização portuguesa, chamado de capitânicas hereditárias, é trabalhado pelos entrevistados em alguns minutos de episódio e é mais uma vez utilizado para criar uma concepção de empreendimento e desenvolvimento no passado histórico do território. Giulliano chega a afirmar que a intenção não era de extração, não era de exploração em seu sentido primário do dicionário, mas sim, de manter riquezas. A partir do momento em que o donatário explorasse a região e ganhasse dinheiro com isso, ficando rico, segundo o entrevistado, a riqueza ficaria aqui, com este donatário, dito por ele de “resultado”. Tal discurso, complementado com sua segunda afirmação de que a colônia não era apenas um processo predatório, coroam a figura do donatário como uma espécie de *daytrader* colonial ou apostador, que investia todo seu capital em um processo de crescimento de renda, sem nenhuma violência ou pacto colonialista, e muito menos com a certeza de que aquele *empreendimento* daria certo.

Caldeira encerra este conjunto de afirmações extrapolando mais ainda o processo definidor do que eram as capitânicas hereditárias. O cientista político lista datas de supostas eleições nos territórios coloniais e afirma que nenhum estado europeu teria passado por esse processo, por serem de origem feudal. Esse percurso da exploração do território, junto as capitânicas seria uma base facilitadora para a atividade empreendedora. O único estado nacional

²²⁷BRASIL PARALELO. “A Vila Rica”, Thomas Giulliano, 00:14:56

²²⁸Ibid., 00:16:03

²²⁹BRASIL PARALELO. “A Vila Rica”, Jorge Caldeira, 00:17:41

que teria alguma proximidade desse tipo de processo seria os Estados Unidos, logicamente, o único exemplo possível acima do eurocentrismo demonstrado pela empresa.

Observamos nessas citações que a empresa não nega o processo colonial, e afirmamos que isso se repetirá em outros temas importantes para a historiografia nacional, mas ao escolher um pretérito cheio de analogias empreendedoras, referências que mais parecem uma aula de investimento financeiro do que uma narrativa de exploração, os colonizadores são colocados como empresários que teriam apenas aproveitado as oportunidades que lhes foram conferidas, como afirma Ávila²³⁰. Nega-se de certa forma a ligação direta do processo colonialista e exploratório com a violência e com o genocídio de sociedades indígenas. A delimitação desses sujeitos indígenas inclusive é quase inexistente, para não afirmar que nulas, quando comparadas à construção desses personagens empresariais, os colonizadores. A estas sociedades é atribuído o rótulo de diferenciação, consideradas sem a razão, a racionalidade está longe delas, por isso podem ser corporalizadas, dominadas e ensinadas. “Elas são o Outro, e o Outro é um corpo”²³¹.

Mais adiante, se formos observar como os entrevistados lidam com o processo de escravidão, o narrador introduz o assunto com uma lamentação, afirmando que a escravidão é uma “mancha moral”:

Das grandes manchas Morais da biografia humana, é impossível não lembrar da escravidão, como uma das maiores. Quando falamos em escravos lembramos da luta e da dedicação dos abolicionistas pela liberdade e dos povos que demoraram tanto para despertar e ver um futuro livre. É difícil pensar o quão horrível foi nascer e morrer sem ser o dono de sua própria vida. O fato de podermos olhar as coisas dessa forma é o privilégio de vivermos do lado de cá da linha do tempo da humanidade. O compromisso é manter a humanidade livre vem da lembrança de que demoramos milênios para vencer o mal da escravidão, foi um mal que por muito tempo não esboçava a perspectiva de nos libertarmos. Os antigos povos hebreus e assírios, os gregos e os romanos, os europeus, Astecas, Incas, Maias, e tantos outros não conseguiram vencer o status quo no qual nasceram e viveram. Se olhamos para trás e vemos a mancha da escravidão, é a história jogando holofote sobre nós, esperando deliberarmos sobre nossas ações para saber quem somos e como seremos lembrados. É história cumprindo seu papel, nos ensinando os

²³⁰ÁVILA, Arthur Lima de. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 41, nº 87, 2021, p. 167.

²³¹OYEWÙMI, Oyèronké. A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. RJ: Bazar do Tempo, 2021, p. 30

grandes erros e lembrando que muitos dos nossos antepassados perderam seus sonhos na Falta de Liberdade²³².

Ao percebermos que “estamos do lado de cá” da linha do tempo, percebemos também que se tenta, já de início, ligar a escravidão negra moderna ao processo de escravidão antigo, citados então pelo narrador, povos hebreus, gregos ou mesmo os povos originários da América. A ideia de liberdade dos escravos, como se fosse algo comparável a liberdade que a empresa prega, uma liberdade comercial, uma liberdade econômica e neoliberal, também está presente. Coroando a fala, a ideia de *história mestra da vida*, ensinando erros do passado para que não sejam repetidos no presente. Além disso, a questão de aumentar o máximo o período de escravidão e universalizar, como se todos esses processos escravistas fossem iguais, por essa citação, nos faz imaginar o que de tão especial ocorreu para que a escravidão se encerrasse aqui, no território brasileiro. Essa explicação fica a cargo dos entrevistados seguintes, mas antes disso, os supostos especialistas entram também para reafirmar o que o narrador deu a entender minutos antes, que a escravidão no território não tinha traços étnicos ou racializados.

O que que era ser escravo. Ser escravo era ser vencido numa guerra justa, e perder a sua liberdade, ou nascer de uma mulher nessa condição. É isso que definia a base legal né, para ser escravo. Então se fala muito de reparação histórica com relação a raça e etnia, mas a o fundamento da escravidão nunca foi a origem étnica, no Brasil nunca foi²³³

Logo em seguida, o professor de filosofia, formado pelo Centro Universitário de Assunção, Paulo Cruz, reconhecido também por integrar o grupo *Flow Podcast*, um homem negro, afirma sobre a escravidão:

Não é racial, ela se torna racial no século XIX, quando surgem as teses eugenistas é que aí se usa essa questão de tentar ligar ou associar a um africano ou descendente africano, ao escravo, mas isso é muito tardio. Então não era. Foi uma escravidão primeiro de oportunidade, tanto é que não era difícil você encontrar negros que se tornavam senhores e que tinham seus escravos também. Então quer dizer, dentro de uma economia escravista, se eu sou um senhor de engenhos, eu tenho escravos²³⁴.

²³²BRASIL PARALELO. “A Vila Rica”, Felipe Valerim. 00:32:33

²³³BRASIL PARALELO. “A Vila Rica”, Flávio Alencar. 00:34:26

²³⁴BRASIL PARALELO. “A Vila Rica”, Paulo Cruz. 00:35:00

A ideia de guerra justa, abordada na primeira citação, como definido pelos colonizadores, que queriam entrar nas terras que eram de origem dos povos indígenas, é por si só um processo de extrema violência. Quem autorizou ou bonificou estes seres humanos a invadir terras e levar tais ensinamentos através da escravidão para essas populações? Deus? A coroa? Começo a pensar aqui que estamos diante de uma afirmação digna de ser chamada de *epistemologia do Norte*, para lembrarmos de Boaventura²³⁵, ou seria uma epistemologia negacionista, para darmos o nome mais direto possível?

Ignorar que existe um “legado da escravidão”²³⁶, que inclui o processo econômico, racial e de gênero como delimitador, que a lógica da dominação passava pelos corpos, pelas cores, pela raça, classe e gênero é silenciar e negar a história do processo de escravidão no Brasil. O processo dito pela Empresa como não *racializado*, tornou-se, além de racializado, econômico, ao ser utilizado como principal modo de produção da colônia, até o final do período imperial, tendo seu fim legalmente em 1888. O processo demonstrava também poder, como a interferência dos portugueses nos conflitos internos do continente africano por exemplo, onde os europeus influenciavam certos grupos fornecendo armamento ou menos pagamento pelos escravos capturados após as batalhas. A narrativa construída pela Brasil Paralelo, de escravidão sem racialidade e com certa normalidade, serve muitas vezes para atacar grupos no presente que reivindicam lutas abolicionistas e reparação histórica. A ideia de que os próprios negros livres tiveram escravos e ou foram senhores, é apenas jogada, sem uma crítica, sem uma problematização, sem uma utilização de fonte para comparar se isso era um padrão ou se era uma exceção.

Ao transcrevermos falas dos entrevistados para a obra audiovisual da Brasil Paralelo que busca delimitar a história do Brasil, percebemos uma linha tênue entre negar os fatos e negar a amplitude e violência desses fatos, ou como Ávila coloca, versões falseadas de manipulação e distorção do registro histórico, não sendo necessariamente uma mentira²³⁷. Parece então que a *Escrita* que buscamos delimitar, utilizando as lentes analíticas da *operação historiográfica* de Certeau, é propriamente o lugar das relações entre a defesa irrestrita do liberalismo econômico e a minimização dos processos traumáticos da história brasileira. É a

²³⁵SANTOS, Boaventura de Sousa. O fim do Império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul. 2a ed, 1Belo Horizonte, Autentica, 2021

²³⁶DAVIS, Angela. Mulheres, Raça e Classe. São Paulo: Boitempo, 2016

²³⁷ÁVILA, Arthur Lima de. Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 41, nº 87, 2021, p. 168

comparação entre o absurdo civilizatório e o *ethos* próprio da Internet, o descobridor empreendedor e o indígena guiado pela mão invisível do mercado. A escravidão livre de racialidade, mas presa a uma lógica de extensão máxima, a fim de suprir os interesses das classes dominantes do período. Parece conclusivo para nossa delimitação de *Escrita*, mas seria ainda mais interessante se observarmos como o narrador define o que é “História” para a empresa.

A História, é uma grande galeria de quadros, onde há poucos originais e muitas cópias. A História acabou por encontrar o Brasil, no símbolo centenário da revolução francesa, o destino de um povo seria redefinido, os interesses de poucos sequestraram o futuro de muitos. No início do século XIX, quando a família real portuguesa se instalou no Rio de Janeiro e fundou o império brasileiro, foi plantada uma semente. Essa semente foi cuidada para que crescesse em terra fértil, para que desse bons frutos, cresceu, frutificou e obteve vigor ímpar, porém não se pode dizer o mesmo sobre os países que cercavam o Brasil, que cresceram entre pedras, não formaram raízes, ou forem sequestradas e perderam seu destino. Enquanto a América Latina era um conglomerado de repúblicas, com sucessivos golpes e ditadores guerreando pelo poder, o Brasil era uma monarquia constitucional, a coroa, o parlamento e a justiça eram instituições sólidas, e alicerçadas no estado de direito, nos princípios constitucionais e nas práticas democráticas. Porém, neste momento, era a vez do Brasil ter a sua semente roubada. As insatisfações de alguns setores da sociedade não seriam por si só motivos para a queda da monarquia, porém, interesses escusos agregariam a esses descontentamentos e cometeriam um atentado a vontade do povo²³⁸.

“A História, é uma grande galeria de quadros, onde há poucos originais e muitas cópias”, remete, entre outras coisas, à dinâmica como a empresa observa os fatos históricos do pretérito não tão distante de seu próprio território. Uma sucessão de falsidades, construídas por interesses de ditadores e de pequenos setores da sociedade, para destruir o sonho de uma monarquia plena, sem violência, com uma “semente” forte e duradoura do empreendedorismo e da liberdade econômica.

O que tentamos mostrar para o leitor até aqui é que a Brasil Paralelo, com um *Lugar* de produção denominado por nós de negacionista, atribui para si a missão de trazer essa “história verdadeira” à tona e utiliza a Internet como meio para a sua *Prática e Escrita*. Suas produções chegam a um público que na lógica algorítmica recebe o conteúdo nas plataformas digitais como respostas rápidas e simples para problemas complexos, que não poderiam ser dadas em

²³⁸BRASIL PARALELO. “O último reinado”, Felipe Valerim, 01:01:21

um ambiente científico²³⁹, por exemplo, ou mesmo democrático, porque não são respostas científicas e democráticas as que silenciam ou negam processos formadores da história do Brasil. Deixar isso claro é imprescindível dentro de nossa argumentação.

Desta forma, é urgente então que identifiquemos esses processos e narrativas, tentemos ao máximo compreendê-las, critiquemos os problemas de tradições históricas que permeiam as décadas de historiografia brasileira, mas tenhamos noção das estratégias que são utilizadas aqui. Veremos um pequeno exemplo a seguir de como imagens e músicas na obra podem por exemplo trazer um tom de dramaticidade que conquista e suga o espectador para a obra, passando por cima da falta de argumentação ou fontes históricas por exemplo, para atingir o que eles chamam de orgulho.

3.2 – A Construção como negacionismo: Imagens e Músicas utilizadas na obra da Brasil Paralelo

A utilização de imagens e músicas não poderia passar em branco em nosso trabalho, principalmente se pensarmos que a *Escrita* aqui é uma produção audiovisual, que precisa prender a atenção do espectador em frente a uma tela.

Desse modo, observar as formas como a Brasil paralelo constrói suas imagens é essencial para este trabalho. Pesemos o caso do episódio chamado “O último reinado”. O tema principal gira em torno do período do reinado de D. Pedro II, mas tem como foco três personagens específicos, sendo eles Carlos Gomes, Machado de Assis e Joaquim Nabuco. Não devemos, entretanto, aceitar de antemão o que as fontes apresentam para o nosso olhar, preso a tela, como diria Certeau, “em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar”²⁴⁰ documentos, objetos de estudo, a própria pesquisa, a fim de ultrapassar fronteiras do uso ou da própria ideia de intencionalidade do documento analisado. Desta forma, cabe a nós ressaltar, que o episódio constrói a narrativa desses personagens citados a fim de demonstrar valores e características do período monarquista brasileiro, com uma ideia, que

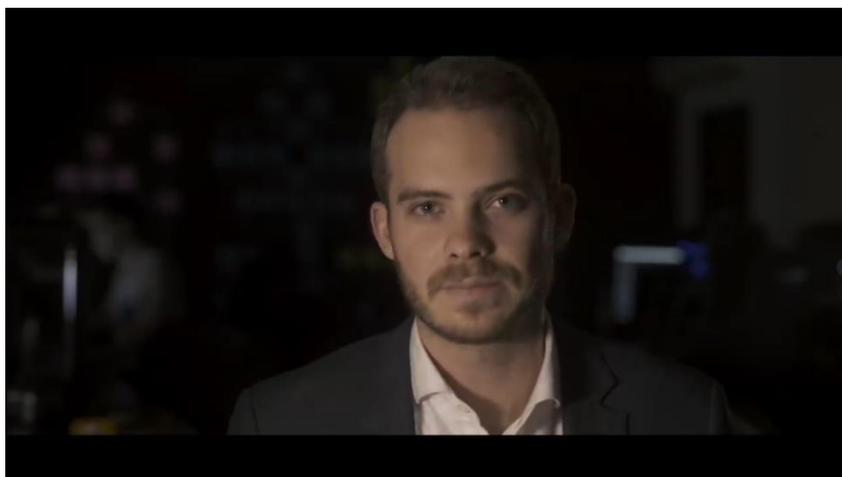
²³⁹PICOLI, Bruno Antonio, CHITOLINA, Vanessa, GUIMARÃES, Roberta. Revisionismo Histórico e Educação para a Barbárie: A verdade da “Brasil Paralelo”. Revista UFG, V.20: E64896, 2020

²⁴⁰CERTEAU, Michael de. A escrita da História; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2015 p. 69

apesar de negar ser, soa extremamente ufanista, exatamente o oposto do que se diz, e encerra-se com a tristeza dos entrevistados pela deposição do segundo imperador do Brasil.

Observamos logo com o *play* do vídeo que existe uma organização da filmagem na produção. A fala inicial de Felipe Valerim é olhando diretamente para a câmera, fala com o espectador diretamente, como já explicitado no início deste trabalho, a intenção é de venda de um produto, ocorre um apelo nesse olhar direto. Já os entrevistados assumem uma postura da visão lateral, um olhar que parece não perceber a câmera, por vezes quase que observados de baixo para cima, podendo ser considerado um certo aspecto de superioridade, mas também de indiferença, uma impressão de imparcialidade que pode, e é, muitas vezes buscada pela Empresa. O entrevistado não está ignorando a câmera, mas ela é um mediador para que ele fale com o público de forma. Soma-se a essa perspectiva visual a organização das falas, que como afirma a historiadora Mayara Balestro. Baseada em entrevistas dos produtores, a intenção é atingir o público, transformar as entrevistas em documentários, que conectem diferentes pautas da situação política do Brasil, sendo uma narrativa comovente²⁴¹. Nas imagens abaixo é possível perceber a diferenciação dos ângulos utilizados.

Figura 1 – Olhar direto para a câmera



Cena do olhar inicial entre os minutos 00:00:00 - 00:01:52

Figura 2 – Olha desviado da câmera

²⁴¹SANTOS, Mayara Aparecida Machado Balestro dos. Agenda conservadora, ultraliberalismo e “guerra cultural”: “Brasil paralelo” e a hegemonia das direitas no Brasil contemporâneo (2016-2020). 2021. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2021. p. 60



Cena com o ângulo de olhar dos entrevistados - 00:52:27

Outros aspectos estéticos e ornamentais são percebidos ao longo dos quase 80 minutos de vídeo, como a utilização das imagens, sejam fotos, como no caso da famosa “última foto da família real no Brasil”²⁴²; ilustrações próprias, como a imagem dos três homens destacados neste episódio²⁴³; ou mesmo cenas em vídeo de locais que se assemelham ao espaço que naquele momento está sendo descrito, como no momento em que falam de Joaquim Nabuco e passam cenas de uma fazenda²⁴⁴. Podemos dizer que esse apelo imagético, com um *design* característico, é algo fundamental para a narrativa da Brasil Paralelo e afirmado por eles mesmos. Em entrevista, Valerim afirmou que perseguem três tributos na hora de selecionar entrevistados, sendo eles a didática, *storytelling* e design, elementos que seriam indispensáveis para transmitir a mensagem da empresa²⁴⁵.

Concordamos com Santiago Jr, como já mencionamos no primeiro capítulo, ao dizermos que as mídias também são produtoras da visibilidade do passado e estão entre as formas mais poderosas na contemporaneidade para a construção de fatos e disputas de poder²⁴⁶. Junto à voz

²⁴²A foto aparece aos 01:07:45

²⁴³A ilustração aparece aos 00:07:04

²⁴⁴Cenas podem ser vistas a partir de 00:44:10

²⁴⁵BOLETIM LIBERDADE. Brasil Paralelo: em entrevista exclusiva, conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na internet. 19 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/> Acesso em: 06 de agosto de 2022

²⁴⁶SANTIAGO JR, Francisco das Chagas Fernandes. Dimensões historiográficas da virada visual ou o que pode fazer o historiador quando faz histórias com imagens? Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 11, n. 28, p. 402 - 444, set./dez. 2019. p. 432

em *off* do narrador, a série *Brasil – a última cruzada* usa e abusa de imagens, fotografias, câmera lenta, trilhas sonoras, para afirmar pontos estabelecidos pela empresa.

Por volta dos 44 minutos do episódio já mencionado, a produção dedica-se a falar sobre Joaquim Nabuco, alçado à posição de mártir abolicionista. Na conclusão de sua vida no episódio, temos a afirmação:

vai estudar, voltar para o Rio de Janeiro, se tornar advogado, se tornar diplomata, vai se converter ao catolicismo, vai ser tornar monarquista, vai mudar suas concepções políticas. Tudo isso sem nunca esquecer o momento que o sempre menino de Massangana viveu naquela escada²⁴⁷.

O dito momento seria o encontro de Nabuco com um escravo, que lhe pediu ajuda. O encontro em si não seria o problema a ser analisado no presente texto, mas três fatores chamam a atenção. O primeiro é a vivacidade, a capacidade de que o narrador afirma terem sido as intenções e visões de Joaquim Nabuco naquele momento, afirmando “Nabuco enxerga o clamor de um país”²⁴⁸. O segundo fator que deve ser mencionado, a ausência de uma fonte a qual o entrevistado recorreu para retirar tais informações, que não se referem somente ao encontro, mas sim de cerca de 60 anos vividos por Nabuco ao longo dos fatos citados. Essa inclusive é uma característica que abordamos amplamente no segundo capítulo do presente trabalho, notado em todos os episódios da série, a ausência de fontes deixa o espectador a mercê das afirmativas do narrador dos entrevistados.

Por fim, o terceiro ponto, que infelizmente é difícil de ser assimilado por um texto escrito. A expectativa, a exaltação através de fotos, da voz do narrador ao dar ênfase em momentos específicos, mas principalmente pela trilha sonora, digna dos atuais filmes de super-herói, onde no momento em que o vilão está prestes a estalar os dedos, quando nada mais é possível, o mocinho surge e salva o mundo. O momento da música mais calma, mais triste, imaginem, é no início da narrativa, no relato sobre o encontro, ao passo de que próximo ao encerramento a música se encaminha para o triunfo, para a exaltação de um mártir. A narrativa triunfante, sem ser problematizada através de fontes e ainda ampliada graças aos efeitos visuais e sonoros possibilitados pela mídia audiovisual, transforma os minutos dedicados a Joaquim

²⁴⁷BRASIL PARALELO. “O último reinado”, Thomas Giulliano, 00:46:13

²⁴⁸BRASIL PARALELO. “O último reinado”, Thomas Giulliano, 00:45:13

Nabuco em um verdadeiro espetáculo ufanista, patriótico, sem espaços para qualquer crítica, inclusive porque se houver alguma crítica ela não será feita ao personagem, ao homem Joaquim Nabuco, mas sim àquele que enxergou o clamor do Brasil em um escravo, um mártir.

Como estratégia de construção da argumentação, a produtora parte de uma afirmativa, neste caso emocional ou mesmo descontextualizada, de maneira que, a partir dessa informação, seja possível construir toda uma cadeia argumentativa para convencimento do grande público, abrindo mão de qualquer análise mais complexa do fato abordado. Podemos dizer que o filme manifesta aquilo que seu criador deseja que o espectador veja²⁴⁹, e neste caso é:

[...] uma narrativa sintética, englobante, que tenta abarcar a totalidade do processo histórico brasileiro no sentido de revelar os traços fortes de uma formação. A ideia de formação do Brasil, enquanto pátria, e dos brasileiros, como patriotas, confere legibilidade para a representação do passado nacional, inserindo-o de forma marcadamente eurocêntrica no conjunto mais amplo das “sociedades judaico-cristãs ocidentais”, cujo fundamento reside em três eixos bem delimitados na série: a filosofia grega, o direito romano, a moral cristã²⁵⁰.

Buscamos demonstrar, com o caso citado anteriormente, como a empresa dedica unir a narrativa moral, emocional e totalizante do processo histórico, criando um vínculo patriótico entre o espectador e os personagens abordados. É uma prática política que se utiliza do elemento visual, unido à narrativa, para criar uma autoridade, praticamente uma espécie de “complexo de visualidade”²⁵¹, como definido por Mirzoeff, existe uma exaltação explícita do processo monárquico e de um uso do passado como forma de ataque ao presente. As imagens visíveis e invisíveis produzidas pela empresa desenvolvem elementos que valorizam uma percepção dos anos de colonização e império brasileiro como democráticos, maduros, de desenvolvimento, de bons frutos (todos termos retirados de falas do episódio).

A utilização de imagens serve muitas vezes para confirmar falas que existem na voz do narrador. A narrativa histórica empregada pela Brasil Paralelo situa seus seguidores em um passado, abrindo espaço para seus atos no presente, justificando através da sua exposição

²⁴⁹DIAS, Bárbara Matos. A invenção da História no cinema de Quentin Tarantino: apropriação e vingança. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

²⁵⁰NICOLAZZI, Fernando. Brasil Paralelo: restaurando a pátria, resgatando a história. A Independência entre memórias públicas e usos do passado. In: Brasil Paralelo: restaurando a pátria, resgatando a história. Seminário 3x22: Independência, memória e historiografia 24-28 de maio de 2021. p. 16.

²⁵¹MIRZOEFF, Nicholas. Right to Look : A Counterhistory of Visuality. Durham, NC, USA: Duke University Press, 2011, p. 1-34.

acontecimentos encadeados como causa e efeito, como já abordamos nos capítulos anteriores. Mas as imagens são pontos chave nessa análise, pois muitas vezes são retiradas de seu *lugar* na realidade para servir a algo de interesse da empresa. No capítulo passado falamos do caso da matéria de Tv chamada “Brasil ontem, hoje e amanhã”, que seria um desses exemplos possíveis, mas o uso de fotos pode ser mais bem explicitado aqui.

Ocorre que a imagem pode nem ter necessariamente vínculo com o que é proposto na fala do narrador. Um desses casos é o ocorrido no sétimo episódio, de nome “1964 – o Brasil entre armas e livros”, já mencionado aqui. Por volta de 01:22:00 minutos de vídeo, surgia na tela do espectador uma foto de um homem, sem camisa, segurando a boca de um fuzil, portado por um outro homem de farda, parecendo um militar. No entorno, dezenas de outros homens observam a cena. A foto é relacionada, pela fala do narrador, ao processo que ficou conhecido como “Guerrilha do Araguaia”, o processo de luta armada contra a ditadura civil-militar, organizado principalmente pelo Pcdob e organizações independentes, por volta de 1973. A imagem surgia sem nenhuma legenda ou autoria, com um efeito tipo “filme antigo” e em preto e branco, poderia passar batida para alguém que não conhecesse a imagem.

A fotografia é de autoria de Sebastião Salgado, fotógrafo de reconhecimento mundial, e que relatou à época, ainda em 2019, que não fora consultado ou informado sobre a escolha de uma de suas fotografias para ilustrar o vídeo mencionado. Ocorre ainda que a foto é de 1986, cerca de um ano após a abertura democrática, quando Salgado esteve no garimpo conhecido como “Serra Pelada”, no interior do Pará. A imagem, segundo o próprio fotógrafo retrata um momento de tensão entre um trabalhador e um policial militar, e está presente em um livro lançado também no ano de 2019²⁵², ou seja, não tem nenhuma relação direta com a guerrilha relatada no episódio.

Quem buscar a produção hoje para assistir não encontrará mais a imagem. Apesar de na matéria citada no parágrafo anterior afirmar que Sebastião Salgado não havia informado se tomaria medidas formais, ele tomou. Em uma busca no site *Jusbrasil*, encontramos alguns processos envolvendo o caso. Inicialmente encontramos o processo digital nº 1098555-65.2019.8.26.0100²⁵³, conseguimos a informação de que a Brasil Paralelo entrou com a ação

²⁵²SERVA, Leão. Filme ‘1964’ faz uso indevido de foto de Sebastião Salgado. Folha de São Paulo, São Paulo. 07 de Maio de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/05/filme-1964-faz-uso-indevido-de-foto-de-sebastiao-salgado.shtml>. Acesso em: 20 de junho de 2024

²⁵³SÃO PAULO. Tribunal de Justiça de São Paulo. Tutela Antecipada Antecedente – Liminar n. 1098555-65.2019.8.26.0100. Sentença. São Paulo, 22 de janeiro de 2020. Disponível em:

requerendo a concessão de tutela antecipada em caráter antecedente para que o Google Brasil Internet Ltda reestabelecesse na plataforma do Youtube o vídeo "1964- O Brasil entre arma e livros" e, ao final, a condenação da requerida no reestabelecimento definitivo do vídeo, bem como na obrigação indenizatória em razão de danos materiais e morais sofridos pela autora, decorrentes da censura imposta. Restou incontroverso que o documentário "1964- O Brasil Entre Armas e Livros", foi retirado do ar pelo réu, devido ao uso em um pequeno trecho da fotografia "Serra Pelada" do fotógrafo Sebastião Salgado.

Ou seja, Sebastião Salgado entrou com uma ação de nº 0012952-76.2019.8.08.0024²⁵⁴, e que ainda está em andamento, na 4ª Vara Cível da Comarca de Vitória - ES, contra a Brasil Paralelo, exigindo a retirada de sua foto da produção e pedindo danos morais pelo uso indevido. Provavelmente o fotógrafo também acionou o Youtube, que retirou do ar o vídeo e notificou a empresa. A Brasil Paralelo retirou a imagem de Salgado e manteve as imagens de fato relacionadas ao Pcdob e a guerrilha do Araguaia, mas o vídeo não foi colocado novamente visível para o público. Dessa forma, a empresa entrou com uma ação contra o Google, dona do Youtube, para requerer o retorno do vídeo, alegando que estaria perdendo renda por conta das visualizações perdidas e que teria sido censurada.

O Google demonstrou que a retirada do documentário foi justificada devido aos termos de uso, com os quais o próprio autor anuiu ao criar a sua conta no Youtube. O juiz entendeu que não ficou caracterizado qualquer tipo de censura, uma vez que a própria Brasil Paralelo reconheceu o uso indevido, ainda que por descuido, da fotografia, sendo que o autor de tal foto, Sebastião Salgado, já havia ajuizado ação de indenização contra o Brasil paralelo, exatamente pela utilização de tal fotografia. Ao fim, o juiz entendeu que a Brasil paralelo seguiu as regras de contra notificação e comprovou a retirada da fotografia do Sebastião Salgado do conteúdo do vídeo, assim, não haveria mais razões pro Google manter o conteúdo fora da plataforma. Assim, julgou procedente o pedido para confirmar a liminar e determinar o restabelecimento definitivo do documentário "1964- O Brasil Entre Armas e Livros" no Youtube.

<https://www.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/tj-sp/2557521796/inteiro-teor-2557521800>. Acesso em: 20 de junho de 2024

²⁵⁴ESPIRITO SANTO. Tribunal de Justiça do Estado do Espírito Santo. Apelação Cível n. 0012952-76.2019.8.08.0024. Vitória, 10 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/processos/391594371/processo-n-001XXXX-7620198080024-do-tjes>. 20 de junho de 2024

Neste caso em específico, duas coisas chamam nossa atenção. Ao ser acusada de, e posteriormente comprovado, um uso indevido de uma imagem, neste caso a utilização sem autorização do autor da imagem, a empresa alegou censura da plataforma de vídeos, que retirou um material do ar do qual não tinha os direitos autorais. Lembramos mais uma vez que a fotografia também não tinha nenhuma relação com o tema tratado na produção audiovisual, e ainda assim foi colocada no vídeo. Um segundo fato é que, a cada momento sem o vídeo no ar, a empresa sentia perder dinheiro, pois chega a dizer no processo que sofreu danos e busca uma indenização financeira por isso. O processo de venda de seu produto, como já demonstramos aqui ao longo desse trabalho, estava sendo afetado por incompetência ou má intenção deles próprios, ao usarem uma imagem da qual não tinham direitos, mas ainda assim quem estava errada era a plataforma, o erro nunca parte deles, a censura nunca é algo que eles fazem, é são sempre eles as vítimas.

Como o próprio termo nos indica, a presença musical e sonora é inerente à produção audiovisual, configurando-se como um sistema que oferece, dentre outras possibilidades, uma integração do que vemos e ouvimos, impossível de examinar um em separado do outro sem que se retire o sentido que transmite²⁵⁵. Concordamos com Oliveira ao afirmar que a função de descrever e gerar emoções, que a música tem, se faz sempre presente na parceria com as imagens, com as quais os efeitos são ampliados²⁵⁶, por tanto, para encaminharmos para a conclusão do mapa narrativo construído pela Brasil Paralelo, um breve olhar, ou melhor, uma breve audição, da música presente em *Brasil – a última cruzada* se faz necessária.

No geral, a trilha sonora dos vídeos é apenas instrumental, com músicas que fazem mais um fundo para a fala do narrador ou em momentos de transição entre um corte e outro. Os tons épicos e dramáticos são amplamente utilizados para dar clima à cena. A respeito disso, Nicolazzi afirma:

O uso de uma trilha sonora que confere ao relato um toque de dramaticidade e um caráter épico, composta desde a abertura por um hino cristão medieval

²⁵⁵MOTTA, Carolina Paiva. O Papel da Música na Estrutura do audiovisual em Publicidade. Trabalho de conclusão de curso. Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2006, p. 13, apud ALVES, Márcia, 2006

²⁵⁶OLIVEIRA, Marcio Pizzi. A caracterização emocional e as conotações musicais: avaliação de conceitos do campo do audiovisual. Anais do IV SIMPOM 2016 – simpósio brasileiro de pós-graduandos em música. UNIRIO, 2016, p. 129

(*Da pacem domine*) até o final do vídeo, com a Sonata ao Luar, de Beethoven²⁵⁷.

Ocorre que, se o espectador quiser saber mais sobre as músicas e trilha sonora, não encontrará nada, pelo menos se depender da Brasil Paralelo. Isso porque em nenhum dos episódios são creditados os nomes das músicas. Na verdade, até o quinto episódio da série a única coisa que aparece nos créditos ao final de cada vídeo são os nomes dos entrevistados e da “equipe Brasil Paralelo”. A partir do sexto episódio começam a aparecer alguns cargos específicos como “direção geral”, realizada pelos três sócios já citados, “direção de arte”, “consultores”, “roteiristas”. Mas é somente no sétimo episódio que temos a função definida de “trilha sonora”, “trilha sonora original” e “design de som”. No geral, em todos esses cargos estão os sócios Felipe Valerim e Lucas Ferrugem, além de um outro nome, Eduardo Mognon, mas nada relacionado ao nome das músicas.

Utilizamos o buscador de músicas do Google e do Youtube para tentar encontrar as trilhas utilizadas pela empresa. Esse tipo de busca é relativamente fácil de ser feito, basta clicar na busca de um desses aplicativos mencionados e posteriormente no símbolo do microfone. No Youtube, somos apresentados a todos os vídeos que possam ter aquele áudio e no Google somos direcionados para uma página que mostra a porcentagem daquele áudio em vídeos, sites, até mesmo link para *streamings* que possam ter a música. Esse ato justifica-se pela dificuldade de transmitir ao leitor desse trabalho as características de cada uma das músicas utilizadas de forma escrita, sem ser algo técnico ou teórico. Dessa forma, listamos o nome das músicas que foram possíveis identificar, todas disponíveis no Youtube, bem como o link que direciona para essas canções.

Tabela 1 - Músicas encontradas nos episódios

Episódio	Música	Link
----------	--------	------

²⁵⁷NICOLAZZI, Fernando. Brasil Paralelo: restaurando a pátria, resgatando a história. A Independência entre memórias públicas e usos do passado. In: Brasil Paralelo: restaurando a pátria, resgatando a história. Seminário 3x22: Independência, memória e historiografia 24-28 de maio de 2021. p. 17

Todos – Abertura	Da pacem domine - Anônimo	https://youtu.be/DQMw6BBX2ts?si=i2xqzXdCcM1_1nHc
Ep 1 – A Cruz e a Espada	Blood on My Hands - Hans Zimmer - Warner Records - Batman Soundtrack	https://www.youtube.com/watch?v=epPJyCJzfxM&ab_channel=Release-Topic
Ep 1 – A Cruz e a Espada	A watchful Guardian - Hans Zimmer - Warner Records - Batman Soundtrack	https://www.youtube.com/watch?v=MV9H6dIWohk&ab_channel=Release-Topic
Ep 2 – A Vila Rica	Tennessee - Hans Zimmer - Pearl Harbor Soundtrack	https://www.youtube.com/watch?v=opP4PcZ7aN4&ab_channel=stigno87
Ep 2 – A Vila Rica	Meet the Sage - Brian Tyler	https://www.youtube.com/watch?v=rKvW3RAVYtI&ab_channel=UbisoftMusic
Ep 3 – A guilhotina da igualdade	Sarabande - Georg Friedrich Haendel - Barry Lyndon Soundtrack	https://www.youtube.com/watch?v=AWMR79IMQ-M&ab_channel=Gepetto
Ep 4 – Independência ou Morte	Sonata ao Luar - Ludwig van Beethoven	https://www.youtube.com/watch?v=4Tr0otuiQuU&ab_channel=andrearomano
Ep 4 – Independência ou Morte	A Turn for the Worse - Kevin MacLeod	https://www.youtube.com/watch?v=ihEsTxHV-

		Ac&ab_channel=KevinMacleod-Topic
Ep 4 – Independência ou Morte	Pachabelly - Youtube Audio Library	https://www.youtube.com/watch?v=W3NdQT3FOic&ab_channel=YouTubeAudioLibrary
Ep 5 – O Último reinado	The Dark Sorcerer - Whitesand	https://www.youtube.com/watch?v=NFxrVx40nqU&ab_channel=Whitesand
Ep 6 – Era Vargas – O crepúsculo de um Ídolo	Lucifers Waltz - Seccession Studios Lucifer Soundtrack	https://www.youtube.com/watch?v=ikl-QYQ252Q&ab_channel=SeccessionStudios
Ep 7 – 1964 – O Brasil entre armas e livros	Pilgrimage - Seccession Studios	https://www.youtube.com/watch?v=oFVX_NCVPUg&ab_channel=SeccessionStudios
Ep 7 – 1964 – O Brasil entre armas e livros	The Untold - Seccession Studios	https://www.youtube.com/watch?v=U-iHnbPb60Y&ab_channel=SeccessionStudios

Como dito anteriormente, estas não são todas as músicas disponíveis nos episódios, são as músicas que conseguimos identificar através da pesquisa realizada, e grande parte delas se repete nos demais episódios. Chama atenção, entretanto, as trilhas sonoras utilizadas, dentre elas músicas de compositores conhecidos, ainda vivos e filmes famosos. São os casos do primeiro, segundo e terceiro episódios respectivamente. Parte dessas músicas foi composta por

Hans Zimmer, um dos autores mais consagrados de trilhas sonoras para o cinema mundial, compositor de trilhas sonoras de *Rei Leão*, *Gladiador*, *Interstellar* e tantas outras²⁵⁸. Teriam essas músicas autorização para serem utilizadas nas produções da Brasil Paralelo ou esse caso se aproximaria do que encontramos a respeito da utilização da fotografia de Sebastião Salgado?

Em tempo, não podemos deixar de ligar a relação musical observada aqui com o nome “Brasil Paralelo”, que segundo os próprios sócios da empresa, teve inspiração no filme “*Interstellar*”, do cineasta Christopher Nolan, onde o personagem principal “precisa salvar a humanidade do apocalipse terrestre entrando em um buraco de minhoca no espaço e encontrando um planeta habitável nesse universo paralelo que salvaria a espécie humana”²⁵⁹. Como mencionado, o compositor da trilha sonora deste filme é Hans Zimmer. Nos parece que, mais do que inspiração no nome da empresa, ocorreu uma inspiração em relação ao estilo musical, quem sabe também no lado ficcional da obra.

No artigo de Fernando Nicolazzi, citado anteriormente, o autor menciona duas músicas. A primeira é música utilizada no tema de todos os episódios, durante a abertura. A música tem o nome de “*Da pacem domine*”, e soa como um canto gregoriano, sem instrumental inicialmente, e aos poucos um piano começa a acompanhar as vozes masculinas cantando em Latim. Essa é uma versão única, que só encontramos nos vídeos da Brasil Paralelo, nenhuma outra gravação tem esse mesmo instrumental. Provavelmente é fruto de produção da própria, onde foi feito um *remix* da música original com o som de piano sendo acrescentado. Se buscarmos com esse áudio de *Brasil – a última cruzada* encontramos referências a outras gravações da música e também de vídeos do youtuber Nando Moura, principalmente da época em que ele divulgava muito em seu canal a Brasil Paralelo²⁶⁰. A versão que utilizamos aqui para audição é uma gravação de 2018 de um CD chamado “*Le chant des Templiers – chant of the templars – XII Siècle*”²⁶¹. No site da *harmonia mundi*, gravadora que lançou o álbum, existe um pequeno resumo sobre a obra, onde afirmam que o maestro responsável pela gravação do

²⁵⁸ARANHA, Fernanda. Hans Zimmer: 66 anos do famoso compositor de cinema. Antena 1. 12 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.antenal.com.br/noticias/hans-zimmer-66-anos-do-famoso-compositor-de-cinema>. Acesso em: 20 de Julho de 2024

²⁵⁹SANTOS, Mayara Aparecida Machado Balestro dos. Agenda conservadora, ultraliberalismo e “guerra cultural”: “Brasil paralelo” e a hegemonia das direitas no Brasil contemporâneo (2016-2020). 2021. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2021, p. 60

²⁶⁰NANDO MOURA. CINEMARK – o cinema COVARDE!!! Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=C6fwNLkO_Ws&ab_channel=NandoMoura. Acesso em: 20 de julho de 2024

²⁶¹ANONYMOUS. *Le chant des Templiers – chant of the templars – XII Siècle*. 2018. Disponível em: <https://www.harmoniamundi.com/en/albums/chant-of-the-templars/>. Acesso em: 20 de julho de 2024

material encontrou e reconstruiu manuscritos raros, datados do século XII e originários da basílica do Santo Sepulcro, em Jerusalém, local onde ocorriam rituais e cerimônias da ordem dos cavaleiros templários²⁶².

Faz sentido que essa seja a música utilizada pela Brasil Paralelo para a abertura de sua série, uma vez que desde o primeiro episódio tenta-se construir a ideia de que a história do Brasil é uma história santa, prometida, de glórias ligadas à religião e à conquista portuguesa, um reino católico. A parte da letra utilizada em latim diz: “*Da pacem, Domine, in diebus nostris/ Quia non est alius/ Qui pugnet pro nobis/ Nisi Tu Deus noster*”, que em uma tradução livre seria “Dá a paz Senhor, Dá a paz Senhor em nosso tempo/ Pois não há ninguém/ que lute por nós/ Senão tu, Deus nosso.”²⁶³

A outra música mencionada por Nicolazzi é “Sonata ao luar”, de um dos compositores mais famosos do mundo, Ludwig van Beethoven. Esta, ao que nos consta, é utilizada somente ao final do quarto episódio. Descrever e representar o estado de ânimo, além dos pensamentos e emoções, é uma das principais facetas da música no cinema²⁶⁴, e acreditamos que essa definição caiba muito bem aqui. Oliveira aponta que a distância entre os intervalos, bem como a forma como os acordes e trechos musicais são utilizados geram impressões de “clareza” ou “obscuridade” na percepção do espectador²⁶⁵. Essa atmosfera é significativa para as análises apontadas nesse trabalho, uma vez que nos parece interessante para a Brasil Paralelo inserir o seu público em um ambiente de crença máxima no que é exibido, utilizando a maior quantidade de atributos narrativos possíveis.

A *sonata* criada por Beethoven, ainda no século XIX, é uma das obras mais conhecidas do mundo, sendo já um sucesso na época de seu lançamento. Pensada pelo autor com o nome de “*Quase uma fantasia*”, a música ganhou o apelido em alemão de “*mondscheinsonate*” (Sonata ao Luar), cinco anos após a morte do compositor, devido à análise de um crítico musical que descreveu dessa forma a abertura da peça. Além disso, a sua utilização na *cultura pop* é marcante, o cinema está recheado de produções que escolheram a canção para ilustrar

²⁶²ANONYMOUS. Le chant des Templiers – chant of the templars – XII Siècle. 2018. Disponível em: <https://www.harmoniamundi.com/en/albums/chant-of-the-templar/>. Acesso em: 20 de julho de 2024

²⁶³ANONYMOUS. Da pacem domine. 2018. Disponível em: <https://www.harmoniamundi.com/en/albums/chant-of-the-templar/>. Acesso em: 20 de julho de 2024

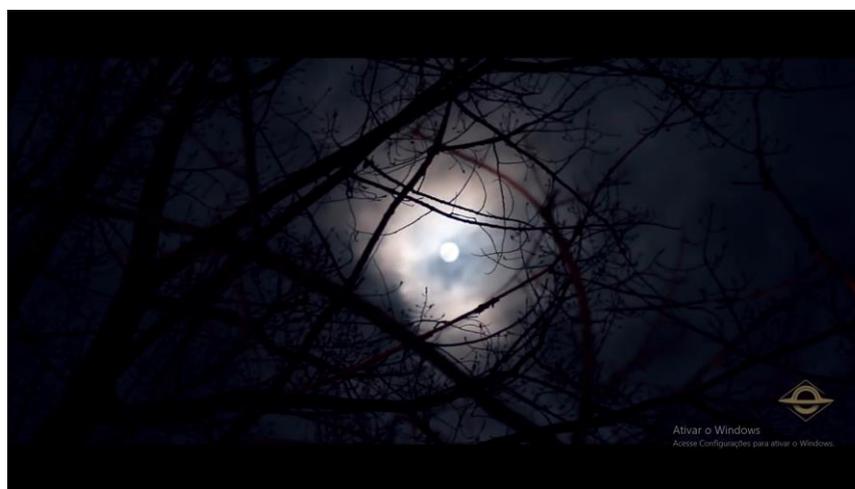
²⁶⁴OLIVEIRA, Marcio Pizzi. A caracterização emocional e as conotações musicais: avaliação de conceitos do campo do audiovisual. Anais do IV SIMPOM 2016 – simpósio brasileiro de pós-graduandos em música. UNIRIO, 2016, p. 125

²⁶⁵Ibid., p. 125

momentos em seus filmes. Dentre os exemplos mais conhecidos é possível citar os filmes “O pianista” (2003), de Roman Polanski, e “Entrevista com O Vampiro” (1994), de Neil Jordan²⁶⁶. Mas a qual momento que *Brasil – a última cruzada* reserva essa passagem?

Os autores da série escolheram um momento específico do encerramento para usar a música. Ao falarem sobre a saída de D. Pedro I do Brasil e a necessidade de que alguém cuidasse do futuro imperador, D. Pedro II, começam a relatar onde estava José Bonifácio e sua situação. Em todo esse momento o fundo sonoro é imponente, orquestrado e em tom vitorioso, mas um corte abrupto acontece, a tela fica escura e uma lua surge no céu. A sonata começa a tocar e o narrador afirma que a esposa de Bonifácio faleceu. O seu consolo? Retornar ao Brasil para cumprir como último pedido do imperador, seu destino de tutor. A cena toda dura cerca de três minutos, sem contar os créditos finais, e é encerrada com a leitura da resposta de José Bonifácio para o D. Pedro I e a frase “Dom Pedro não morreu, apenas homens ordinários morrem, heróis não”, atribuída a Bonifácio²⁶⁷ e um “continua” é a última coisa vista antes dos créditos.

Figura 3 – Luar no céu



Cena com o luar no céu - 01:09:40

A construção de um ambiente para que o espectador seja inserido é claro nesse trecho mencionado, a mudança sonora, o tom da narração e a própria ênfase na imagem escolhida pela

²⁶⁶FRITZ DOBBERT. A famosa “Sonata ao Luar”. 7 de outubro de 2020. Disponível em: <https://blog.fritzdobbert.com.br/pianistas/sonata-ao-luar-de-beethoven/#>. Acesso em: 20 de julho de 2024

²⁶⁷BRASIL PARALELO. “Independência ou Morte”, Felipe Valerim, 01:09:33

empresa, de um “luar”, ao usar a sonata de Beethoven, que leva este mesmo nome. A dramaticidade chega a ser tacanha, mas é sem dúvidas feita de forma pensada. O clima escuro que a cena propicia é diretamente ligado à música, chegando a ser difícil imaginar outra peça sonora que estive à altura para tal feito.

Não é somente através do conhecimento de teoria musical que podemos perceber isso, pelo contrário, basta ser reativo ao sentimento que certa passagem cause em nossa percepção, mas para guiar os ouvidos do leitor podemos utilizar um outro exemplo de fácil percepção. Nos primeiros minutos dos episódios, é sempre realizado um preâmbulo descritivo do que virá a seguir, e logo quando termina é iniciada a fala do primeiro entrevistado. No segundo episódio, de nome “A vila rica”, já citado anteriormente, o primeiro entrevistado fala do encontro entre indígenas e portugueses com tom de positividade. A fala fica por conta de Leandro Narloch, conhecido como autor do livro “Guia Politicamente incorreto da história do Brasil”. Em dado momento ele menciona:

A América ela ficou isolada. E acontece muito com sociedades humanas, quando ela fica isolada ela emburrece, ela fica pobre culturalmente. Então quando a gente teve essa reconexão dos americanos com os europeus, isso foi um dos episódios mais extraordinários da história do mundo²⁶⁸.

Junto com sua fala um fundo sonoro também se inicia²⁶⁹. Uma música tocada ao piano, na tonalidade de Sol Maior, onde a melodia percorre as notas lentamente, dando ênfase no intervalo de 4^a justa, entre as notas Ré e Sol. Essa melodia, e o intervalo musical mencionado, evocam exatamente o sentimento de algo bom, uma calma, para usar os termos de Oliveira, uma clareza²⁷⁰, como uma manhã de sol nascente, enfatizando o que o entrevistado afirma durante sua fala.

E a escolha desse episódio e momento não foi desconectada de nossa vontade de exemplificar ao máximo essa fronteira musical para o leitor, pois é logo na fala do próximo entrevistado que temos um dos cortes mais abruptos da série analisada. Ao falar dos conflitos

²⁶⁸BRASIL PARALELO. “A Vila Rica”, Leandro Narloch, 00:09:44

²⁶⁹BRASIL PARALELO. “A Vila Rica”, Leandro Narloch, 00:09:18

²⁷⁰OLIVEIRA, Marcio Pizzi. A caracterização emocional e as conotações musicais: avaliação de conceitos do campo do audiovisual. Anais do IV SIMPOM 2016 – simpósio brasileiro de pós-graduandos em música. UNIRIO, 2016, p. 125

entre indígenas e portugueses a música muda totalmente, seguindo a mesma intenção da narrativa construída na série. Enquanto o entrevistado afirma:

Os índios que se aliam aos Portugueses, são índios que perceberam que uma aliança era vantajosa, que tinha um monte de tribo nômade violentíssima, aqui no litoral do Espírito Santo tinha muita tribo violenta, que ocupavam as, sempre as mais violentas ocupavam as faixas litorâneas né? Acho que a mais violenta que tinha aqui eram os Botocudos, que atacavam essas tribos que era tribos fixas, e essas tribos foram, é, viram os portugueses como aliados, contra esses índios que chegavam, escravizavam, matavam e comê que você explica essa história pras pessoas depois de já ter uma história toda construída com base ‘os portugueses eram os malvados, dizimaram as populações indígenas e tal’²⁷¹

Enquanto a imagem do entrevistado e as famosas pinturas de Theodor de Bry são exibidas para o espectador, uma música também inicia de forma abrupta, causando uma tensão completamente diferente da anterior. Na tonalidade de Ré menor, a melodia percorre os semitons entre as notas Lá e Lá bemol, em um instrumento de sonoridade próxima de um *shamisen*, instrumento oriental chinês. Essa tensão se aproxima muito daquelas causadas quando mocinho e vilão se encontram em um faroeste para o duelo final. Curiosamente a música utilizada não é de cinema, mas sim de um jogo, *Assassin’s Creed black flag*²⁷², pelo menos foi o que nossa busca utilizando o som do episódio encontrou.

A utilização desses aportes musicais por si só não é um problema, eles são um complemento maior da produção. É claro, que devido ao caso citado de utilização de imagem de Sebastião Salgado sem autorização, pensamos se todas essas obras musicais que aparecem nos episódios tiveram suas autorizações prévias, ou foram pegadas no banco musical gratuito da própria plataforma. Juntos com todos os demais apontamentos no *lugar*, na *prática* e na *escrita* da produção ***Brasil – a última cruzada***, as músicas servem de aporte narrativo para acessar sentimentos e emoções específicas do público, que espera receber algo apoteótico. Nesse sentido, como já mencionado diversas vezes nesse trabalho, o marketing construído é o de que uma grande verdade escondida seria revelada, e mais do que isso, algo que fecha o debate, que exclui diferenças e opiniões contrárias. O que percebemos, nunca inversão quase psicanalítica,

²⁷¹BRASIL PARALELO. “A Vila Rica”, Bruno Garschagen, 00:10:41

²⁷²UBSOFT MUSIC. Assassin’s Creed IV Black Flag – meet the Sage (Track28). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rKVV3RAVYtI&ab_channel=UbisoftMusic. Acesso em: 20 de julho de 2024

é que ao final de nossa análise a Brasil Paralelo realiza o que acusa os seus inimigos de fazer. São eles que fecham o debate histórico, e para isso buscam ao máximo o valor de ufanismo e emoção narrativo, ideologizando tudo que não concordam, criando medos, estabelecendo que a verdade é cristã e de superioridade europeia, tendo uma ampla teoria da conspiração de fundo: aqueles que não concordam são *marxistas culturais*.

Conclusão

A conclusão de um trabalho de pesquisa é sempre um desafio, principalmente por termos a sensação de que poderíamos ter escrito mais ou delimitado melhor algumas questões, mas os prazos chegam e relações mais práticas da pesquisa precisam ser encerradas. Afirmo isso ao leitor pois certamente essa pesquisa não se encerra com esse texto ou mesmo apresenta uma solução que invalida outras formas de análise. Isso seria incompatível com o que acredito em relação a história e de forma geral as ciências humanas. Novas formas de análise são sempre bem-vindas, e um novo trabalho sobre o nosso mesmo objeto de estudo certamente geraria um resultado diferente. Soma-se a esse processo a armadilha de cair em um limbo que nós mesmos criticamos, o de estarmos atualizados constantemente, em um processo de *hiperaceleração* moldado pelo neoliberalismo e suas delimitações. O vínculo da pesquisa às práticas da Internet e das redes sociais também gera uma sensação de imediatismo, que é diferente em relação ao tempo da Academia, por assim dizer. Desta forma, optei por concluir essa dissertação de forma aberta, elencando pontos que acredito serem primordiais para a totalidade do texto e fazendo alguns comentários que considero pertinentes sobre o futuro.

A teia de relações e temas abordados em *Brasil – a última cruzada* é ampla e extremamente complexa, tendo sido um verdadeiro desafio realizar uma pesquisa sobre sua totalidade. Tudo que apresentei até aqui foi então obra de escolhas e perguntas que fizemos à luz do conceito de *operação historiográfica* e principalmente do lugar de produção dessa obra. E nossas perguntas nos levaram primeiro ao lugar de delimitar qual era o lugar da empresa Brasil Paralelo, porque ao assistir cada episódio parecíamos encontrar um *ethos* empreendedor que fazia questão de delimitar sua não-ligação com o mundo educacional convencional e ou público, com financiamentos de governo, por exemplo. A busca então por um CNPJ e uma descrição oficial foi a porta de entrada desse ponto, nos mostrando inclusive que a escolha de local para a sede da empresa e seus funcionários emanavam o mesmo perfil que eles buscavam delimitar no documentário. O sucesso e crescimento, próprio das diversas histórias de empreendedores que começam com um sonho e ganham o mundo apenas com a sua meritocracia estava presente na narrativa que eles tentavam construir. O que nos levou à análise de que esse modelo de produção era então algo vinculado estritamente a lógica de mercado e venda de produto. De tal forma o conceito de *história como serviço* moldou a nossa discussão em delimitar pontos chave de toda a narrativa.

Delimitar o que não era também foi importante, por isso realizamos uma discussão inicial a respeito da história pública e como ela se diferenciava do que estávamos analisando, afinal, de forma um tanto quanto fantasmagórica, uma crítica que sempre se escuta nos círculos de pesquisa da historiografia é que empreendimentos como o de *Brasil – a última cruzada* fazem sucesso pois os historiadores e acadêmicos não realizariam a tal história pública, divulgação histórica e afins, de forma exitosa. E por mais que tenhamos uma concordância com a crítica a respeito da chamada *torre de marfim*, julgar que o sucesso de uma produção é fruto da inação de um grupo nos parecia inválido. De tal forma o financiamento e as práticas enquanto empresa mostraram que nessa disputa não existia meritocracia para com os historiadores. Mostramos que em diversas vezes o material utilizado para divulgação e anúncio dos episódios foi baseado em conteúdo pago, afirmado pela empresa como um financiamento dos membros, por mais que isso seja algo difícil de comprovar financeiramente.

Nossa análise também fez questão de pautar o momento histórico de produção, principalmente por delimitar forças além do próprio texto construído nos episódios. O crescimento da chamada *Nova Direita* e sua quase hegemonia no campo digital fez com que muitas vezes a discussão partisse desses atores, os temas foram pautados por eles e muitas vezes rebater os argumentos foi também uma forma de divulgar a própria produção. O que podemos ver claramente a respeito do último episódio, e não coincidentemente, o mais assistido. “1964: o Brasil entre armas e livros”. Este, que teve seu lançamento programado para os cinemas, e posteriormente cancelado, por fazer apologia a ditadura militar, segundo a empresa Cinemark, teve uma introdução com falas a respeito desse cancelamento, mas agora sendo chamado de censura. A censura viria justamente dos meios de comunicação, da Universidade, dos políticos. Essa estratégia de inverter o ataque nos chamou atenção, pois ela tencionava cada vez mais o debate e colocava a empresa como agentes *outsiders* da política. Dessa maneira encontramos um vínculo extremamente dependente da linguagem das redes sociais e a lógica algorítmica para com a narrativa construída em *Brasil – a última cruzada*.

A inversão dos ataques demonstra-se ainda na construção da ideia que passa sempre através da lógica de que eles revelam a verdade, de que a Universidade e os professores, de uma forma geral, são aqueles que fecham o debate, que censuram e mentem. Deslegitimam os adversários para que se construa todo o projeto de história da empresa. Acusam a todos de serem ideológicos e *marxistas* como se houvesse forma de isenção na sua construção narrativa. Ora, mais do que silenciar ou negar um determinado assunto, a forma como cada temática é

abordada rejeita a síntese de um Brasil que é fruto de seu processo colonizador. Quando a empresa fala, por exemplo, a respeito da escravidão, opta por criar uma meia culpa em relação à escravidão transatlântica, afirmando que a escravidão sempre existiu, que ela não era racializada, ou mesmo que a forma como os muçulmanos tratavam seus escravos era pior que do que os portugueses. Quando falam da relação entre portugueses e indígenas, partem de uma lógica de superioridade cultural e etnocêntrica, comparando, por exemplo, a música e a religião dos povos originários a dos católicos colonizadores. Quando falam a respeito dos militantes e guerrilheiros que lutaram contra a ditadura civil-militar, optam por seguir a linha de que foram eles os culpados pelo endurecimento do regime. Quando querem criticar o regime político pós 1985 e a própria Constituição de 1988, afirmam que aqueles que a construíram eram os portadores do *marxismo cultural*, que agora não implementaria mais a revolução através das armas, mas sim, da cultura.

Esse é um processo que reconhecemos como método, que não é o negacionismo clássico, por assim dizer, mas uma forma que leva a deslegitimação de um passado construído pela historiografia ao longo dos últimos anos. Ela não exclui, ela segrega, separa, coloca a produção de conteúdo histórico que não é produzida pela Brasil Paralelo como falso, inverídico. Para tanto, é necessário um valor laboral, simulacro de história. É preciso fazer parecer para o espectador que documentos e fontes históricas são amplamente utilizadas, mas a construção só é realizada em cima da fala do narrador e dos entrevistados, estes que são a única fonte utilizada amplamente na produção dos sete episódios. Muitos dos rostos são conhecidos na política da *Nova Direita*, entretanto, para nós, essa não é uma questão. Parece-nos muito mais importante imaginar qual a relevância, além do gosto pessoal da empresa, desses personagens para a narrativa, e nossa conclusão é a de que não existe relevância além de reafirmação dos pontos estabelecidos previamente pela Brasil Paralelo. Acreditamos que a criação dessa relevância passa pela forma como cada entrevistado é apresentado.

A forma como os entrevistados de cada episódio surge a tela, bem como as imagens e músicas escolhidas, o ângulo de fala direta com o espectador e o ângulo que os entrevistados surgem pode ser ignorado num primeiro momento, mas não nos pareceu em vão. Para além da construção de uma linguagem clichê de documentários, percebemos um certo ar de apelo nas falas de introdução de Valerim, a cada novo episódio afirmando que as produções só seriam possíveis com mais assinantes, com novos compradores, em oposição a fala de superioridade, com olhar desviado da câmera, dos entrevistados. Concluímos que as mídias são importantes

produtoras da visibilidade do passado, no meio audiovisual então elas se tornam formas poderosas para a construção de fatos e disputas de poder. Junto a isso, a série usa e abusa de imagens, fotografias, câmera lenta, trilhas sonoras, para afirmar pontos estabelecidos previamente pela empresa e trazer um apelo emocional próprio da narrativa ufanista.

Chegamos assim ao processo de finalizar os apontamentos, dar nome ao que perguntamos no grande objetivo deste trabalho. A partir da observação da *operação historiográfica* chegamos à conclusão de que o *Lugar* de produção de ***Brasil – a última cruzada*** é o de privatização e mercado, uma produção que baseia toda sua conquista numa lógica de ser a que teve mais acessos, mais visualizações e que atingiu um sucesso, mas, lógico, é necessário pagar, assinar, para continuar tendo esse tipo de conteúdo. A ideologia construída a partir de cada episódio anda de mais dadas com o neoliberalismo e a linguagem mercadológica, muito forte nos últimos anos, demonstrando que o sucesso do empreendimento também não é fruto somente da própria empresa, mas do momento histórico de ascensão da própria direita na política nacional.

Sua *prática* é um simulacro histórico que diminui ou amplifica assuntos para construir uma narrativa cristã e delimitada a partir de inimigos que ela mesmo constrói, como os professores, a universidade, e os *marxistas*. Sujeitos jovens, os produtores, se colocam como aqueles que sonham em trazer novamente o orgulho da história do Brasil, mas para isso precisam de inserir uma prática de viés conservador. Por fim, sua *escrita*, a divulgação por assim dizer, é abusadamente emocional, não se furtando de utilizar por vezes imagens que não tem ligação alguma com o fato narrado, como abordamos ao longo do último capítulo, ou ainda músicas de tom fúnebre para encerrar momentos históricos como a partida de D. Pedro I para Portugal, deixando o filho no território do Brasil.

E o futuro? Bom, seguimos uma lógica de que uma conclusão como essa não deve apenas fechar as janelas que abriu ao longo da pesquisa, mas sim ampliar as formas de análise possíveis. Dessa forma defendemos abertamente que nossa pesquisa tem um valor ético e social no sentido de analisar o que nos ataca enquanto professores de história e historiadores, afinal, tal forma de ataque parece ser um pilar estruturante da narrativa empregada em ***Brasil – a última cruzada***. Mas ao saber o que nos ataca também possibilita pensar como podemos expandir e mudar a nossa forma de escrita, de fazer historiográfico. É preciso antes de tudo demonstrar que quem fecha o discurso, quem coloca dicotomias ao invés de tons de cinza são

os negacionistas, eles que traçam uma narrativa que não permite dissensos, discordâncias ou revisões. Eles têm uma prática que é então antidemocrática e antiprogressista. Devemos correr pelos trilhos de pluralizar e democratizar cada vez mais o acesso ao processo educacional público e, conseqüentemente, de valores progressistas. As velhas botas da modernidade talvez não sejam mais os calçados adequados para construir esse processo, defender uma cientificidade a todo custo não parece dar certo contra o tipo de empreendimento analisado. Logicamente essa é uma mudança que não depende de indivíduos, é propriamente o contrário, depende de mudanças disciplinares que sustentam as ruínas da historiografia desgastada. É preciso organização, radicalidade e um combate às forças que tentam colocar os historiadores como empresas que devam dar lucro; mais produção não é igual a mais relevância, da mesma forma que mais seguidores não são um sinal de qualidade. É preciso escutar os dilemas do mundo e das gerações que tem nas mãos agora uma comunicação que é algorítmica e controlada pelas *big techs*, de certa forma trazer uma reflexão a respeito do valor social e prático da história enquanto aquela que pode ensinar sobre o passado, mas principalmente, que pode caminhar para um dos futuros que estamos disputando nesse exato momento.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Juliene Rabêlo de. & ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. **Introdução à História Pública**. São Paulo: Letra e Voz, 2007

ÁVILA, Arthur Lima de. **Qual passado escolher? Uma discussão sobre o negacionismo histórico e o pluralismo historiográfico**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 41, nº 87, 2021

BAUER, Caroline Silveira. **Qual o papel da história pública frente ao revisionismo histórico?** In. MAUAD, Ana Maria, SANTHIAGO, Ricardo, BORGES, Viviane Trindade. Que história pública queremos? São Paulo, Letra e Voz, 2018

BRITO, Karina Oliveira, JUNIOR, Osvaldo Rodrigues. **A cruzada “alternativa” da Brasil Paralelo: a história como instrumento de guerra cultural**. *SÆCULUM* – Revista de História [v. 26, n. 45]. João Pessoa, p. 231-246, jul./dez. 2021, ISSN 2317-6725

CALEGARI, João Victor de Oliveira. **Internet e sala de aula: um breve relato sobre negacionismo histórico e consumo dos alunos em rede**. Palavras Abertas, n. 8 (2024): 60 Anos do Golpe Militar no Brasil e o Ensino de História, ISSN2764-0922.

CALDEIRA NETO, O. **Neofascismo, “Nova República” e a ascensão das direitas no Brasil**. Conhecer: Debate entre o Público e o Privado, v. 10, n. 24, p. 120-140, 2020

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. **Onde fica a autoridade do historiador no universo digital?** In. MAUAD, Ana Maria, SANTHIAGO, Ricardo, BORGES, Viviane Trindade. Que história pública queremos? São Paulo, Letra e Voz, 2018

CATERINA, Gianfranco **Um grande oceano: Brasil e União Soviética atravessando a Guerra Fria (1947-1985)**. Tese de doutorado. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Rio de Janeiro, 2019

CERTEAU, Michael de. **A escrita da História**; tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2015

CESARINO, Letícia. **O mundo do avesso - A verdade política na era digital**. São Paulo, Ubu Editora, 2022

CESARINO, Letícia. **Pós-Verdade e a Crise do Sistema de Peritos: uma explicação cibernética**. Ilha – Revista de Antropologia, Florianópolis, v. 23, n.1, p. 73-96, 2021

CLETO, Murilo. **A escravidão negra na obra da Brasil Paralelo**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 31., 2021, Rio de Janeiro. Anais [...]. São Paulo: Anpuh-Brasil, 2021. Tema: história, verdade e tecnologia. p. 01-14. Disponível em: https://www.snh2021.anpuh.org/resources/anais/8/snh2021/1628269653_ARQUIVO_60a5b1cd87b446149f0f058959f457d6.pdf. Acesso em 15 de Maio de 2023

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016

DIAS, Bárbara Matos. **A invenção da História no cinema de Quentin Tarantino: apropriação e vingança**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022

FANJUL, Adrián Pablo. **“Num dia comum de hoje”**. **Transfigurações entre discursos de reivindicação da ditadura em 1975 e em 2019**. Fragmentum, Santa Maria, v. 54, p. 71-94, jul./dez. 2019

FICO, Carlos. **Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar**. Rio de Janeiro: Record, 2004

FISHER, Mark. **Realismo capitalista. É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?**. São Paulo, Autonomia Literária, 2020

LIDDINGTON, Jill. **O que é história pública?** In: ALMEIDA, Juliene Rabêlo de. & ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. Introdução à História Pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011

MENESES, Sônia. **Os vendedores de verdades: o dizer verdadeiro e a sedução negacionista na cena pública como problema para o jornalismo e a história (2010-2020)**. Revista Brasileira de História, vol. 41, nº87. p. 81. <https://doi.org/10.1590/1806-93472021v42n87-05>

MILMAN, Luís; VIZENTINI, Paulo Fagundes (Orgs.). **Neonazismo, negacionismo e extremismo político**. Porto Alegre: Editora da UFRGS: Corag, 2000. p.123-164

MIRZOEFF, Nicholas. **Right to Look : A Counterhistory of Visuality**. Durham, NC, USA: Duke University Press, 2011

MOTTA, Carolina Paiva. **O Papel da Música na Estrutura do audiovisual em Publicidade.** Trabalho de conclusão de curso. Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2006, p. 13, apud ALVES, Márcia, 2006

NICOLAZZI, Fernando. **Brasil Paralelo: restaurando a pátria, resgatando a história. A Independência entre memórias públicas e usos do passado.** In: Brasil Paralelo: restaurando a pátria, resgatando a história. Seminário 3x22: Independência, memória e historiografia 24-28 de maio de 2021

OLIVEIRA, Marcio Pizzi. **A caracterização emocional e as conotações musicais: avaliação de conceitos do campo do audiovisual.** Anais do IV SIMPOM 2016 – simpósio brasileiro de pós-graduandos em música. UNIRIO, 2016, p. 129

OYEWÙMI, Oyèronké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero.** RJ: Bazar do Tempo, 2021

PICOLI, Bruno Antônio, CHITOLINA, Vanessa, GUIMARÃES, Roberta. **Revisionismo Histórico e Educação para a Barbárie: A verdade da “Brasil Paralelo”.** Revista UFG, V.20: E64896, 2020

PIZZUTIELLO, Andrea Nora. **Documentários-propaganda das ditaduras militares do Brasil (1964-1985) e da Argentina (1976-1983): uma comparação enunciativa discursiva.** 2017. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

ROCHA, Camila. **“Menos Marx, mais Mises”:** Uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). São Paulo, 2018

SANTHIAGO, Ricardo. **Duas palavras, muitos significados. Alguns comentários sobre a história pública no Brasil.** In. História pública no Brasil: Sentidos e itinerários. MAUAD, Ana Maria, ALMEIDA, Juniele Rabêlo de, SANTHIAGO, Ricardo (Orgs). São Paulo, Letra e Voz, 2016

SANTHIAGO, Ricardo. **Pode-se falar de uma história pública brasileira?** In. MAUAD, Ana Maria, SANTHIAGO, Ricardo, BORGES, Viviane Trindade. Que história pública queremos? São Paulo, Letra e Voz, 2018

SANTIAGO JR, Francisco das Chagas Fernandes. **Dimensões historiográficas da virada visual ou o que pode fazer o historiador quando faz histórias com imagens?** Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 11, n. 28, p. 402 - 444, set./dez. 2019

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do Império Cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul.** 2a ed, 1Belo Horizonte, Autentica, 2021

SANTOS, Mayara Aparecida Machado Balestro dos. **Agenda conservadora, ultraliberalismo e “guerra cultural”: “Brasil paralelo” e a hegemonia das direitas no Brasil contemporâneo (2016-2020).** 2021. 147 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2021

SCHURSTER, Karl; GHERMAN, Michel; VFERREIRO-VÁZQUEZ, Óscar. **Negacionismo: A construção social do fascismo no tempo presente.** EDUPE, Recife, 2022.

SILVA, J.A, y R.D. COLACIOS. **1964 - O Brasil entre armas e livros: negacionismos e revisionismo da história».** Revista de Historia Social y de las Mentalidades, vol. 27, no. 1, 2023, pp. 122-159, doi: <https://doi.org/10.35588/rhsm.v27i1.5349>.

SVARTMAN, Eduardo M. **A política externa do governo Figueiredo: continuidade em meio às crises.** In: SILVA, André L.; SVARTMAN, Eduardo (Coords.). Política externa brasileira durante o regime militar (1964-1985). Curitiba: Juruá, 2014

TURIN, Rodrigo. **Entre o passado disciplinar e os passados práticos: figurações do historiador na crise das humanidades.** Tempo [online]. 2018

TURIN, Rodrigo. **Os tempos da independência: entre a história disciplinar e a história como serviço.** Almanack, Guarulhos, n.25, ef00120, 2020. p. 22. Disponível em: <http://doi.org/10.1590/2236-463325ef00120>

TURIN, Rodrigo. **Presentismo, neoliberalismo e os fins da história,** in: AVILA, A. (Org.); NICOLAZZI, F. F.; TURIN, R. (Org.). A História (in)Disciplinada. Teoria, ensino e difusão de conhecimento histórico. 1. ed. Vitória: Milfontes, 2019

TURIN, Rodrigo. **Tempos precários: aceleração, historicidade e semântica neoliberal.** Copenhague: Zazie Edições, 2019

VALIM, Patrícia, AVELAR, Alexandre de Sá, BEVERNAGE, Berber. **Negacionismo: História, Historiografia e Perspectivas de Pesquisa. Revista Brasileira.** São Paulo, v. 41, nº87, 2021

VIZENTINI, Paulo F. **A Política Externa do Regime Militar Brasileiro.** Porto Alegre: UFRGS, 1998

JORNAIS E SITES

ANONYMOUS. **Da pacem domine. 2018.** Disponível em: <https://www.harmoniamundi.com/en/albums/chant-of-the-templar/>. Acesso em: 20 de julho de 2024

ANONYMOUS. **Le chant des Templiers – chant of the templars – XII Siècle. 2018.** Disponível em: <https://www.harmoniamundi.com/en/albums/chant-of-the-templar/>. Acesso em: 20 de julho de 2024

ARANHA, Fernanda. **Hans Zimmer: 66 anos do famoso compositor de cinema.** Antena 1. 12 de setembro de 2023. Disponível em: <https://www.antenal.com.br/noticias/hans-zimmer-66-anos-do-famoso-compositor-de-cinema>. Acesso em: 20 de Julho de 2024

AUDI, Amanda. AGÊNCIA PÚBLICA. **Coordenado por monarquista, curso ligado à Brasil Paralelo forma professores de história.** 17 de Junho de 2024. Disponível em: <https://apublica.org/2024/06/coordenado-por-monarquista-curso-ligado-a-brasil-paralelo-forma-professores-de-historia/>. Acesso em: 22 de Junho de 2024

BOLETIM LIBERDADE. **Brasil Paralelo: em entrevista exclusiva, conheça a origem dos documentários que fazem sucesso na internet.** 19 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2018/07/19/brasil-paralelo-em-entrevista-exclusiva-conheca-a-origem-dos-documentarios-que-fazem-sucesso-na-internet/> Acesso em: 06 de agosto de 2022

BRASIL PARALELO. **Seja membro.** Disponível em: https://site.brasilparalelo.com.br/seja-membro/?src=976f0de0e9454614a9f095dacf449703&utm_source=search&utm_medium=ads&utm_campaign=ppt_geral&utm_term=00%20-

%20%5BKW%5D%20Brand&utm_content=Responsivo_simples&gclid=EAIAIQobChMIxtyX_daK_QIVZkFIAB1cHQoLEAAYASAAEgLZePD_BwE

BRASIL PARALELO. **1964: O Brasil entre armas e livros.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg&list=PL3yv1E7IiXySpilepZSpHnrWG Wbmryk9j&index=2&ab_channel=BrasilParalelo

BRASIL PARALELO. **A Cruz e a Espada.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_4vxDb_j7yM&list=PL3yv1E7IiXyQeAaMSn62T86Zzq336k8rF&index=1&ab_channel=BrasilParalelo. Acesso em: 04 de fevereiro de 2021

BRASIL PARALELO. Disponível em: <https://www.brasilparalelo.com.br/sobre>

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Comissão vai debater declaração de Bolsonaro sobre punição a filho gay.** Brasília, 2010. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/144388-comissao-vai-debater-declaracao-de-bolsonaro-sobre-punicao-a-filho-gay/>

CNPQ. Currículo Lattes, **Marcus Paulo Rycembel Boeira.** Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2064957445315362>

ESPIRITO SANTO. **Tribunal de Justiça do Estado do Espírito Santo. Apelação Cível n. 0012952-76.2019.8.08.0024.** Vitória, 10 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/processos/391594371/processo-n-001XXXX-7620198080024-do-tjes>. 20 de junho de 2024

ESTADÃO. **Propina em Ouro, via bíblia e no pneu: entenda o escândalo dos pastores e ‘gabinete paralelo’ no MEC.** 23 de Setembro de 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/propina-em-ouro-via-biblia-e-no-pneu-entenda-o-escandalo-dos-pastores-e-gabinete-paralelo-no-mec/>

ESTADO DE MINAS. **Ranking vê novas forças no setor de educação.** 02 de setembro de 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2021/09/02/internas_economia,1301971/ranking-ve-novas-forcas-no-setor-de-educacao.shtml

EXTRA. Bolsonaroistas seguem no canteiro da Fernandes Lima após desocupação de faixas. 03 de Novembro de 2022. Disponível em: <https://ojornalextra.com.br/noticias/alagoas/2022/11/84009-bolsonaristas-seguem-no-canteiro-da-fernandes-lima-apos-desocupacao-de-faixas>

FRITZ DOBBERT. **A famosa “Sonata ao Luar”.** 7 de outubro de 2020. Disponível em: <https://blog.fritzdobbert.com.br/pianistas/sonata-ao-luar-de-beethoven/#>. Acesso em: 20 de julho de 2024

GENESTRETI, Guilherme. **Filme pró-golpe militar foi exibido por erro, informa Cinemark.** FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/04/filme-pro-golpe-militar-foi-exibido-por-erro-informa-cinemark.shtml>

Governo Federal. **REDESIN.** Disponível em: <https://consultacnpj.redesim.gov.br/>

GUEDES, Octavio, SADI, Andréia. G1. **PT identifica rede articulada de criação fake news com 34 perfis e vai ao TSE cobrar ação no Twitter.** 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/blog/octavio-guedes/post/2022/10/07/pt-identifica-rede-articulada-de-criacao-fake-news-com-34-perfis-e-vai-ao-tse-cobrar-acao-do-twitter.ghtml>

LIDERCAS. Henrique Viana. 01:05:22. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HNx2CO-YrhQ&t=4325s&ab_channel=Lidercast

LIDERCAS. **Henrique Viana.** 01:05:22. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=HNx2CO-YrhQ&t=4325s&ab_channel=Lidercast. Acesso em: 28 de Março de 2023

LINKEDIN. **Rafael Nogueira, Formação Acadêmica.** Disponível em: <https://www.linkedin.com/in/rafael-nogueira-b178a320/details/education/>.

LONGO, Ivan. Brasil de Fato. **Punido por apologia ao nazismo, Monark reaparece nas redes: “Férias acabaram. Se preparem”.** 23 de Março de 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/23/punido-por-apologia-ao-nazismo-monark-reaparece-nas-redes-ferias-acabaram-se-preparem>

MORAES, Carolina, PORTO, Walter. FOLHA DE SÃO PAULO. **Produtora Brasil Paralelo é quem mais paga anúncios políticos do Google**. 23 de junho de 2022. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/06/produtora-brasil-paralelo-e-quem-mais-paga-anuncios-politicos-do-google.shtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=twfolha

NANDO MOURA. **CINEMARK – o cinema COVARDE!!!** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=C6fwNLkO_Ws&ab_channel=NandoMoura. Acesso em: 20 de julho de 2024

NICOLAZZI, Fernando. **Negacionismo e usos afetivos do passado no Brasil contemporâneo**. Politika. 2023. Disponível em: <https://www.politika.io/fr/article/negacionismo-e-usos-afetivos-do-passado-no-brasil-contemporaneo>

PANICO NA JOVEM PAN. **Brasil Paralelo (1964: O Brasil entre armas e livros) - Pânico - 01/04/19**. YOUTUBE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PNyPESo6HvI>

RODRIGUES, Icles. **Negação do holocausto: David Irving e o Relatório Leuchter**. Youtube, 23 de Agosto de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eNODxKNR9yk&ab_channel=LeituraObrigaHIST%C3%93RIA

SALDAÑA, Paulo. FOLHA DE SÃO PAULO. **Sob Bolsonaro, gasto do MEC com investimentos é o menor desde 2010**. 14 de Fevereiro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2021/02/sob-bolsonaro-gasto-do-mec-com-investimentos-e-o-menor-desde-2015.shtml>

SÃO PAULO. **Tribunal de Justiça de São Paulo. Tutela Antecipada Antecedente – Liminar n. 1098555-65.2019.8.26.0100**. Sentença. São Paulo, 22 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/tj-sp/2557521796/inteiro-teor-2557521800>. Acesso em: 20 de junho de 2024

SERVA, Leão. **Filme ‘1964’ faz uso indevido de foto de Sebastião Salgado**. Folha de São Paulo, São Paulo. 07 de Maio de 2019. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/05/filme-1964-faz-uso-indevido-de-foto-de-sebastiao-salgado.shtml>. Acesso em: 20 de junho de 2024

SILVEIRA, Daniel. G1. **Em meio à crise, mercado de educação é o que mais cresce em número de empresas no Brasil, diz IBGE**. 26 Junho de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/06/26/em-meio-a-crise-mercado-de-educacao-e-o-que-mais-cresce-em-numero-de-empresas-no-brasil-diz-ibge.ghtml>

THE NOITE COM DANILO GENTILI. **Entrevista com produtores de "1964: o Brasil entre armas e livros" | The Noite (05/04/19)**. YOUTUBE. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-cbyRJnZExk>.

UNIFESP. **Universidades públicas realizam mais de 95% da ciência no Brasil**. 11 de Abril de 2022. Disponível em: <https://www.unifesp.br/campus/gua/noticias-antiores/item/3799-universidades-publicas-realizam-mais-de-95-da-ciencia-no-brasil>

UNIFESP. **Universidades públicas realizam mais de 95% da ciência no Brasil**. 11 de Abril de 2022. Disponível em: <https://www.unifesp.br/campus/gua/noticias-antiores/item/3799-universidades-publicas-realizam-mais-de-95-da-ciencia-no-brasil>. Acesso em: 18 de Março de 2023

VIVAS, Fernanda, FALCÃO Márcio. G1. **Moraes multa Monark em R\$ 300 mil e abre inquérito para investigar o influencer**. 02 de Agosto de 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/08/02/moraes-multa-influencer-monark-em-r-300-mil-e-abre-inquerito.ghtml>.

WEB ESCRITÓRIOS. Disponível em: <https://webescritorios.com.br/alugar/conjunto-corporativo-bela-vista-sao-paulo-sp-185898>

YOUTUBE BRASIL PARALELO. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/BrasilParaleloOficial/about>

YOUTUBE FILMES. **O Dia que durou 21 anos**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QJCugIKcWNs&ab_channel=YouTubeMovies

YOUTUBE PARLATÓRIO LIVRE. Henrique Viana. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=6BF83wbervI&ab_channel=Parlat%C3%B3rioLivre